

BIBLIOTECAS ESCOLARES: QUE COLABORAÇÃO?

**O trabalho colaborativo entre o professor bibliotecário e os professores
Estudo de Caso**

VOLUME II - ANEXOS

Maria Lucília Marques dos Santos

Lisboa, Março de 2010

**MESTRADO EM GESTÃO DA INFORMAÇÃO E
BIBLIOTECAS ESCOLARES**

BIBLIOTECAS ESCOLARES: QUE COLABORAÇÃO?

**O trabalho colaborativo entre o professor bibliotecário e os professores
Estudo de Caso**

VOLUME II - ANEXOS

Maria Lucília Marques dos Santos

Dissertação apresentada para obtenção de Grau de Mestre em
Gestão de Informação e Bibliotecas Escolares

Orientadora:
Professora Doutora Glória Bastos

Lisboa, Março de 2010

ÍNDICE

VOLUME II - Anexos

Anexo 1 - Guião da Entrevista

Anexo 2 - Guião da Entrevista (Documento orientador para o entrevistador)

Anexo 3 - Transcrição da Entrevista ao Coordenador A

Anexo 4 - Transcrição da Entrevista ao Coordenador B

Anexo 5 - Transcrição da Entrevista ao Coordenador C

Anexo 6 - Categorias de Análise das Entrevistas

Anexo 7 - Quadro Síntese de Análise de conteúdo das entrevistas

Anexo 8 - Registos de Observação das Actividades do Coordenador A

Anexo 9 - Tabela de Análise de Conteúdo das Observações Realizadas ao Coordenador A

Anexo 10 - Registos de Observação das Actividades do Coordenador B

Anexo 11 - Tabela de Análise de Conteúdo das Observações Realizadas ao Coordenador B

Anexo 12 - Registos de Observação das Actividades do Coordenador C

Anexo 13 - Tabela de Análise de Conteúdo das Observações Realizadas ao Coordenador C

Anexo 14 - Notas de Campo

ANEXO 1

GUIÃO DA ENTREVISTA

Novembro de 2007

Área Temática:

Trabalho colaborativo entre o coordenador da biblioteca escolar e os professores.

Objectivos:

- I- Conhecer o conceito de trabalho colaborativo - coordenador da biblioteca escolar / professor de turma que detém o coordenador da biblioteca escolar.
- II- Evidenciar características particulares da(s) experiência(s) de trabalho colaborativo do coordenador da biblioteca escolar.
- III- Identificar, na perspectiva do coordenador, factores facilitadores e factores de constrangimento ao trabalho colaborativo.
- IV- Enunciar características pessoais do coordenador, e dos professores em geral, importantes para o trabalho colaborativo.

Tópicos a focar na entrevista:

- I- Conceito de trabalho colaborativo
- II- Características particulares das experiências de colaboração vivenciadas pelo coordenador
- III- Factores facilitadores e factores de constrangimento ao trabalho colaborativo.
- IV- Características pessoais, do coordenador e dos professores, importantes para a colaboração
- V- Elementos adicionais
- VI- Recolha de dados caracterizadores da amostra

ANEXO 2 GUIÃO DA ENTREVISTA

(documento orientador para o investigador)

Área Temática:

Trabalho colaborativo entre o coordenador da biblioteca escolar e os professores.

Objectivos:

- I- Conhecer o conceito de trabalho colaborativo - coordenador da biblioteca escolar / professor de turma que detém o coordenador da biblioteca escolar.
- II- Evidenciar características particulares da(s) experiência(s) de trabalho colaborativo do coordenador da biblioteca escolar.
- III- Identificar, na perspectiva do coordenador, factores facilitadores e factores de constrangimento ao trabalho colaborativo.
- IV- Enunciar características pessoais do coordenador, e dos professores em geral, importantes para o trabalho colaborativo.
- V- Possibilitar a indicação de elementos adicionais
- VI- Recolher dados caracterizadores dos elementos da amostra.

Tópicos a focar na entrevista:

Ponto prévio – diálogo explicativo inicial para legitimação da entrevista

- I- Conceito de trabalho colaborativo
 - solicitar ao entrevistado a definição/conceito pessoal de trabalho colaborativo
- II- Características particulares das experiências de colaboração vivenciadas pelo coordenador
 - solicitar a indicação de exemplos concretos de trabalho colaborativo que tenham realizado
- III- Factores facilitadores e factores de constrangimento ao trabalho colaborativo.
 - solicitar a indicação dos factores que consideram mais importantes para a existência

de trabalho colaborativo; solicitar exemplos da experiência pessoal
- solicitar a indicação de dificuldades para a existência de trabalho colaborativo;
solicitar exemplos da experiência pessoal

IV- Características pessoais, do coordenador e dos professores, importantes para a colaboração

- solicitar a identificação de características pessoais que consideram contribuir para a existência de trabalho colaborativo
- solicitar a identificação de características pessoais dos professores – em geral e dos com quem trabalham – que contribuem para a existência de trabalho colaborativo

V- Elementos adicionais

- dar ao entrevistado a possibilidades de fazer comentários adicionais ou de acrescentar alguma ideia

VI-Recolha de dados caracterizadores da amostra

- recolher elementos relativos a: nº de anos na função de coordenador da biblioteca; formação específica
- recolher também elementos caracterizadores da escola (nº de alunos, de professores)

ANEXO 3

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO COORDENADOR A

Realizada dia 23 de Novembro de 2007, das 10h45 min até às 12h30 (aprox.)

10 *E- Iniciamos a entrevista com o coordenador A e eu vou começar por explicitar uma vez mais os objectivos da entrevista, que já conhece através do guião que enviei. A área temática é: O Trabalho Colaborativo entre o coordenador da BE e os professores da escola em geral. Os objectivos desta entrevista no trabalho são: começar por apresentar o objectivo e a própria entrevista, a que é que ela se destina, dentro da investigação; Conhecer o conceito de colaboração/trabalho colaborativo entre o coordenador da biblioteca e os professores, que o coordenador da BE detém; Evidenciar características particulares da experiência que o coordenador tenha, do trabalho colaborativo que tem desenvolvido; Identificar, na perspectiva do coordenador, factores facilitadores e factores de constrangimento ao trabalho colaborativo; Enunciar características pessoais do coordenador e dos professores em geral que sejam importantes para o trabalho colaborativo na escola, nomeadamente com a biblioteca e por último recolher alguns dados para caracterizar o coordenador.*

20 *Começo por agradecer a disponibilidade da coordenadora (sorri) para participar neste trabalho... neste estudo, que visa conhecer como se faz a colaboração nas escolas. É muito importante esta disponibilidade e o colaborar comigo nesta investigação, para vermos a partir deste estudo a viabilidade de melhorar as práticas e o trabalho que se faz nas Bibliotecas Escolares. Queria informar uma vez mais que os dados são confidenciais, no domínio do anonimato, quer da instituição, escola, quer das pessoas, nomeadamente do coordenador, pois os trabalhos centram-se na pessoa do coordenador da biblioteca.*

Eu já havia solicitado autorização para gravar esta entrevista, portanto estamos já a gravar, concorda, não é verdade?

EE- É verdade.

30 *E- Lembro ainda que os dados recolhidos serão apenas utilizados no contexto deste trabalho, inserido na tese de dissertação para o Mestrado que estou a desenvolver, pela Universidade Aberta. Assim, os dados serão utilizados no trabalho e só nesse contexto. Está de acordo com estas condições?*

EE- Com certeza, com certeza. Toda a certeza possível.

E- Então vamos começar pela primeira questão que gostava de colocar que é: Como é que entende o trabalho colaborativo entre a biblioteca escolar e os professores em geral?

40 EE - Como é que eu entendo... Portanto, o trabalho colaborativo para mim, é um trabalho de articulação, de integração ao nível do currículo, não é? Da biblioteca no currículo. De abertura entre os professores curriculares e a equipa da biblioteca, no sentido de, em conjunto... fazerem um trabalho conjunto, de parceria, em que a biblioteca é uma mais valia para o professor, para o professor ensinar e para os alunos aprenderem. Eu acho que é nesta dupla de ensinar que implica aprender. É neste sentido que eu entendo... Há que colaborar, há que articular, há que pegar na biblioteca e levá-la para a sala de aula, ou trazer a sala de aula para a biblioteca e isto tem que ser feito com partilha, não é? Com documentos comuns, com a elaboração de documentos comuns, com um trabalho consistente, portanto, não é...eu dou um exemplo: não é trazer agora uma turma à biblioteca para mostrar aos meninos o fundo documental e depois acabou. Quer dizer, não acabou! Tem que ser um trabalho muito continuado, que tem que ser desenvolvido pela equipa da biblioteca quando o aluno lá está, nos seus tempos livres e tem que ser continuado também pelo professor curricular...têm que estar ambos em sintonia. Se eu ensino ao aluno o trabalho de pesquisa de determinada forma e falo na literacia de informação, porque penso que é o trabalho de competências que falta desenvolver nas escolas. Se eu estou a desenvolver duma forma, é necessário que o professor também desenvolva da mesma forma, que todos os professores, aliás, que haja um

50

consenso a nível de escola, uma planificação, que haja a nível de escola um trabalho colaborativo, em que a biblioteca entre também, não é? Penso que é isso, não sei se...

E- Hum, hum. O Plano de Actividades da biblioteca deste ano considera actividades nesta linha de trabalho?

10 EE - Sim, temos vindo a trabalhar, mas é o que eu digo, até aqui tem sido um bocadinho... partir pedra, porque há... nós queremos... eu acho que ao nível das bibliotecas, neste momento e ao nível das que estão na Rede... e ao nível dos coordenadores, eu acho que nós já temos, já interiorizámos essa necessidade. O que eu acho é que as escolas e os professores ainda não interiorizaram todos, essa necessidade de... nem é só da biblioteca, é a nível de escola em que uma determinada disciplina não pode ser ensinada e vou por o termo mesmo, isoladamente. Tem que estar tudo ligado e os alunos têm que perceber que isto é um todo, um todo que é a formação deles ... *(pausa)* que é no fundo esse todo, um conjunto de bocados que são as disciplinas, mas que têm que estar todas... articuladas, não é? E a biblioteca está no centro disto tudo e as pessoas ainda não perceberam... nós estamos ainda muito isolados, cada um está no seu cantinho ainda. Eu acho que o partir pedra é nesse sentido. Cada professor ainda está no seu canto, na sua sala de aula, no seu departamento. Acho que já se faz um trabalho colaborativo ao nível de departamentos, de disciplinas, a nível de planificações, de troca de materiais, na disciplina. Agora, *(pausa)* por exemplo, abrir isso para o Conselho de Turma, por exemplo, que são as várias disciplinas, abrir isso, para a escola e meter a biblioteca nessa articulação, aí, ainda não estamos lá e estamos ainda longe. Eu acho que sim. Já se deram passos, há alguns departamentos....com quem nós já conseguimos trabalhar, por exemplo no ano passado começamos a trabalhar com o grupo de Ciências da Natureza...

E - Daqui a pouco já vamos falar das experiências concretas.

30 EE - Sim. Já conseguimos, alguns professores já conseguem trabalhar.

E- Falou nas várias disciplinas, nesse contexto, considera que haja disciplinas, áreas disciplinares ou áreas não disciplinares mais propícias ao trabalho colaborativo com a biblioteca, que outras.

40 EE - Considero que sim, considero que a Área Projecto, por exemplo, é uma área curricular não disciplinar que é muito propícia, aí tem que se fazer a articulação, *(pequena pausa)* plena *(com ênfase)*, eu acho que sim! Aí pode-se fazer um trabalho bellissimo, que não se faz. *(pausa)* Eu explico porquê: *(pausa)* porque nós, por exemplo aqui a nível de escola, já temos um documento comum, *(pausa)* a nível de agrupamento até, de pesquisa, que damos no início do ano aos professores e até é o professor de Área Projecto... são os professores da Área Projecto, que vão explicar esse documento aos miúdos, ler com os alunos esse documento, que tem, no fundo, as etapas do trabalho de pesquisa – como é que eles devem fazer o trabalho de pesquisa. Depois todos os professores, sempre que mandem fazer ao aluno um trabalho de pesquisa, isto é um exemplo, seja Geografia, seja Ciências, seja o que for... seguem, a nível da organização do trabalho que se pretende, seguem esse plano. Isso já é uma mais valia...

E- Esse documento foi elaborado pela equipa da biblioteca...

50 EE - Foi elaborado, na altura por mim e por um colega que já cá não está, está na reforma, o [...]. Ele era assessor, e eu era a coordenadora da Biblioteca, portanto, nós já elaborámos esse documento.

E- Depois foi aprovado em Conselho Pedagógico...

EE- Sim, foi aprovado em Conselho Pedagógico, foi distribuído a todos os professores...

E- Desculpe interromper, quando esse documento foi entregue aos professores, foi nalguma reunião em particular, com alguma explicação?

EE- Sim, sim, foi entregue em reuniões de Área Projecto.

E - A coordenadora da biblioteca participou nessas reuniões?

EE- Não, aí está... são os tais pontos que... Nós não somos chamadas, elaboramos documentos, porque nos oferecemos, porque achamos que devemos estar presentes, mas é o que eu digo, ainda há *(pausa)* o partir pedra é mesmo aí, ainda não consideram que somos tão importantes assim... para fazer parte depois da explicação.... E é isso que eu pretendo este ano, é tornar-me visível, no bom sentido, é, tornar, através de mim, a biblioteca visível, indo a reuniões. Aliás, neste último Conselho Pedagógico, eu fiz isso, pedi para me convidarem, *(pausa)*, os vários departamentos, que eu ia, temos que começar assim, por este lado, porque os documentos são feitos, depois são explicados, mas

depois caem um bocado no esquecimento. Quando um aluno faz um trabalho, nós temos um guião, eu acho que o que conta, é o que nós pretendemos com esse trabalho, não é que o menino depois nos diga, o que é que há em [...], quais são os monumentos... não, isso é o produto, não é? O que nós pretendemos é ensinar o aluno a percorrer um determinado caminho, para chegar lá, ao produto. E é nesse caminho que há muita coisa a fazer ainda, porque o alunos têm esse documento, eles sabem as etapas, se lhe perguntarem ele sabe que tem que pôr isto, tem que pôr aquilo...mas depois, ele chega-me à biblioteca...até vem da aula, da Área Projecto... estou a dar este exemplo porque é o mais prático, e diz:

- Eu vou pesquisar!

E eu digo-lhe assim:

-Então, mas não trazes a tua planificação? Vais pesquisar sobre quê?

- Sobre animais!

- Mas que animais é que tu queres?

Portanto, ele não traz... ele quando chegava ali à biblioteca, ele devia trazer já, ele devia ter feito na sala de aula, a preparação daquilo que ia pesquisar. O professor podia-lhe ter fornecido, até os sítios da *net*, ou os livros para ele ir pesquisar, mas para isso era preciso que o professor viesse à biblioteca antes e soubesse que livros é que nós lá temos... E isto é que não é feito e portanto, o tal guião perde-se nisto, porque depois é impossível nós ali na biblioteca conseguirmos por um lado saber o que é que o professor quer, o que é que aquele aluno quer... para podermos continuar aquele trabalho, que tinha que ser continuado e articulado, não é? Isso é que... eu acho que não é só na minha escola, acho que o grave do nosso ensino é isto, é esta parte.

E- Nesta linha de raciocínio, considera que há factores que facilitam (pausa) e factores que constroem o trabalho colaborativo?

EE - Acho, acho...

E- Falemos para já dos que facilitam.

EE- Os que facilitam.... Aqui na escola?

E- Da sua vivência.

EE - Na minha vivência, eu tenho, aliás, eu tenho boas experiências, atenção! Tenho boas experiências, eu acho que já se percorreu um longo caminho, mesmo aqui a nível de escola, já se percorreu um longo caminho. Agora claro, vou dizer, as boas experiências que eu tenho... é por exemplo a nível dos departamentos com que eu tenho mais afinidade. Por exemplo eu sou professora de Língua Portuguesa, portanto, o meu Departamento de Línguas, eu tenho muito boas experiências com o meu Departamento de Línguas, não é? A nível, por exemplo, do desenvolvimento das literacias, do Plano Nacional de Leitura, tudo o que implica o desenvolvimento de competências em Língua Portuguesa, não é? E a contribuição que a biblioteca pode dar para esse desenvolvimento... aí há a articulação perfeita, porque nós estamos lá!

E- Porque é que há mais facilidade em trabalhar com uns professores e não com outros?

EE - Neste caso, do departamento, porque eu estou lá nas reuniões. É isso que eu quero que os professores entendam.... Porque eu estou lá, portanto eu estou lá, porque sou professora de Língua Portuguesa, tenho turma e portanto estou lá (*pausa*) e portanto posso... articulo, nós quando fazemos o Plano de Actividades, por exemplo, nós metemos a biblioteca. No nosso Plano de Actividades do Departamento de Línguas, a biblioteca está lá sempre presente, sempre! Eu, quando planifico actividades, eu sei que posso contar com o Departamento de Línguas, porque... (*pausa, com gesto de junção das mãos*) há partilha, sei que... já os conheço, aliás, as pessoas já têm... aquele grupo de professores, para já, tem uma relação de empatia comigo... de abertura, (*pausa*) não é? Nós já trabalhávamos colaborativamente ao nível da Língua Portuguesa, foi o que eu disse, que a escola trabalha, a nível de departamentos, a escola trabalha e como eu estou no departamento, não é? É fácil, eu também levar a mensagem e trabalhar colaborativamente integrando a Biblioteca no departamento. Aí é muito fácil, não é? (00:14:48)

E- Tem outros departamentos com quem trabalhe ou outros professores de outras áreas?

EE - Tenho, por exemplo os professores da área de Ciências, aí está, vou-lhe dizer e a partir daí vai tirar conclusões (*sorriso*). Porque é que eu no ano passado e este ano vou continuar a trabalhar, com o Departamento de Ciências da Natureza? Porque tenho, duas ou três colegas com quem eu tenho

uma relação profissional muito boa, que já é de há 20 anos, vá lá... que estamos aqui, que eu considero muito profissionais, que estão na mesma linha de desenvolvimento de competências... que querem... acham que a escola, a tradicional não serve, portanto acham que, acham, como eu acho que... a escola de hoje é outra escola, completamente diferente, não tem nada a ver com a sala de aula com a porta fechada, não tem nada a ver Pronto, e nem os alunos querem isso e então eles estão na minha linha. Portanto, se eu digo: “Vamos fazer este trabalho assim!”, eles... esta professora a [...], de Ciências, com quem eu iniciei o trabalho no ano passado, da literacia da informação, de desenvolvimento de competências de literacia da informação, com os alunos, através de um jogo! Deu-nos muito trabalho, muitas horas... repare que nós andámos em todos os livros de Ciências, a retirar, a formular questões para os alunos depois irem lá procurar, tipo jogo... Mas elas colaboraram, não é? E tenho outra professora, que nem sequer está na biblioteca, porque a [...] (Professora de Ciências) estava na biblioteca. Outra professora, a [...], que inclusivamente o filho é cientista... trouxe cá um cientista. Portanto, há um envolvimento já, quer humano, quer profissional das pessoas que estão no mesmo rumo e aí já é muito fácil fazer as coisas. Só não se fazem mais porque não há tempo, nem há disponibilidade, não é? (pausa) Não há horas.

E- Voltando aos factores facilitadores,(pausa) já falamos na possibilidade de haver professores com quem se trabalha melhor, à partida, que com outros, factores facilitadores que elencasse, da sua experiência, factores que facilitam este tipo de trabalho da Biblioteca com os professores.

EE- (*suspiro*) Foi o Conselho Executivo, foi o factor facilitador, nestes anos... Eu estou nisto há dez anos e o caminho tem vindo a ser percorrido, a ser desenvolvido devagarinho... Eu acho que o Executivo pode ser um factor e nomeadamente o Conselho Pedagógico é um factor facilitador. Neste momento (pausa) também estou a partir um bocadinho de pedra aí, porque o Conselho Executivo mudou e, aí está, as (pausa) as prioridades parece-me... as prioridades, (pausa) não são...ah...eu não sei como é que posso dizer isto de uma forma diplomática...as prioridades este ano, parece-me que não são (pausa) da biblioteca, não são tão importantes, não põem a biblioteca tão visível como os Conselhos Executivos anteriores punham. Isto refere-se por exemplo até, ao nível de.... e eu estou a falar disto, porque, por exemplo, nós temos reuniões e é difícil pedir aos elementos do Conselho Executivo, para ir um connosco, não é? (pausa) Por exemplo, a reunião de [...], da DRE[...], foram, mas um bocadinho arrastados. Não têm...por exemplo, a nível do horário, portanto, eu achava que o horário da equipa, que é um elemento importante da equipa, se for boa, se for coesa, se estiver bem distribuído, é um elemento facilitador, não é? Se estiverem lá as pessoas certas, com o perfil certo...Não é compactadas...

E- O horário... fala no sentido dos elementos da equipa, mais concretamente, ou (pausa) o horário, mesmo, da equipa?

EE- As duas coisas, da equipa e até dos colaboradores. Isso sempre foi feito em colaboração com o coordenador, seja eu, seja outra pessoa e, este ano não foi e portanto há deficiências graves a nível do horário. Eu posso dar-lhe um exemplo, quer dizer eu estou cá todas as manhãs na Biblioteca, mas não estou nenhuma tarde, portanto, eu não posso.... só posso por carolice... e depois de 27 horas de trabalho, também sinceramente não me apetece muito, neste momento, dar tardes livres minhas para a biblioteca, não é? Quando o meu horário... normalmente tinha horário de manhã e tarde. Aí está...Isto para lhe dizer que.... até o horário era pior, as pessoas tentaram facilitar-me o horário. Até me puseram o horário de manhã, só que para a biblioteca (pausa) não é o melhor horário, está a entender? E eu ali ponho-me... acho que, a nível da biblioteca, não é um elemento facilitador.

E- Estamos ao mesmo tempo a falar de elemento facilitador e de constrangimento. Portanto o órgão de gestão pode ser um elemento facilitador ou de constrangimento, na sua opinião?

EE- Isso mesmo... por exemplo, na forma como se forma a equipa e os seus horários... Por exemplo, no ano passado, eu pedi para porem a minha colega [...] na equipa, dei a sugestão...

E- Hum, Hum...

EE- Precisamente porque eu achava que ela tinha o perfil para começarmos a desenvolver a tal competência da literacia da informação, porque era útil! Era do grupo de Ciências, portanto era útil na biblioteca. Tinha perfil para lá, está a ver?

E- Sim...

EE- É um bocado isso, o mesmo acontece com os colaboradores... são factores que podem ser factores de constrangimento, se as pessoas estão lá para ocupar só duas horas ou três horas da componente não lectiva, não é? E não têm iniciativa ou não têm até *(pausa)* perfil... Porque é preciso gostar de estar na biblioteca, é preciso gostar de fazer aquele trabalho, eu acho que sim, que é preciso gostar. E querer fazer ... e pronto, eu posso estar na biblioteca e dizer:

- Olha meu filho, então olha... vai para o computador, queres ir para o computador?

E estou ali. Vou para ocupar as minhas duas horas e não faço mais nada, estou ali a guardar os meninos. Eu não quero pessoas lá para guardar meninos. É necessário é ter pessoas a orientar, não é? Não é só a guardar, a ver se eles levam um livro no bolso, se não levam um livro no bolso....Não é. *(pausa)* É isto que ainda não está, que é um constrangimento. Isto ainda não está no espírito e penso que ainda não está no espírito deste Executivo, pronto. Também... acho que está a melhorar, porque nestes dois meses nós já conseguimos conversar, penso que *(pausa)* aí estamos no bom caminho, No Pedagógico eu já consegui falar, o Pedagógico foi na quarta feira... Penso que também aí há um trabalho a fazer, mas que se vai conseguir fazer.

E- Tem estado sempre no Conselho Pedagógico, desde que é coordenadora?

EE- Tenho estado sempre no Conselho Pedagógico... Eu vou-lhe dizer, um constrangimento , por exemplo, eu este ano estou no Conselho Pedagógico, porque fiz luta para estar no Conselho Pedagógico. Porque no início do ano, o que me foi dito, às claras... é público... o que me foi dito é que eu não ia estar no Pedagógico. Realmente o Regulamento Interno, nas minhas competências tem lá que eu tenho que representar a biblioteca no Conselho Pedagógico, mas depois, eu ao mesmo tempo que estava no Conselho Pedagógico como coordenadora da biblioteca também estava como coordenadora de projectos e então as pessoas pegaram-se a isso... Como este ano há um colega que é coordenador de projectos, que vai ao Conselho Pedagógico, as pessoas acharam que eu como coordenadora da biblioteca, não ia, ia o coordenador de projectos. *(pausa)* Depois eu tive que *(pausa)* porque, não é por mim... aliás eu disse isto ao Executivo. Fui falar com eles, analisei a legislação toda, o Regulamento Interno e disse:

-Não, eu tenho que ir ao Pedagógico! Não sou eu! É a coordenadora da biblioteca. Seja eu este ano, seja outro!

Pronto, mas isso... o que eu quero dizer é que este problema nem se poria, ou podiam-me ter chamado. *(pausa)* Se a biblioteca fosse uma prioridade, tinham – me chamado e dito: – “Isto aqui não está bem claro, como é que nós vamos fazer? Teremos que reformular aqui o Regulamento Interno, porque como agora, este colega é coordenador de projectos tu já não és, portanto temos que reformular...” *(pausa)* Está a ver? Portanto, nestas atitudes, pequenas atitudes que as pessoas fazem... pronto, se calhar acham que é assim... pronto, mas ... vê-se, sente-se *(com ênfase)*, que não é uma prioridade, *(pausa)* é um espaço que lá está, *(pausa)* para ser consultado quando é preciso, ponto final.

E- Ao nível dos factores facilitadores ou de constrangimento, pensa que poderia acrescentar mais alguma coisa?

EE – De constrangimento... de constrangimento, eu tinha pensado e Ah! Os facilitadores... há um que me esquecia: o trabalho que se tem conseguido fazer também, deve-se muito e, e ele existe especialmente nos professores que estão aqui há mais tempo na escola. Esta escola, é uma escola em que os docentes, estão, já... que se fixaram aqui há vários anos. Nós temos pouca mobilidade do corpo docente e portanto, isso, pensando que não, esta escola tem uma história de *(pausa)* de progressão, a nível educativo, que eu não queria que fosse abaixo, penso que *(hesita um pouco)* este ano, há um bocadinho...estamos estes anos... com estas políticas educativas, com tudo isto que apareceu, com os novos horários, as componentes lectivas, não lectivas... aulas de substituição... tudo isto, este mau estar que se criou no corpo docente, nós estamos a ... a escola, que...que sempre andou para a frente que sempre foi pioneira em projectos ... o projecto de gestão flexível, nós começámos com ele, avançámos... quando o currículo passou a ser por competências, nós pegámos e planificámos por competências, fizemos uma ficha de avaliação por competências, sei lá... a escola é muito dinâmica, muito activa e muito inovadora, quer inovar! Neste momento, devido a este mau estar, eu acho que as pessoas estão a descansar mais, estão desmotivadas, estão a não querer saber, está a ver? E portanto... mas ainda há um grupo no corpo docente que ainda quer, que aposta numa

10

20

30

escola nova e ainda quer andar para a frente e esse grupo, é o grupo, no fundo em que eu me apoio, enquanto coordenadora, para fazer alguma coisa e consegue-se.

E -Esse grupo corresponde então, a professores de menor mobilidade, de mais continuidade na escola...

EE- Sim, há sempre elementos em cada departamento, nomeadamente os departamentos de História e Geografia, Matemática e Ciências, o departamento de Línguas, por exemplo, como eu disse... Há aí grupos de professores que realmente ajudam, que já perceberam! *(pausa)* Agora resta, conseguirem passar a mensagem para os outros, não é? Conseguirmos todos. Eu digo-te a ti, tu dizes ao outro... Portanto conseguir passar, isto a nível do trabalho que eles desenvolvem a nível do departamento, não é? (00:27:23)

Factores de constrangimento mais, tenho esse: a falta de motivação dos professores, é um facto, nas escolas há, e é preciso que se diga, porque as políticas foram todas feitas sem, não quero meter aqui políticas, porque não tenho que meter, mas nós temos que admitir e eu própria, *(pausa)* que é frustrante! O que se disse da carreira dos professores, do horário... o que passou para a opinião pública, tudo isso... Depois, professores aqui na escola que trabalhavam *(pausa)* duramente, de manhã à noite! Tínhamos 14 horas, como costume dizer, mas nunca cumpri as 14 horas, fiz sempre muito mais que isso. Não era preciso vir a componente de estabelecimento, para trabalharmos, porque nós trabalhávamos *(pausa)* eeee e pronto, foi isto que criou um mau estar e as pessoas estão...eu acho que neste momento, estão a querer só cumprir o seu horário e a ir embora para casa e como no seu horário agora em vez de 14h estão 27, mas essas 27 estão todas preenchidas, não há espaço para depois ainda ficarmos cá mais tempo... Porque realmente, para fazer um trabalho colaborativo, eu tenho que conversar, tenho que estar reunida, tenho que passar uma tarde a conversar com as pessoas, a fazer coisas... e para isso é preciso tempo, não é? Tenho que ter disponibilidade física, de horário e humana, minha. Eu tenho que querer, não é? Para eu querer, eu tenho que estar motivada, tenho que achar que vale a pena, tenho que achar que me reconhecem, tenho que achar isso tudo! E neste momento nós não sentimos isso! Acho que este é... e a Sr^a Ministra, era bom que ela me ouvisse, que estivesse ali *(Indica com as mãos a cadeira à frente)*, porque eu dizia-lhe isto mesmo... E eu que sou professora há 34 anos, dei tudo o que tinha e que não tinha, eu aqui comovo-me quando falo nisto... Porque acho, *(pausa)* acho indecente! *(com a emoção na voz)* O que nos fizeram no fim de carreira, quer dizer, o *(pausa)* o rótulo que nos puseram no fim de carreira, acho que nós não merecíamos isso, porque no fundo, no fundo, se reparar e os professores novos dizem isso... isto penaliza os professores antigos que deram tudo, porque são os professores de 14h que têm que dar as 8h...eu não estou contra as aulas de substituição, eu não estou contra a ocupação dos alunos, quando eles têm feriado, não é? Ninguém está contra isso, não é? Na biblioteca, se nós fizessemos um trabalho de parceria, a biblioteca poderia ser um óptimo espaço, para os meninos estarem nesses momentos que não têm aulas, sei lá... era outra escola... não era... esta coisa de aulas de substituição... Para os professores é um horror, porque não conhecem a turma, a turma é indisciplinada, vão para lá, os alunos gozam com eles... isto é um cansaço, sem... sem nada de pedagógico que se tire! Aquilo espremido, aquela hora espremida, não tem nada...

E -Na sua opinião esse trabalho de parceria pode-se fazer?

EE- Pode.

E- Porque é que não se faz?

EE- É o que eu lhe digo, as pessoas... como é que quer que um professor que tem as suas aulas, não é? E depois tem duas aulas de substituição, tem a sala de estudo, tem que ir para a sala de estudo, não pode trabalhar comigo! Ele tem as horas todas ocupadas, não é? O professor tem 8 turmas, *(pausa)*, porque há colegas que...ainda agora estivemos no Conselho Pedagógico... que têm 10 turmas, 8 turmas, 7 turmas! Como é que eu vou pedir a esse professor que ainda agora andou em reuniões intercalares, e andou em reuniões intercalares até às 8 da noite, porque só se podia fazer na nossa escola, que é desdobramento, das seis e meia às oito! Como é que eu vou pedir a esse professor que disponha de uma tarde dele para mim, para realmente fazer um trabalho de colaboração, porque ele está a desenvolver um trabalho de projecto e até precisa... Como é que eu lhe vou pedir isso? *(pausa)* Agora se ele tivesse *(pausa)* disponibilidade no horário, em que realmente tivesse aquelas horas para reunir com A, B ou C para fazer esse trabalho, tudo bem! Mas não tem!

E- Passando agora às suas experiências concretas...

EE- Hum, Hum...

E- ... de trabalho colaborativo. Nessas experiências, de quem é que foi normalmente a iniciativa? Da coordenadora da biblioteca ou dos professores?

EE- (*Ri-se*) Da coordenadora, é a regra. (*sorrindo*).

E- E na sua opinião de quem é que deve ser?

EE- Da coordenadora da biblioteca e dos professores. Mas eu já estou cansada dessa parte. Porque é assim: nós agora estamos com o Plano de Actividades, (*pausa*) ninguém veio perguntar... ou ninguém...eu acho que, o grupo em que os grupos propõem as suas actividades a desenvolver ao longo do ano, não é? Enriquecimento curricular, etc. Era bom que (*pausa*) nós temos um papel muito bonito, com o enquadramento do Projecto Educativo, com os objectivos de cada uma e depois aparece, (*faz o gesto de pegar num papel de grandes dimensões*) História e Geografia de Portugal, as actividades de História e Geografia, Ciências e depois aparece também, o plano da biblioteca, nós também entregámos o nosso... (*pausa*) só que... e eu tenho falado sempre nisso... só que isto não está, isto é só... no fundo é o tal... é o tal isolamento em que nós vivemos, os grupos, não é? Isto não tinha que ser assim. Isto tinha que ser: nós temos as prioridades no Projecto Educativo, certo? E que temos que desenvolver... diagnosticamos... nós temos competências a desenvolver que estão no currículo nacional. Toda e qualquer actividade que se faça, a nível disciplinar ou da biblioteca, tem por horizonte o desenvolvimento de determinada competência, não é? Seja na parte mais disciplinar, seja na parte mais transdisciplinar. As dez competências do currículo nacional são transdisciplinares. Até a operacionalização dos conhecimentos, portanto, conhecimento por si só, não interessa, interessa é ser aplicado e quando vai ser aplicado pode ser aplicado num projecto não disciplinar, certo? E nessa perspectiva, nós tínhamos que dizer o que é que cada um de nós tinha que dar e depois discutir em Pedagógico, de que forma... às vezes mais vale poucas actividades e boas... de que forma, é que cada departamento pode... como é que ela se vai articular com os diversos departamentos, entre os quais, vamos pôr assim, porque eu também sou coordenadora, entre os quais, a biblioteca. Como é que podemos fazer isto? Em conjunto! Então aí não tínhamos as linhas para cada departamento, mas tínhamos (*pausa*) um plano de actividades comum, em que os departamentos apareciam como dinamizadores, está a ver, mas a actividade era da escola, era conjunta. Temos coisinhas, uma actividade para Geografia, uma actividade para História... as pessoas trabalham muito. Eu não estou a dizer que a escola não trabalhe... são imensas folhas... são imensas actividades, nós fazemos imensas actividades... Só que não estão ligadas, falta esta ligação, (*pausa*) falta! Percebermos bem, em conjunto, qual é o objectivo de cada uma delas, em conjunto e não isoladamente! (*pausa*) Esta não é para a minha disciplina e aquela não é para a tua. Esta é para a formação dos alunos, é um todo... E eu acho que o grande problema está aí, eu quero ver se no próximo Pedagógico consigo ainda que se articule, vou fazer esse trabalho, vou tentar entrar por aí. (*pausa*) Mas às vezes, também me canso...

E- Sintetizando, a iniciativa tem sido sempre da biblioteca, é?

EE- É. Nós temos o nosso plano e depois pedimos a colaboração aos professores, aos departamentos. Contamos com eles.

E- Nessas actividades que tem realizado, da sua experiência, explique como é que elas se desenvolvem. Como é que elas nascem, como se desenvolvem, como é que elas se concluem?

EE- Neste momento, nascem porque nós temos o Plano de Acção, por três anos da biblioteca e (*pausa*) portanto no final do ano avaliamos. Fazemos o Plano de Actividades... escolhemos daquele plano de acção, pontos a desenvolver e depois no final, avaliamos. Algumas, conseguimos concretizar... outras nem por isso e estas transitam, se não foram conseguidas, então vamos continuá-las no ano seguinte. Por exemplo, esta actividade que no ano passado iniciámos: o desenvolvimento das competências de literacia de informação, que iniciámos com o grupo de Físico-Química e com o grupo curricular de Ciências da Natureza, uma ao nível do 2º ciclo, outra do 3º ciclo, achámos que foi só a pontinha do desenvolvimento da competência (*sorrindo*), portanto foi o início. Então este ano, como a avaliação nos transmitiu isso, este ano vamos pegar nela em força e vamos fazê-la e como a consideramos essencial, vamos fazer desta actividade, vá lá, mesmo um projecto (*pausa*) com algum sentido...com, com... mais.... Nós às vezes temos um bocado... o povo português é

assim, pensa numa coisa e depois: “Vamos fazer!” Temos pressa... temos pressa em fazer as coisas e às vezes esquecemo-nos que, neste caso para desenvolver estas competências é preciso dar passos muito pequeninos. É preciso ir devagarinho. Se calhar no ano passado, em vez de ter posto os meninos lá, com os joguinhos com os livros, podia ter sido mais útil e eu pretendo fazer isso este ano, que é falar primeiro com os professores, formar os professores primeiro, ensinar os professores (*pausa*) no bom sentido, claro. E então a partir daí, está a ver? Eu parti do meio!

E- Podemos partir dessa actividade, que é um exemplo, particularizando, para perceber como decorre. Quando começou, foi logo articulando com os professores? A biblioteca fez a proposta?

EE- Sim, a biblioteca fez a proposta ao grupo de Ciências.

E- Definiram objectivos conjuntos?

EE- Sim, sim, sim, sim. Planificação conjunta, na altura, objectivos conjuntos... foi para o departamento.

E- Estratégias....

10 EE- E, e, ah! Porque essa, aí está, parceria... as Ciências, tinham essa actividade, as Ciências deram a ideia... esses dois professores do grupo. Deram a ideia no grupo disciplinar, na reunião, da vinda de um cientista, elas queriam a vinda de um cientista...

E- Hum, Hum...

EE- Havia a coincidência de haver um cientista filho de um professor, uma pessoa muito conceituada, está no estrangeiro... Às vezes, para os miúdos, tem-se a mania, vir cá um escritor e aí, vinha o cientista. Eu tive conhecimento disso, tive conhecimento. Perguntaram-me se, como era “Um encontro com...” se eu não queria também, entrar.

20 *E- Teve esse conhecimento informalmente.*

EE- Informalmente, informalmente. Então, surgiu: e se nós pegássemos na vinda do cientista e desenvolvêssemos uma actividade à volta de... E foi aí que a Biblioteca se juntou ao departamento – uma actividade conjunta.

E- Voltando um bocadinho atrás, a forma como teve conhecimento, foi um ter conhecimento e ao mesmo tempo surgiu a ideia ou o departamento, a pessoa que lhe deu conhecimento, estava a propor-lhe o desafio de participar?(00:40:13)

30 EE- Sim, eu acho que elas quando pensaram “Encontro com o cientista” foi mais no âmbito das Ciências, se calhar não se lembraram muito da biblioteca. Como é que eu hei-de dizer... é a área disciplinar delas... como temos um livro e vem o escritor falar sobre aquele livro. Mas depois, e porque a [...] estava na Biblioteca, estava sensibilizada já e pertence à equipa, então porque não fazer isso? É por isso que eu digo... (*pausa*) as coisas surgem assim, o que surge é pontual, mas isto deveria surgir... a tendência é para que surja quando o plano de actividades... quando estamos a pensar nas actividades, que todos... o objectivo final é que os vários departamentos sintam que a biblioteca está lá presente e a incluam no seu Plano de Actividades, não é? Porque a coordenadora inclui sempre, a biblioteca precisa dos professores, dos departamentos, para desenvolver actividades, precisa de alunos, ou não se faz nada, não é? Portanto, nós já temos esse hábito de ir aos departamentos, agora era bom que fosse em conjunto.

E- Voltando à actividade concreta para percebermos como é que ela se desenvolve: planificaram em conjunto, definiram objectivos, delinearam estratégias em conjunto...

EE- Sim.

E- Implementaram...

EE- Implementámos em conjunto...

E- Produziram materiais em conjunto?.

EE- Sim, senhor

50 *E- E avaliaram em conjunto?*

EE- Avaliámos em conjunto

E- Essa avaliação, foi a avaliação da actividade em si, ou passou pela avaliação dos alunos considerada em conjunto?

EE- Não. Nós estamos muito mal aí a nível da avaliação. É um trabalho que também tem que ser feito este ano, porque, avaliámos, fez-se o relatório. A professora de Ciências fez o relatório,

mostrou-me, eu acrescentei mais algumas coisas e pronto, fez-se um relatório. Foi para o Pedagógico e foi para o Executivo, como vai qualquer relatório de qualquer actividade, está a ver? Não se perguntou aos alunos se eles tinham gostado, se não tinham gostado. Ainda andamos no “Parece-nos que gostaram muito! - Participaram muito!”. Mas não temos, não temos o hábito de... fazemos avaliação, sim, com relatórios, correu bem, correu mal, aspectos a melhorar, uma folhinha A4, fazemos o relatório, pronto. Mas perguntar ao aluno, realmente não temos. Fizemos isso na Semana da Leitura, *(pausa)* porque já estávamos mais... nós também vamos aprendendo, não é? E aí estávamos mais despertas já para isso, fizemos um inquérito aos alunos, no final. Porquê, porque a Semana da Leitura, foi tão envolvente, superou as nossas expectativas, que nós tivemos mesmo a necessidade de perceber, daquilo tudo o que é que eles gostaram, mais para continuar e o que é que não tinham gostado, para não repetir, não é? Aliás fizemos isso, porque sabíamos que... no próximo ano iríamos ter nova semana da leitura, não é? Nós precisávamos do feedback dos alunos para o próximo ano, não é? E então aí fizemos... Não sei se chegámos a mandar para a RBE, se não? Foi o primeiro inquérito que fizemos aos miúdos, aos pais e aos professores... Depois descobrimos que tínhamos várias falhas... até foi bom porque nós, agora vamos modificar. Já aprendemos a fazer inquéritos melhor, isto é tudo uma aprendizagem, que se vai fazendo. Vai-se caminhando...

10

E- O trabalho colaborativo que está a desenvolver, falou à bocadinho que é na área da literacia da informação...

20

EE- Sim, é “Ensinar e Aprender com a Biblioteca”!

E- É o projecto já...

EE- Sim, é o projecto, que ainda não está na folha, apresentei, a ver o sentir do Pedagógico, na quarta-feira falei ao Pedagógico, para ver o sentir das pessoas, para eu agora ter tempo, para calmamente, porque já temos Plano de Actividades, calmamente delinear, com calma, pedir até ajuda, mostrar aos professores, para ver se em Janeiro *(pausa)* começamos e avança.

E- Considera que a área da literacia da informação é privilegiada para este tipo de trabalho colaborativo?

30

EE- Considero que é privilegiada mesmo. Acho que nos nossos alunos, às vezes o sucesso e o insucesso passa muito... os conhecimentos são precisos, mas passa muito pelo desenvolvimento de competências de procura daquilo que não sabem. Os alunos saberem procurar o que não sabem. *(pausa)* Eu mesmo, enquanto professora de Língua Portuguesa, eu faço muito isso com os meus alunos. Ainda hoje tive uma aula e foram eles a dar a aula. Foram eles, quer dizer... Desenvolvem-se muito mais competências quando eu ponho um aluno a explicar um conteúdo. Pode ser novo, hoje o conteúdo era novo.... *[suprimimos a descrição pormenorizada da metodologia seguida]*. É importante que eles se habituem a ir à biblioteca consultar uma gramática, para estudar aquilo que não sabem, e consultarem um livro de Ciências, irem ao dicionário... enriquecerem um trabalho deles. Até para os bons alunos que por vezes não se liga, não é? Um aluno, por exemplo, está a explicar, nas Ciências um tema qualquer da natureza, um aluno... incentivar o aluno a ir saber mais.... Dar-lhe sítios, dar-lhe bibliografia...

40

- Olha se queres saber mais sobre isto, vai à biblioteca! Faz um trabalho mais rico a partir daqui!

Eu acho que isto é que é importante na escola de hoje. É esta a mensagem que eu lhes queria transmitir, a biblioteca pode ser um espaço, em que o aluno, orientado *(com ênfase)*, que é isso que não se faz... com guiões, porque ele tem que ser orientado, porque é uma criança, até ao nono ano são adolescentezinhos, não e? Tem que ser orientado, têm que ser fornecidos guiões, formas de fazer... ensinar... Mas, eu posso fazer diferenciação na sala de aula e colmatar as necessidades daqueles alunos que têm dificuldades, sem prejudicar os bons alunos, se eu utilizar a biblioteca, como um espaço privilegiado de aprendizagem... Para esses bons alunos, que já têm autonomia, que já são autónomos e que só precisam de orientações, *(pausa)* não é? Era isto que eu queria... Não é trazer os meninos toodos à biblioteca... Numa primeira fase, o professor traz a turma, eu acho que sim! Também a biblioteca está vazia, mercê das aulas de substituição, portanto, neste momento, nós deparamos que os alunos só frequentam a biblioteca do meio dia às três da tarde, que é nas horas de almoço... Depois ela está vazia, porque eles não têm feriados... e está vazia, porque os professores não os trazem à biblioteca! Agora tem que ser ao contrário *(pausa)* os professores têm que vir para cá, não é? (00:49:29)

50

60

E- Hum, Hum...

10 EE- Mas depois também temos que saber o que é que vimos fazer? Não podemos trazer os alunos e ponto final. Isso não vale nada! Vale uma vez... para os meninos estarem, sentirem a biblioteca, sentirem os livros, mexerem nos livros... pronto, isso também é importante, mexerem no que lá têm, verem, passarem folhas... Isso também é importante! Tudo bem, como motivação para aquele espaço, mas depois, é preciso um trabalho de partilha, de colaboração (*pausa*) entre o professor que realmente está empenhado em desenvolver essas competências, e em dar oportunidades a esses bons alunos de subirem mais alto... Mas isso tem que ser feito em parceria com os professores da biblioteca, com a equipa que lá está, até com os colaboradores que lá estão. Todos têm que saber, para não ficarem os professores da biblioteca sentados no seu trabalho e o menino chegar lá:

- Ó professora, eu queria pesquisar mais sobre isto...

20 - Olha, então vai ali àquela estante, estás a ver... vês está ali, as Ciências, podes ir ali buscar o livro. Quer dizer, não é assim! Nós temos que ir com o aluno buscar o livro:

- Então o que é que vais fazer? Então...

É esta (*pausa*) é esta partilha, esta articulação que tem que ser feita e isto é difícil, não é? Vai aos pouquinhos.

E- Estou a perceber... Na sua prática como coordenadora, como é que despertou... surgiu o trabalho colaborativo?

30 EE- Como professora. Não foi como coordenadora. Desde há muitos anos, tenho tido sempre turmas, turmas de 20 alunos, como eu costumo dizer. Turmas de alunos com problemas de aprendizagem, com deficiências, às vezes profundas e habituei-me, primeiro, habituei-me a abrir a sala de aula ao professor de ensino especial... a pedir ajuda ao professor de ensino especial para ir para a minha aula, porque eu precisava dele... Para estar com aqueles alunos, porque eu não conseguia atender a todos, não conseguia e fazia-me aflição, eu estar a expor, passo o termo, qualquer conteúdo e estar ali um aluno, estar a ler e a interpretar... e estarem ali aqueles 3 ou 4 alunos, que tinham dificuldades, que não têm culpa, estavam ali integrados, mas não estavam integrados coisíssima nenhuma. (*pausa*) Porque eles estavam ali a fazer de conta, não é? Não estavam a perceber nada do que eu estava a dizer e eu não conseguir estar com eles e com os outros. Mas depois se estava mais tempo com eles, depois os bons alunos, também ficavam: - “Ó professora o que é que eu faço, professora? Então e agora?” Isto começou a mexer comigo, começou a mexer comigo e costuma-se dizer: Quem não sabe, vai à procura! Então, eu fui à procura! Fiz umas leituras, comecei a ler e comecei a dar voltas à minha cabeça, como é que tinha que fazer... como é que tinha que fazer isso. E comecei a ler muito... Li muito... sobre diferenciação... e entretanto comecei a experimentar... e comecei a diferenciar, através de fichas, através de... dar coisas diferentes... Por exemplo, em alunos com mais dificuldade fazia uma planificação em que atribuía tarefas, uma muito simples aos alunos com mais dificuldade, depois, os outros completavam mais... Os com mais dificuldade faziam a primeira parte, que era muito simples, os outros faziam a parte... Comecei a diferenciar assim... e comecei a achar interessante, era um trabalho exaustivo, porque é um trabalho exaustivo... E comecei a utilizar a biblioteca... eu senti necessidade daquele espaço! (*pausa*) Na altura... a biblioteca estava com uma organização... na altura... eu sou do tempo dos armários fechados. Eu, só tinha duas horas de coordenadora, na altura...

E- Já era coordenadora?

10 EE- Já era coordenadora... aliás, não era coordenadora nessa altura. Isto foi há mais de dez anos... foi a partir daí que eu comecei a achar que gostava de ser coordenadora (*pausa*) e, e achei que os meninos tinham que ter os livros cá fora e achei que os livros não podiam estar por disciplinas... os das Ciências, os da Matemática... assim como estavam... achei que tinha que haver ali um trabalho, achei que era um espaço que não estava a ser bem utilizado. E depois foi a partir daí! Tenho vindo... e depois comecei a envolver outros professores, porque tenho facilidade de comunicação, é um facto, eu acho que as coisas que são boas têm que se dizer. Sou uma pessoa que crio empatia à minha volta, porque crio... não sou directiva, acho que não sou! Quando me irrita, irrita... mas, gosto, sempre gostei muito de trabalhar com outros e tive a sorte de ter pessoas à minha volta, uma delas foi esse com quem trabalhei, o [...], que está reformado... tenho muitas saudades... em que realmente começámos a trabalhar no mesmo sentido. Então, a partir daí começámos a achar que era por ali o

caminho. Entretanto aparece o currículo por competências e nós que já andávamos nessa linha, achámos: é isto mesmo que nós queremos! E aparecem, os Projectos Curriculares de escola e Curriculares de Turma, com a diferenciação e nós dizíamos: é isto! Está no caminho...e então começou ali muito.... Nós tínhamos um hábito, que eu digo, às vezes estávamos aqui nesta sala os dois, a preparar documentos para a escola, porque achávamos que a escola tinha que se desenvolver nessa perspectiva, a nível de escola, o caminho a seguir era esse... Fizemos muitos trabalhos... e começávamos a falar e nós dizíamos, começávamos a falar e dizíamos: “Espera aí, estou só a pensar alto... vê se é assim...” nós questionávamo-nos, experimentávamos, sabe? Foi de experiência, experiência mesmo e de necessidade... e pronto, neste momento, acho que é por aí...o caminho é por aí. Acho que a biblioteca, que as pessoas ainda não sabem... o bom... o quanto se podem servir daquele espaço.

E- Na sequência precisamente do que está a acabar de dizer, percebo que considera benéfico este tipo de trabalho, o trabalho colaborativo com a biblioteca, com os professores...

EE- Sem dúvida, sem dúvida.

E- Na sua opinião quais são as grandes vantagens, os benefícios que aponta a este tipo de trabalho?

EE- É ...*(pausa)* para já a formação do aluno, não é? Eu acho que no fundo, no fundo, eu acho que é uma viragem, *(pausa)* é a viragem que é necessária no nosso sistema educativo, quer dizer, da forma de ensinar das nossas escolas. *(pausa prolongada)* Por que é assim, eu não sei se vou conseguir explicar bem isto, mas é assim: se nós pensarmos hoje em dia as bibliotecas e ainda bem, estão apetrechadas ou vão ficar apetrechadas, elas têm a informática, têm os media, têm o audiovisual, têm as enciclopédias, tem os livros, têm a leitura, o promover a leitura, têm tudo naquele espaço. Está lá tudo! Tudo para quê? Estão lá os instrumentos para serem usados e se nós... *(sorri)* o desenvolver uma competência, quando nós falamos até em conhecimentos... em... as várias disciplinas, é usar e... eu tenho sempre esta palavra: usar instrumentalmente... para desenvolver alguma coisa. Portanto, os instrumentos estão na biblioteca! Para o desenvolvimento de competências das várias disciplinas, os instrumentos estão na biblioteca, portanto é um espaço privilegiado da escola. Não estão na sala de aula, lá só está o professor as mesas e as carteiras e o quadro e ainda não está o computador, porque não há espaço para eles, não há dinheiro para eles. Se nós ligarmos o espaço da sala de aula à biblioteca, aos instrumentos que a biblioteca tem, eu acho que isso... é a cereja no bolo, como eu costumei dizer...

E- Então o trabalho colaborativo será a forma de efectivar isso?

EE- Agora isto tem que ser feito... não é mandar os alunos para a biblioteca *(pausa)* é trabalhar com o que há na biblioteca, trabalhar com o espaço da biblioteca, com os instrumentos que existem na biblioteca, o fundo documental que existe na biblioteca, com os professores que existem na biblioteca, com os colaboradores que existem na biblioteca, com a funcionária até, que lá está. Desempenha um papel muito importante, porque é ela que lá está a maior parte do dia. A [...], ela tem evoluído, esta funcionária, porque... eu tenho-a ensinado, eu não lhe fecho nada, ela tem curiosidade de aprender, aí está! Está motivada, quer aprender... quer dar respostas aos alunos e não tem formação para isso, não tem formação *(pausa)* específica, não tem... o que nós chamamos habilitações, mas está a adquirir formação, autoformação. Está a evoluir nesse aspecto *(pausa)* e ela neste momento já... fala de cotas, já fala de livros que tem... das várias temáticas... Isto é muito importante, formar... não pôr lá... o funcionário que para lá vai, o Auxiliar de Acção Educativa, tem que ter também perfil, tem que saber... tem que ter perfil humano, para lidar com os alunos, para os motivar, para lidar com os professores também, para saber dizer as coisas, porque às vezes é difícil... porque se perdem livros, porque há irresponsabilidades, da parte de uns, da parte de outros... Temos que saber lidar para... aaah... que a comunidade educativa se sinta confortável no espaço da biblioteca, porque ela sem dúvida nenhuma, isso eu... não tenho dúvidas nenhuma, nenhuma, nenhuma que, quando nós trabalhamos colaborativamente, quando nós utilizarmos todos os recursos que nós temos na biblioteca, humanos e documentais que nós temos na biblioteca... ah, se soubermos utilizar isso, eu acho que... que é por aí. E os miúdos gostam! Se forem eles à procura.

20 *E- Percebo. Já foi aflorando um pouco alguns aspectos que têm a ver com a pergunta seguinte, mas para sistematizar, diga-me da sua experiência de trabalho colaborativo, o que é que mudaria, para maior eficácia?*

EE- O que é que mudaria como? Agora não estou...

E- Naquilo que já realizou...já me disse há pouco que este ano já vai fazer de forma diferente, o que é que vai mudar? O que é que vai fazer, que não fez?

30 EE- Sim...eu vou sobretudo ter mais calma, vou perceber que há muito trabalho a fazer e que tenho que ir mais atrás. Tenho que ir buscar... tenho que ir motivar as pessoas para o espaço e portanto tenho que ir mais atrás e vou começar... Enquanto que até aqui, eu investi no trabalho colaborativo, mas ao nível... aquele trabalho colaborativo pontual, espontâneo, em que as pessoas sabem... eu peço pontualmente a A, ou B para trabalhar comigo... mas pontual... Neste momento, é um trabalho colaborativo... vou estruturar e planificar este trabalho colaborativo, isto é (*pausa*), no meu objectivo está... e este projecto é isso mesmo: iniciar o trabalho colaborativo com os professores, chamar primeiro os professores ao espaço. Convidar os professores a fazerem as reuniões de departamento, (*pausa*) na biblioteca. Podem ser periódicas até, em que me convidam (*sorri*) para eu ir à primeira parte da reunião, para falar com eles. Nesta primeira reunião que vai acontecer, para eu falar com eles, vou preparar uma sessãozinha breve, sem aborrecer muito, sobre a formação de utilizador, é necessário que percebam, um bocadinho. Depois vou tentar fazer, com a colaboração da equipa, sozinha não consigo, quando eu falo vou, é vamos, é com a equipa e colaboradores. Vou tentar fazer, para cada departamento, ou para cada disciplina, não sei bem ainda, como é que vou... se vou fazer por disciplina, se vou fazer por departamento... um boletim informativo com o fundo documental existente na biblioteca para as pessoas saberem... e depois vou tentar, numa primeira abordagem, ouvi-los! Saber alguma coisa da disciplina deles, da forma como eles trabalham e em que medida é que eles acham (*pausa*) que a biblioteca os pode ajudar. Com aquele fundo documental, com as pessoas que lá estão, com a disponibilidade que nós temos, em que é que nós podemos ser úteis? Como é que podemos trabalhar em conjunto? Dar sugestões, também, não é? Mas eu acho que é importante ouvi-los a eles e não sermos nós sempre, porque até aqui foi, eu pedi, nós tínhamos a luzinha, não é? A ideia... e depois íamos pedir a colaboração. Agora, fazer um bocadinho ao contrário. Mostrar-lhes o espaço, que muitos nem conhecem, principalmente os novos. Quando mandam os meninos lá, não sabem o que lá existe, a maior parte... a...e isto cria a tal confusão, não é? O menino andar uma hora, em vez de estar a trabalhar, anda à procura e não sabe de que é que anda à procura... e é um trabalho inglório, ele não fez nada naquela hora... E ao mesmo tempo pô-los a eles a participar, porque acho que é muito importante que as pessoas sintam, sintam que...como é que eu explico... que nós queremos a ajuda delas!... Está a ver? É ao contrário... Começar com muita calma por aí... percebendo eu, tentando eu própria, eu equipa, eu e os meus colaboradores, tentando perceber que... eu interiorizar, que enquanto eu, não tiver os 90 professores a (*pausa*) a perceberem, enquanto estes professores não perceberem a importância deste espaço, o que lá existe e como é que se pode trabalhar lá, enquanto não discutirmos isto, eu não posso partir para os alunos. (*pausa*) É a tal causa!

E- Hum, Hum...

10 EE- E depois partir para os alunos, partir com actividades e ir desenvolvendo... fazer documentos conjuntos, neste momento já tenho. Já tenho neste momento um documento... A partir do documento de trabalho de pesquisa, que a escola tem... O que é que eu fiz? No ano passado, quando parti a meio, como eu costumo dizer, sem os professores... fiz já um desdobrável em que simplifiquei o documento para os alunos. Mas aí está, fiz esse desdobrável para utilizar na biblioteca. Mas eu agora neste momento, já penso que, se calhar é mais fácil os professores terem o documento e depois o aluno ter aquele desdobrável que é o resumo do documento. Por outro lado, a partir desse desdobrável e foi a [...] que me deu a ideia: pegar nos bonecos que os miúdos gostam, fazer tipo, em A5, as etapas do trabalho, resumir ainda mais o desdobrável, plastificá-las e pô-las no espaço do trabalho de pesquisa, para o aluno quando chegar ali, não tem o documento com ele, mas aí vai ter a orientação.

20 *E- Quando diz que começou a meio, não fala em concreto na actividade que descreveu há pouco e que começou com os professores de Ciências, por exemplo?*

EE- Eu digo que comecei a meio, nessa actividade, é porque eu não fiz este trabalho com os professores antes.

E- Está a falar em fazer com todos...

EE- Sim, com todos. Fazer a reunião com todos. Eu vou-lhe dar um exemplo que acho que isto diz tudo: o que se fez e o que não se deve fazer. Eu fiz com aqueles dois colegas de Ciências e dinamizámos, trouxemos o cientista, fizemos a actividade. Depois os professores de Ciências, vieram cá na sua aula de Ciências, com as turmas à biblioteca. Eu tinha os livros por áreas temáticas, os livros de Ciências... e fizemos grupos de trabalho, de 4 alunos... Depois eles tiravam uma pergunta e tinham que ir descobrir... Só que os professores que vinham com os alunos, não estavam... só vinham acompanhá-los. Eles não estiveram implicados na planificação, na reunião onde se planificou isto. E pronto, eles não tinham interiorizado, a actividade.

E- Então, quando planificou foi só com alguns, envolveu mais pessoas...

EE- Sim, foi só com alguns, depois envolvi o grupo na vinda do cientista, mas depois senti que os professores de Ciências, que eram professores de Ciências dos alunos, não podiam trabalhar com eles, ou apoiá-los ali, senti-me um pouco eu, coordenadora, e professora de Língua Portuguesa a apoiar as experiências, quando era muito mais... útil que estivesse eu, sim senhor e o professor de Ciências que tinha que estar por dentro, que não estava, da actividade, para poder apoiar, foi isso que falhou, está a ver? . Quando eu digo que comecei a meio...

E- Estou a perceber...

EE- Até podia não ter tido tempo de a desenvolver (*pausa*) e eu este ano não vou estar com pressa...

E- Porque percebeu bem a diferença entre os professores com quem planificou e aqueles com quem não o fez.

EE- Sim, a diferença entre aqueles com quem tinha planificado, quando eles vieram com as turmas e o que eles fizeram com as turmas... e os outros, que até se sentaram, que até achavam que aquilo era mais uma actividade da professora, da coordenadora da biblioteca com os alunos, que era um trabalho de pesquisa, que era um trabalho da biblioteca. Está a ver? Mas a culpa também foi minha, porque eu não os incluí.

E- Essas reuniões, foram reuniões formais?

EE- Foram informais, não, não, foram informais... foram, e aí está, também o problema é que nós se formalizamos muita coisa as pessoas não vêm. E depois, é essa também a dificuldade, porque nós temos que arranjar é formas de comunicação que sirvam todos, que sirvam a falta de tempo, que promovam a motivação, que não desmotivem, porque se começamos a fazer muita reunião, muita reunião, muita reunião, não conseguimos motivar ninguém. Então é assim, eu também penso que o caminho, é por isso que eu penso que não vou fazer uma reunião para os grupos, eu vou entrar no grupo deles. Claro que a mim, como eu costumo dizer sai-me do pêlo, não é? Vai-me sair do pêlo, mas paciência, pronto é uma aposta é uma aposta, acabou. Esqueço lá de cima (*aponta para cima*), quem me estraga a vida, esqueço isso tudo e vou porque gosto. É uma aposta minha e da equipa que trabalha comigo. Porque se eu ia pedir uma reunião do departamento com a professora da biblioteca e mais outra e mais outra, não dá, não é por aí. Eu acho que nós... e aqui está o perfil do coordenador, o coordenador tem que...tem que perceber muito bem a escola que tem, o corpo docente que tem, portanto para saber lidar com ele. Se quer... se o seu objectivo... o meu horizonte é, eu quero-os trazer para aqui, para este espaço, eu tenho que pensar no caminho de os trazer, todos. E portanto, se calhar vou ter de ser eu que tenho que dar, muito mais do que numa primeira fase vou receber, não é?

E- Sim, percebo. Entronca aqui a pergunta seguinte, que é precisamente que características pessoais é que acha que o coordenador deve ter para desenvolver o trabalho colaborativo com os professores da escola?

EE- Tem que ter uma relação empática, de empatia com as pessoas, eu acho que sim, que tem que ter. Tem que... ser exigente e ser seguro, estar muito seguro daquilo que... tem que saber, tem que saber... o que quer daquele espaço, como organizar aquele espaço...tem que saber um bocado de biblioteconomia, tem que saber, tem que saber... não vamos cá com... tem que gostar de livros (*sorri*) eu acho que tem que gostar, e tem que, essencialmente perceber o que é que está ali a fazer e saber transmitir isso, com diplomacia. Perceber o valor que a biblioteca tem, não é ir para ali porque

é muito bom ter as 8 horinhas de redução ou 11 horas, ou... mas querer ser coordenador, tem que querer ser coordenador e tem que ter um feitiço... ser diplomático na forma de... conduzir, de dizer as coisas para cativar e não para afastar. Eu acho que é essa, essa duplicidade, é essa “estar sempre na, na corda bamba”, como eu costumo dizer. Por um lado, fica furioso, porque diz aos professores que têm que entregar os livros do Plano Nacional de Leitura na biblioteca, no fim da aula, que é para dar baixa... e os Sr. s professores, ainda agora aconteceu, entregam os livros aqui no telefone, por exemplo, no telefone. Não fazem isso e estão fartinhos de saber... e depois falta um livro... e o coordenador, fica furioso... (*sorri*) E depois a funcionária vem fazer queixa e depois ele tem que dizer: (1:38:14)

- Deixe estar, deixe lá! Vamos falar, vamos perguntar, pode ser que apareça o livro... Tem que saber gerir... os conflitos, no fundo é isso, saber gerir os conflitos, que acontecem sempre. Ele tem que ser sempre muito diplomático, para saber gerir os conflitos. Mas isso, qualquer coordenador, eu acho. E depois tem que ter outra qualidade que eu não tenho, que é: saber distribuir tarefas. (*pausa*) E eu não tenho. Eu já fui coordenadora de departamento e é engraçado que tivemos cá numa altura a inspecção e fez também uma entrevista comigo e então perguntavam-me o que é que eu fazia como coordenadora. Tinha feito muita coisa, o dossier... etc. E depois ela perguntou-me: “E então e os outros?” E eu cheguei à conclusão que centrava tudo muito em mim... parece que me custa dar trabalho às pessoas. Eu não faço isto por mal, mas parece que me custa dar que fazer às pessoas e então... as coisas de maior responsabilidade, puxo-as e não tenho que fazer isso, eu tenho que arriscar. Até para construir uma boa equipa e bons colaboradores, e este ano estou a fazer isso também, é outra coisa que eu estou... é outro caminho, estou a mudar. Neste momento, nós fizemos uma reunião da Biblioteca e eu distribuí, distribuí não, discutimos, está a ver, distribuí. Discutimos os trabalhos, havia x trabalhos a desenvolver, que eu já tinha pensado que era importante: fazer uns marcadores, recuperar livros, etc. E então nós distribuímos tarefas. Tu és responsável por isto... as pessoas são responsabilizadas. E eu, digo assim, até pode correr mal, a pessoa até pode não ter experiência e o concurso pode correr mal, está a ver? Mas eu arrisco! Até aqui não, eu até aqui, queria que tudo saísse perfeito no final e então eu achava que se eu não estivesse lá aquilo não saía assim perfeito. Eu tinha que estar a ver tudo, e agora não. E é engraçado porque... (01:16:33)

E- Descentraliza....

EE- Descentralizo e as pessoas gostam que descentralize. Do género de dizer assim:

10 - Ó [...] achas que isto assim?

E eu digo:

- Tudo bem avança!

Essa palavra:

- Achas que sim, então avança! Agora não tenho tempo para ver, mas avança! Carta branca...vai para a frente!

Até pode nem correr bem, mas eu acho que é isto, dar a iniciativa a outros também.

20 *E- Hum, hum... e relativamente aos professores, os professores em geral, há características pessoais que acha que é importante que tenham para fazer trabalho colaborativo com a biblioteca.*

EE- Há, há... é o querer trabalhar em conjunto, o estar habituado a trabalhar em conjunto, ou querer trabalhar em conjunto. Ter essa capacidade e isso significa ser uma pessoa aberta, não ter constrangimentos, não ter medos, nós temos medos uns dos outros, medo de falhar, medo de...quando eu não abro a minha sala de aula para entrar a biblioteca ou quando não venho com a minha turma dar a minha aula na biblioteca, eu no fundo estou a expor-me, não é? Eu estou-me a expor. Eu não tenho que ter medo de me expor, de dar a minha aula, estão lá outras pessoas, de partilhar a minha aula com outros. Eu acho que se o professor não conseguir isto, ele não consegue trabalhar colaborativamente, no sentido de pegar na sua turma, nos seus alunos e pegar na equipa da biblioteca e fazer o trabalho em conjunto, não é? É mais fácil ir para a sua sala de aula, fechar a portinha e estar lá... Agora, não quer dizer que seja um mau professor, ele pode ser tímido. Há pessoas de são de tal forma tímidas, que têm de tal forma uma auto-estima mais baixa, que acham que não são capazes, que acham que... têm medos. Eu já ouvi comentários até por causa da avaliação dos professores, das aulas assistidas, as pessoas estão aí: “Ai que horror, ir assistir a uma aula!” Mas o que é que tem ir assistir a uma aula? Se a colega lá for, vai-me ajudar! Até pode dizer,

30

na minha opinião se fizeres assim, dava melhor... *(pausa)* mas isto é preciso, ser franco, aberto, não ter nada a esconder... O que faz bem e o que faz mal, portanto, querer ser ajudado, querer fazer melhor *(pausa)* querer que outros que até podem saber mais, perceber mais de determinado assunto, o ajudem... portanto, esta envolvimento, isto é preciso um, um perfil de professor para isto, nem todos são capazes. Não é por... é o que eu digo, não quero estar aqui... eu acho que se eu, por exemplo sou uma pessoa extrovertida, muita gente não é, há muitas pessoas que não são. Para mim é muito fácil, porque eu sou uma extrovertida por natureza, eu estou aqui a falar consigo e vê, eu falo com as mãos, com os olhos, com tudo, não é? Falo com tudo... *(sorri)* eu sou assim! Agora reconheço que há muitos colegas meus que não são, nem conseguem ser. Tenho por exemplo lá em casa, por exemplo um que não é, não consegue e é meu filho, portanto, nós temos que respeitar também, atenção, temos que respeitar também e não podemos criticar a forma de estar da pessoa, como a pessoa é, a individualidade de cada um, não é? Não podemos forçar, se forçamos...

Pode ter a certeza que, no fundo, eu vou fazer estas reuniões com os professores, tentar ser o mais aberta possível, tentar cativá-los, não é? Mas não vou forçar, porque eu acho que não... aí está a individualidade de cada um. Eu vou pôr a biblioteca ao dispor, vou tentar mostra-lhes que não têm que ter receios, que quem ali está, é alguém que quer que os meninos tenham o maior sucesso do mundo, portanto, a nível educativo e portanto que está empenhada nisso, e que acha que a biblioteca que é uma porta aberta para isso. Agora, se houver neste grupo um professor que não consegue... não consegue ponto final. Eu vou ter que pensar, eu então, que sou mais extrovertida, vou ter que usar a cabecinha para perceber que aquele professor ainda não conseguiu e então para perceber como é que posso eu, eu que me custa menos, eu ir ter com ele, não é? Isto... as relações humanas, isto é ... complicado!

10 *E- Estamos mesmo a terminar, vou só dar uma vista de olhos a ver se não falhou nenhum aspecto....(pequena pausa) Penso que não, a conversa foi surgindo e ainda bem... está tudo abordado. Perguntava-lhe agora se, neste terminus, se há algum aspecto adicional que não tenha sido abordado, sobre trabalho colaborativo, das suas convicções, ou da sua experiência que gostasse de acrescentar...*

20 EE- Há, acho que falha aí, porque é assim, eu acho também que é muito importante, que a nível da escola, mas aí a nível da escola... e não falámos nisso... quando eu falei naquele documento de pesquisa comum... Eu acho que é muito importante, que... e é outra fase, é outra etapa, que é a construção de documentos, de guiões, utilizáveis por todos nós. Acho que a Biblioteca pode ter um papel importante, no sentido de *(pausa)* de ser até o centro, onde estes documentos, se organizam, com o apoio de vários... uma vez até que a equipa é diferenciada, tem professores de várias disciplinas... em que esses guiões, esses documentos se organizam e depois mostrá-los, levá-los a Pedagógico, levá-los aos departamentos, para serem aperfeiçoados, para se constituir um documento único, um guião único, sempre que possível, para que todos nós trabalhemos da mesma forma. Portanto, desenvolvamos determinada competência, da mesma maneira. Acho que isso é muito importante! Para não criar confusão nas cabeças dos alunos, não é? Nós temos que saber, nós a nível de escola, temos que saber, por um lado, o que a biblioteca tem, temos que saber por outro... e dentro da biblioteca temos lá, aquilo que se chama o currículo nacional, temos lá também... e temos 30 que estudar também, e ler, não é só saber o que ela tem, é levar para casa e ler, o que ela tem, que nos diz respeito a nós... que é para depois saber....

E- Nós, professores...

40 EE- Nós professores, sim, nós professores. Temos que perceber também, cada um de nós, corpo docente, bibliotecários ou não, temos que perceber o que é que cada disciplina desenvolve, temos que conhecer o currículo de cada disciplina, temos que conhecer e temos que tirar conclusões... e se nós fizermos isso, se fizermos esse estudo, em trabalho colaborativo, o que era ótimo, nós vamos chegar à conclusão que às vezes maçamos tanto os nossos alunos, maçamos! Eles ficam...eles não gostam das aulas, acham as aulas uma seca, como eles dizem, porque o professor de Matemática explica o que é o quadrado... e depois vai o professor de EVT, que vai precisar do quadrado, e também vai explicar o que é o quadrado e não precisa, porque se o professor de EVT souber que no currículo do professor de Matemática, nos conteúdos, está lá o quadrado, ele ...ele vai ter que falar com o professor de Matemática, por exemplo e vai ter que dizer aos alunos:

- O professor de Matemática, disse que vocês já aprenderam o quadrado, então como é que é? Digam-me lá a mim, como é que se desenha o quadrado? Como é que se faz?

Então aí de certeza que...é esta a articulação, é este o trabalho colaborativo e onde a biblioteca entra, quando em vez de ser o professor a dizer ao aluno, que falou com o outro professor, a dizer: Agora vão à biblioteca estudar isto e depois expliquem-me! É nesta articulação... (*movimento de junção com as mãos*) que está o sucesso, que está realmente o desenvolvimento daquele todo, que são as competências. Isto tem que ser tudo feito com trabalho colaborativo. E os documentos, que era onde eu queria chegar... inserem-se aí, não é?

E- *Os guiões são guiões orientadores para os alunos, para os professores?*

EE- Sim, guiões orientadores... com estratégias de estudo, por exemplo, de sublinhar...estratégias de, por exemplo, descobrir a palavra chave de uma questão, interpretar questões, estratégias... Agora nós temos que as conversar, que é para explicarmos todos a mesma estratégia... aos alunos, não é?

- *Hum, Hum...*

EE- E isto consegue-se! E sabe onde é que se consegue? Consegue-se ao nível dos Conselhos de Turma, dos professores do Conselho de Turma, do Projecto Curricular de Turma. Nós ainda não percebemos... aqui na escola já estamos a perceber um bocadinho, que mais que os departamentos, mais que... é no Conselho de Turma e depois a Biblioteca vai entrar no Conselho de Turma... e é aqui, com estes professores das várias disciplinas, é aqui que o trabalho colaborativo e a articulação se faz, é aqui! Para aquela turma, para as dificuldades daqueles alunos, para aquilo que eles têm que desenvolver que não têm desenvolvido, que no fundo, no fundo, se nós soubermos, uns dos outros o que cada um de nós faz na sua aula, o que desenvolve, os conteúdos que dá, se os complementarmos, ou se os enriquecermos, articulando, com documentos comuns... consegue-se! Isto ao nível das atitudes, por exemplo, uma turma indisciplinada... Porque é que eu não faço um documento comum, não é? E todos nós, em vez de eu ter uma folhinha para mim, onde vou... e o outro ter... uma coisa muito simples... Porque é que não temos um único? Porque é que os alunos... eles sentirem que todo aquele Conselho de Turma, está a trabalhar no mesmo sentido. O aluno ter essa percepção... quer a nível da disciplina, quer das regras, seja o que for, a nível do desenvolvimento de competências, das várias competências. E nós estamos a fazer um bocadinho isso numa turma que eu tenho, por exemplo. Já, já estamos, mas aí está, pronto, porque eu estou lá, no fundo, não é? Porque tenho lá mais umas colegas que também estão nessa linha e nós estamos a ter resultados com os miúdos.*(com sorriso)* Eu consigo comparar, eu consegui até...eu estou no Estudo Acompanhado, com o professor de Matemática, o Plano da Matemática, em que estão a desenvolver o raciocínio e a interpretação... Eu consigo, *(com sorriso)* com o professor de Matemática já, fazer o transversal, na Língua Materna, na compreensão, o transversal das técnicas de estudo, está a ver? *(Pausa)*

30 Consegue-se fazer isso, portanto, naquele Conselho de Turma já se está a conseguir, já levamos para o Conselho de Turma isso, já se está a conseguir, não é? Agora, *(pausa)* isto a nível da escola é... É difícil, mas consegue-se.... Mas vai-se aos bocadinhos. Se nós tivermos este ano... fizermos, sei lá, três documentos, três guiões conjuntos, acho que já é muito bom, um a nível de técnicas de estudo... Também já existe um documento grande, também da escola, mas que a nível dos alunos é complicado, transpor aquilo depois para os alunos. Existe um documento informativo, que nós também fizemos, de técnicas de estudo, mais para o Estudo Acompanhado, para desenvolver no Estudo Acompanhado, quer no Estudo Acompanhado, quer na sala de aula, técnicas de estudo na sala de aula... E na biblioteca também, está a ver? Quantos alunos vão para lá estudar? *(pausa)* Em vez de eu ficar sentada à secretária, eu tenho que ir lá ver o que é que eles estão a estudar.... O que é que eles estão a estudar...o que é que estão a fazer...o que é que não estão...Aquele que está a fazer uma ficha:

40

-Espera aí, então estás a responder a uma ficha... em que página é que está isso? Já foste estudar? Então mas não sublinhaste aqui nada, como é que sabes o que é que é importante para depois responderes?

Portanto, é isto o que tem que ser feito.

E- *Então o que acrescenta, no fundo, é a importância da articulação a nível mais macro, não é?*

50 *A escola toda.*

EE- Sim, sim, a escola toda e a biblioteca também, entra sempre, porque eles vão sentir a necessidade. Os professores vão sentir a necessidade da biblioteca.

E- Como aconteceu consigo, tal como explicou no início, não é?

EE- Sim, pela diferenciação, se sentirem que há alunos que não percorrem todos os mesmo caminho, ao mesmo tempo. Eles têm que olhar para todos, não podem só olhar para os bons, ou para os que têm dificuldades, não é? E nós temos uma heterogeneidade... e as escolas públicas... têm esse... não é contra, não, não é nada contra, é muito bom, é sinal que estão cá todos... É bom, é bom haver heterogeneidade, mas nós temos que saber lidar com a heterogeneidade e lidar com ela, só se pode lidar... *(pausa)* com o trabalho colaborativo, recorrendo aos recursos que há, passe a expressão, e um deles é a Biblioteca. Nós não utilizamos às vezes o que temos. Nós temos 14 computadores portáteis, *(pausa)* que os professores podem utilizar na sala de aula... e que pouco são utilizados, por exemplo, *(pausa)* não é? Eu por mim falo, *(pausa)* não é? Porque é preciso tempo para nós prepararmos a aula, para formações, para... agora eu tenho a certeza que um dos caminhos é por aí, se eu quero motivar os alunos... eu motivando os alunos *(pausa)* ajudando-os a descobrir, à descoberta, que eles sintam que são parte importante naquela sala de aula, porque não sou eu que só estou a debitar matéria, apelando sempre aos conhecimentos deles, às coisas deles... eu consigo, nós íamos conseguir ter menos casos de violência nas escolas, menos indisciplina. Claro que não íamos conseguir resolver tudo, porque temos muitos problemas sociais para resolver, não é? E esses aí escapam-nos muito, muito, e vêm cá para dentro, mas... eu acho que a escola era por aí. *(ri)* Já não vai ser para o meu tempo...

E- Então muito obrigado...

20 EE- *(Riso)*

E- (Riso) Mesmo para concluir, há um conjunto de dados, que apesar de ser anónimo eu preciso de recolher...

EE- Sim, sim...

E- Qual o seu grupo disciplinar?

EE- Português, Língua Portuguesa

E- Quantos anos tem na profissão de professora?

EE- 34 anos.

30 *E- Como é que iniciou o trabalho de biblioteca? Já falou um bocadinho...*

EE- Como iniciei? A coordenadora saiu, na altura por doença, ou não sei como é que foi. Entretanto, depois, pediram-me... para eu ser... penso que foi a nível do Conselho Executivo, penso que foi isso. (01:34:05) Eu era do grupo de Língua Portuguesa, na altura, as bibliotecas eram dadas aos professores de Português ou de História, da parte das Letras, não é? E portanto eu fui para lá, com 2 horas. A biblioteca, tradicional, com armários fechados... e a partir daí é que depois começámos a caminhar. Apresentámos o projecto à RBE, fomos das primeiras, aliás...

E- Em que ano é que entraram na RBE?

EE- Foi em 2000.

40 *E- E há quantos anos é que está a trabalhar na Biblioteca?*

EE- Sempre, depois nunca mais de lá saí.

E- Mas tem ideia de, exactamente há quanto tempo, começou?

EE- Ah, eu entrei em 1998, já estava na Biblioteca, isso mesmo. Ou 1997, por aí... foi por 97/98.

E- Os anos de experiência que tem na biblioteca são desde essa altura...

EE- Sim, desde essa altura.

E- E formação nesta área?

EE- Formação, tenho a nível de Catalogação, tenho de Animação em Bibliotecas... estes cursos de formação contínua que fui frequentando. Autoformação, muita. Mas nunca fiz, nem especializações, nem mestrados, nunca fiz.

50 *E- Presença no Conselho Pedagógico, já falou há pouco.... Outros cargos na escola?*

EE- Fui coordenadora de departamento, em simultâneo também, fui assessora do Conselho Executivo....

E- Neste momento...

EE- Neste momento, sou coordenadora da biblioteca e tenho um cargo que é mais a nível aqui da zona centro, na DREC, que é representante da Educação no [...], que é o Rendimento Social de Inserção, portanto da Segurança Social, em que nós temos... portanto eu estou nas reuniões às quartas-feiras, tenho que fazer um trabalho de *(pausa)* acompanhamento dos alunos fora da escolaridade obrigatória e dos que estão na escolaridade obrigatória, que usufruem do rendimento social de inserção. Ver se comparecem às aulas, se não comparecem... ver que cursos é que há a nível de educação e formação de adultos... portanto essas coisas.

10 E- *Qual a sua idade? Dizem que não deve perguntar....*

EE- 56, pode perguntar que eu digo com muito orgulho.

E- *Quantas horas de serviço, tem na biblioteca este ano?*

EE- Tenho 11, as de lei.

E- *Quantos elementos tem, na equipa nuclear?*

EE- Comigo 4. Portanto 3, comigo 4.

E- *Tem Auxiliar?*

EE- Sim, Auxiliar a tempo inteiro...

20 E- *É uma?*

EE- Sim é uma.

E- *E colaboradores?*

EE- Temos os colaboradores que são oito ou dez. Que eu acho que este ano são muitos, mas... porque aí está, preferia que fossem cinco, ou quatro...mas com mais horas, não é? Porque é mais rentável. Dispensam-se muito.

E- *Há aqui uma questão que não sei se sabe... Número de alunos da escola?*

EE- Sei, cerca de 700, mas posso dar dados mais exactos se quiser.

E- *E professores?*

30 EE- Professores...da escola só, não é?

E- *Sim, daqui da sede.*

EE- Perto de 100. *(pausa)* E acho que alunos, são mais perto de 800, que 700.

E- *Têm do 2º ciclo e 3º ciclo?*

EE- Sim, sim.

E- *Não há nenhuma turma do 1º ciclo?*

EE- Há, há duas turmas do 4º ano.

E- *Pronto, da minha parte, para já...*

40 EE- Olhe, eu peço imensa desculpa, sou muito faladora....como viu, falo muito com o coração... *(sorrindo)* e não com a razão...

E- *Não, foi muito bem! Mas esteve à vontade?*

EE- Estive, estive muito à vontade. (01:38:14)

- Fim da entrevista -

ANEXO 4

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO COORDENADOR B

Realizada dia de Novembro de 2007, às 14h até às 15h00+ -

10 E- Começamos aqui a entrevista com o coordenador B e em primeiro lugar, queria agradecer a tua disponibilidade para colaborares neste trabalho, neste estudo, o que é muito importante, pois eu espero com este trabalho, trazer algum contributo para melhorar as práticas de todos os que trabalhamos nas bibliotecas escolares. Queria também relembrar o tema do trabalho, apesar de já conheceres e teres inclusive tido acesso através do guião da entrevista que enviei. A área temática é o Trabalho Colaborativo entre o coordenador da BE e os professores da escola em geral. Os objectivos desta entrevista no trabalho são: começar por apresentar o objectivo quer do trabalho, quer da entrevista, como já falámos; conhecer o conceito de colaboração/trabalho colaborativo do coordenador, neste caso o teu conceito de trabalho colaborativo entre o coordenador da biblioteca e os outros professores; evidenciar características particulares das experiências que tenhas, deste tipo de trabalho; identificar, na tua perspectiva, factores facilitadores e factores de constrangimento ao trabalho colaborativo; identificar características pessoais que tu entendas serem importantes que o coordenador tenha e, também os professores em geral, para realizar o trabalho colaborativo e por fim, recolher dados caracterizadores, é claro que mantendo sempre a confidencialidade deste contributo, no sentido do anonimato, quer da escola, quer do coordenador, que é a

20 figura em que o estudo se centra.

Quero ainda garantir-te que os dados recolhidos serão utilizados, estritamente no âmbito deste trabalho. Por último, mais uma vez pretendo pedir-te autorização para gravar esta entrevista...

EE- Autorizo, sim.

E – Então, começemos a entrevista por te perguntar como é que tu entendes o trabalho colaborativo entre o coordenador da biblioteca com o professor de turma?

EE – Eh...por onde é que eu hei-de começar... (sorriso) eh...

30 E- Está à vontade....

(Silêncio)

E – Qual é o teu conceito?

EE – Pois... Para já, é estarmos sempre disponíveis para qualquer tipo de solicitação que eles nos possam fazer, não é? E depois, também não é só estarmos disponíveis, não é só dar respostas é também ir ter com eles e mostrar o que há, para eles saberem o que há para as disciplinas. Por exemplo, no início do ano ter aquela reunião nos departamentos, ir aos departamentos e dar a conhecer o fundo documental da biblioteca na área de cada um. Eh... perder algum tempo com isso, não é? Porque é importante, não basta só nós querermos dar a

40 conhecer, eles também têm que se deslocar e ver, e ter algum trabalho, algum contacto. Algum? (pequena pausa) Não é pouco, tem que ser bastante. E depois ir mantendo esse contacto ao longo do ano, ir sempre mantendo...

-“Olha tens isto, vê lá de que é que precisas...”

Não sei se...

E- Se tivesses que escolher uma palavra para definir....

EE – Para definir isto?

E - Sim.

EE – Ai...Não sei... (Pausa) ... é disponibilidade (Pausa), mas é disponibilidade de parte a parte. É eu como coordenadora, estar disponível a colmatar alguma falha que haja e também é disponibilidade da parte dos outros professores. É solicitarem-nos, porque se nós não formos solicitados, não faz sentido o nosso trabalho, não é? Estar a biblioteca fechada, ou estar a biblioteca aberta e não ir lá ninguém, ou irem só alunos... Se calhar não... não estamos a

cumprir o nosso... o nosso trabalho como deve ser, o nosso papel... Talvez seja disponibilidade, não é bem disponibilidade mas também não estou a encontrar uma palavra melhor (*sorri*).

E- Consideras que no Plano de Actividades da biblioteca deste ano, têm equacionado o trabalho colaborativo?

EE- Temos, temos. Somos sempre solicitados para... ou para fazer as exposições... Vão lá pôr as exposições... por exemplo há o Dia do Pi, têm lá sempre um PowerPoint, com informações sobre o Pi, sobre Pitágoras... várias coisas alusivas... O nosso espaço é usado também por todos os departamentos. Depois também nos solicitam muito para materiais, como estamos bastante bem apetrechados, felizmente (*sorrindo*), somos bastante solicitados, por todos os departamentos.

E- Consideras que o facto de terem um boa colecção, como depreendo do que dizes, é um factor que leva à solicitação por parte dos departamentos.

EE- Sim, é, é.

E- Tens experiências já, de anos anteriores, deste tipo de trabalho colaborativo. Dessas experiências, e no fundo já foste aflorando isso no que disseste, nessas experiências, como dizia, de quem foi a iniciativa?

EE- Tem que ser nossa. Tem que ser, porque... (*pequena pausa*) se calhar não devia dizer isto, mas vou dizer: sempre que trago novidades, levo-as para a sala de professores. Levo mesmo os livros, os DVD... Por exemplo comprei agora na [*omitimos o nome do espaço comercial*] aquela colecção do Planeta Terra que saiu agora da [*omitimos o nome da editora*]. Levei-a para a sala de professores, para o grupo de Ciências, para verem. Porque se nós não publicitarmos as coisas que temos, eles também não vão lá! Porque nós somos muito preguiçosos...

E- Nós?

EE- Nós, professores... (*riso*). Somos, somos muito comodistas... Estamos habituados a ir para a aula, vir da aula, sentamo-nos no nosso lugar na sala de professores, tomamos o nosso café e pouco mais... não é? São poucos, aqueles que se levantam muitas vezes para ir à biblioteca... ou seja para aquilo que for. Então eu acho que, se mostrar o que há, as pessoas até já ficam a ver e depois vão lá buscar. Mas este primeiro contacto tem que partir de mim, tem que partir de mim dar a conhecer aquilo que tenho, porque se eu pusesse as coisas na biblioteca, mesmo que as pusesse no sítio das novidades, como depois ponho... só são vistas por quem lá vai, não é? E nem todos lá vão! Assim eu sei que, se eles souberem que lá estão aquelas coisas, vão!

E- Essa é a tua experiência, agora gostava de saber o que tu pensas. Na forma como vês o trabalho colaborativo, de quem é que tu achas que deve ser a iniciativa.

EE- Deveria de ser dos outros professores. Deviam ser eles a sentir necessidade de procurar a biblioteca. Acho que sim.

E- Com base ainda na tua experiência, ah...pensando em actividades que já tenhas feito com professores, explica-me como se desenvolvem essas actividades. Como é que elas nascem, como se implementam e como é que se concluem.

EE- Se formos nós a organizar tudo, as coisas correm bem. Se for uma actividade feita na biblioteca, vai correndo... Se nós dependermos, se a actividade... se o sucesso da actividade depender do outro professor, se eu tiver que contar com muita colaboração do outro professor, aí as coisas não... porque normalmente os professores entendem estas actividades da biblioteca, como sendo da biblioteca e até ... Põem-se um bocado à margem...

E- Isso é com base na tua experiência...

EE- Sim.

E- Ainda da tua experiência, pensa numa actividade em concreto e diz-me como começou, como planificaste, se foi com o professor... a execução foi pensada com os professores, como foi...

EE- Não, não. Olha, por exemplo, a última que nós fizemos foi a do Dia da Biblioteca Escolar, no dia 22 de Outubro. Trouxemos à biblioteca as turmas de 5º ano, numa aula de

Área Projecto, porque eles estão com dois professores, as turmas são relativamente grandes e então achei melhor virem com dois professores, porque são miúdos especiais, os que estão no 5º ano este ano... são muito barulhentos, muito indisciplinados... Então, na semana anterior falei com eles, com os colegas, pedi-lhes meia hora da aula de Área Projecto, pedi que os levassem à biblioteca e disse-lhes o que é que ia fazer... realmente não planifiquei com eles (*sorrindo*), mas eles sabiam o que se ia passar... Mas o que é que acontece: eles vêm e depois... há um outro que sai. E um deles saiu...

E- Saiu... durante a actividade?

EE- Sim, durante a actividade! O que acontece é que como eles estão na biblioteca, como os alunos estão na biblioteca, estão entregues a mim. Os colegas às vezes entendem que estão aqui, estão comigo, não têm que ficar. Esse tal colega nem sequer... acho que nem sequer deu um bom exemplo aos miúdos, não é? Porque veio depositá-los à biblioteca... ficaram com o outro colega, porque é um par pedagógico, mas de qualquer maneira...

E- Essa actividade decorre... foi um convite, pelo que percebo. Uma actividade pensada pela equipa e que envolvia as turmas, tendo a ver com um tema relacionado com a iniciativa da equipa.

EE- Sim.

E- Decorreu a actividade, planeada por vós, desenvolvida por vós e no final é avaliada também pela equipa?

EE- A actividade correu bem, agora às vezes, o que não corre bem é mais o comportamento de alguns colegas que vêm... Pronto estão na biblioteca, deixá-los lá estar...

E- Porque é que achas que isso acontece?

EE- Não sei? Nem todos fazem isto. (Pausa) Nem todos fazem isto.

E- Há algum feedback que dêem?

EE- Há, há. Acham... e vieram-me dizer, por exemplo, uma colega que é a primeira vez que está na escola, veio-me dizer que nunca tinha estado numa escola onde convidassem assim os miúdos a ir e explicassem... Achou interessante e disse que também ela aprendeu algumas coisas... a organização pela CDU¹...

E- Era uma sessão explicativa sobre a organização?

EE- Sim era. Por exemplo como é que podiam requisitar um livro... quase todos levaram um livro, fazendo a requisição... Aquelas coisas normais que para nós são muito comezinhas, mas que para miúdos de 5º ano são importantes.

E- Consideras benéfico o trabalho colaborativo com os professores?

EE- Considero, acho que sim.

E- Porquê?

EE- Sozinhos não vamos a lado nenhum, não é? Quanto mais ajudas tivermos, quanto mais trabalharmos em grupo, acho que é muito mais proveitoso para todos. Nós na biblioteca sentimo-nos bem, porque sabemos que estamos a prestar um serviço, estamos a dar... somos úteis de alguma maneira aos professores da escola e os professores também sentem isso, sentem que nós damos resposta à maior parte dos pedidos que fazem.

E- Consideras que há áreas curriculares ou áreas não curriculares mais... propícias para o trabalho colaborativo com a biblioteca?

EE- Não, eu acho é que há professores com mais apetência para trabalho colaborativo. Áreas curriculares e não curriculares não.

E- Consideras então que todas são passíveis...

10 EE- Sim... e mais: dependendo dos colegas que temos a dar determinadas disciplinas, os próprios alunos frequentam mais a biblioteca. Eu acho que isso tem a ver connosco, não tem a ver com as disciplinas que leccionamos, porque se formos de Artes, Letras, Ciências Humanas ou Matemática, ou Ciências... eu acho que todas essas áreas precisam da biblioteca

¹ CDU – Classificação Decimal Universal – sistema de classificação que organiza o saber em nove grandes classes e que é utilizado para arrumação dos documentos em bibliotecas. (Nota da nossa responsabilidade)

e recorrem à biblioteca, se estiverem predispostos a isso. Mas acho que não tem a ver com as áreas, tem a ver com a pessoa.

E- Já que tocas neste aspecto, consideras que há características pessoais que os professores terão mais propícias a este tipo de trabalho?

EE- Eu acho que sim.

E- Que características achas que são importantes, que um professor tenha...

EE- Para já, acho que não pode ser individualista, não pode... sei lá... uma pessoa para trabalhar em grupo, para solicitar a ajuda de outros, tem que reconhecer que precisa da ajuda de alguém de alguma maneira, não é? E nem toda a gente reconhece que precisa e normalmente encontram-se pessoas que acham que já têm tudo e já nem precisam de preparar as aulas, porque já dão aquela matéria há muitos anos, nem se lembram que há livros novos a sair, DVDs, etc. Não se pode ser assim, não é? Tem que se estar aberto às novidades e o trabalho colaborativo, às vezes não é bem entendido. Eu acho que é por dar trabalho... estás a perceber? Quer dizer, é mais fácil trabalhar sozinho... se faz mal ou bem, é lá com ele, ninguém vê, ninguém sabe...

E- Não se expõe...

EE- É... e estando a trabalhar em conjunto, já temos que mostrar aquilo que sabemos ou que não sabemos, não é? (*sorrindo*) Eu acho que para isso é preciso ter um feitio muito especial... não é preciso ter um feitio muito especial, também não é isso! É preciso é não se ser individualista! E não se ser totalmente fechado a tudo quanto há de novo. Sabemos que há pessoas que não são... não são abertas às novidades. Fazem assim, sempre fizeram assim e é assim que vão continuar a fazer... e essas pessoas, para essas pessoas não há trabalho colaborativo nenhum, não é?

E- Mais alguma característica que queiras evidenciar? Ou essa é a mais...

EE- Acho que sim, que esta é a mais importante... e gostar de ajudar, de disponibilizar o que tem... e se não tem procura... Esse tipo de característica... que nem sempre se encontra. Nem sempre... nem sempre nós temos colegas que:

- “Eu não tenho mas deixa estar, que vou procurar!”

E no dia seguinte aparecem com as coisas. Nem sempre se encontra esse tipo de colegas e com esses não se trabalha em conjunto. Se bem que agora nas escolas acho que já se trabalha mais... em grupo.

E- Porquê?

EE- Com o tempo que cá passamos, acabamos por partilhar mais as coisas.

E- Notas isso?

EE- Eu noto, noto. Para já trabalha-se mais na escola, não é? Já não trabalhamos tanto tempo em casa. Temos mais tempo na escola, trabalhamos mais aqui. Pelo menos é o que eu vejo aqui. E ao estarmos a trabalhar na mesma mesa, quer se queira, quer não, acaba por se conversar sobre o trabalho que se está a fazer, não é? Quer dizer... eu acho que sim, que há mais trabalho colaborativo, se bem que continua a haver pessoas que não são abertas a determinadas coisas, a determinadas actividades e só estão preocupados em cumprir o programa e não se preocupam muito em abrir um bocado os horizontes, nem a eles, nem aos alunos, não é? É aquilo e aquilo mesmo.

E- E da parte do coordenador? Achas que há características particulares que o coordenador também deve ter para este tipo de trabalho colaborativo com os professores?

EE- Também não pode ser uma pessoa fechada sobre si, não é? Tem que... acho que para já tem que se dar com toda a gente, acho eu (*sorri*). Características pessoais ou profissionais?

E- Pessoais.

10 EE- Pessoais... eu acho que tem que ser uma pessoa dada e criar empatia com as pessoas, porque senão também não... (*pausa*) Eu às vezes quando chego à sala de professores carregada de sacos:

- “Lá vem o pai Natal, carregado de sacos...”

Com os tais livros que eu vou comprando... Pronto já estão habituados... em relação a mim, já estão habituados a que eu venha para a sala de professores mostrar o que tenho... pronto. E

acho que temos que fazer isso, acho que também temos que lhes levar a eles... Quer dizer, o ideal seria eles virem à biblioteca ver o que há, não é? Isso era o ideal. Não é a realidade, a realidade é que se nós formos mostrar o que temos, se nós levarmos à sala de professores, eles vão lá buscar e requisitar e tudo isso...

E- Já que focaste essa diferença entre características profissionais e características pessoais...

EE - (Sorri)

E- Destaca-me agora características profissionais.

EE- Tem que ter formação, na área das Bibliotecas, acho que é muito importante. Até porque na formação, nós não aprendemos só naquelas teorias todas que lemos... aprendemos muito com as experiências dos outros colegas... pelo menos falo por mim. A formação que fiz foi-me bastante útil. E não foi só nas disciplinas que tivemos... sei lá... Organização e Gestão de Bibliotecas, Literatura Infantil... eu acho que não se aprende só aí, também se aprende muito com as experiências dos outros colegas e isso é muito importante. A partilha... acho que é muito importante.

E- Como é que o trabalho colaborativo entrou na tua prática? Como é que surgiu, esta ideia, este conceito, esta prática?

EE- Na minha prática... Eu acho que foi só a partir... foi para aí há uns três ou quatro anos para cá... antes também não... Quer dizer, o trabalho colaborativo existia no departamento, por exemplo, existia algum trabalho, algum... mas pouco. Eu acho que também por estar neste lugar, também estou mais desperta para o trabalho colaborativo.

E- Estes três anos correspondem à tua entrada para a biblioteca?

EE- Não, eu estou há mais tempo na biblioteca.

E- Nesse horizonte de três anos, há algo que associes que te tenha despertado para esta prática?

EE- Não, não há uma coisa... foi ao longo do tempo é que eu fui percebendo que tínhamos que trabalhar mais em conjunto, tínhamos que partilhar mais...

E- Não há um marco...

EE- Não, não...

E- Eu depreendo que é do exercício normal das tuas funções, como coordenadora...

EE- Sim, sim, como coordenadora da biblioteca...

E- Foi emergindo...

EE- Sim, isso acho que sim, que foi importante ser coordenadora da biblioteca, até porque nós ali... quando estamos a tratar de fundo documental ficamos a saber bem o que é que a biblioteca tem e também sentimos que se não contarmos aos outros o que é que a escola tem, aquilo não tem utilidade nenhuma, não é? Por isso também é que comecei no início do ano lectivo, a levar lá os departamentos para verem o que é que há nas áreas deles. Porque, por exemplo, quando se fez o... aquele documento...o... o PDC.

E- Política de Desenvolvimento da Colecção?

10 EE- ... da Colecção. Passei uns inquéritos por todos os alunos e por todos os colegas. Havia uma determinada questão, em que eu pedia para fazerem sugestões de aquisição e havia muitos colegas nossos, que sugeriam coisas que nós já temos, o que significa que não conhecem, não é? Que não conheciam o fundo. Daí que eu me aperceba que tem que se dar a conhecer o fundo, se não... o que é que adianta ter muita coisa, coisas boas? Não adianta nada, porque as coisas não são utilizadas e assim, dando a conhecer...

E- Nas tuas experiências de trabalho colaborativo, pensando, por exemplo no horizonte até ao ano passado... agora estamos no início do ano lectivo, ainda... o que é que tu mudarias? Reflectindo... o que mudarias, achando ou perspectivando que poderia vir a ser mais eficaz doutra forma, ou melhorar?

20 EE- ...Ai, não sei... (silêncio) Eu acho que tudo quanto fosse para envolver mais o outro professor, não sei se funcionaria... Mas se calhar, em vez de ter... estou-me a lembrar da tal actividade do Dia da Biblioteca Escolar. Se calhar se a conversa não tivesse sido informal, como foi... se eu tivesse dado um papelinho para a mão com a planificação da actividade,

talvez as coisas tivessem sido levadas mais a sério. Sim. Mas... planificar com o colega, não sei se funcionaria, porque eu acho que os colegas, tudo quanto seja ter mais uma reunião, para mais trabalho, não...

E- Não estão receptivos?

EE- Não, não, não estão. Mas essa parte, quer dizer, ter eu mais trabalho, ter eu o trabalho de ter feito a planificação, com os objectivos... talvez a actividade fosse entendida de outra maneira. Porque assim era uma ida à biblioteca... pronto, foram passear para a biblioteca, podiam ter ido para ali para a mata, não foram... foram até à biblioteca, estás a perceber? Se calhar se eu... não é que eu não tenha levado a actividade a sério, mas se eu tivesse formalizado... e tivesse posto no papel, talvez sim... mas só agora que me perguntaste (*sorri*)...

E- Falando das condições ou factores que possam facilitar este trabalho colaborativo, que factores é que tu apontas como facilitadores para este trabalho colaborativo entre o coordenador da biblioteca e os professores.

EE- Ora, para além da tal disponibilidade, não vale a pena estar a falar novamente e tanto da parte deles, como da nossa parte... sei lá?... (*silêncio*) O que é que pode ser... Aspectos facilitadores?

E- Hum, hum, que ajudem a agilizar, que criem melhores condições para...

EE- Tem que haver... pode-se focar os aspectos materiais?

E- Sim, tudo o que consideras.

EE- Tem que haver eh... falta-me a palavra...

E- Recursos financeiros?

EE- Exactamente, tem que haver recursos financeiros para termos um bom fundo documental neste caso, para poder facilitar o trabalho a toda a gente. Isto sem dinheiro... não se vai a lado nenhum.

E- Portanto o fundo documental consideras um outro factor facilitador.

EE- Considero, considero. E conhecê-lo bem e ao dá-lo a conhecer já... quer dizer, uma coisa que os colegas gostam é também já ter um bocado a papinha toda feita:

- "Ah, este filme é sobre quê?"

Normalmente não conhecem nada, ou conhecem muito pouco. Ficam muito admirados por haver aqui tanta coisa e coisas que ainda não conheciam. É preciso nós perdermos muito tempo, a ver muitos filmes... (*sorri*). Estás a perceber? É preciso nós conhecermos muito bem aquilo que temos, para depois dizermos especificamente:

10 - "Olha isto dá para..."

Por exemplo, sei lá...aquele filme... Nós este período comprámos muita coisa sobre a alimentação, porque a escola tem três temas a desenvolver ao longo do ano, no primeiro período: a alimentação, no segundo: a cidadania e no terceiro: o ambiente. Portanto, mesmo o projecto Theka, este ano está virado para aí. Então comprámos aquele filme, o: *Super Size Me*. Sabes qual é? Aquele do americano que esteve trinta dias a comer no [*omitimos o nome do espaço comercial*].

E- Ah! Sim, já sei! Não estava a identificar pelo título.

20 EE- Então para dar a conhecer o filme, não é só dar a conhecê-lo:

- "Isto é bom para não sei quê..."

Entretanto como o filme é um bocado extenso, já temos aí um colega a trabalhar no filme, a gravar só umas partes que dão mais para o 5º e para o 6º ano suponhamos, estás a perceber?

E- Esse colega é da equipa?

EE- Não.

E- Está a colaborar?

EE- Está a colaborar, mas não é da equipa, infelizmente, porque se fosse da equipa...

E- Estás no Conselho Pedagógico?

30 EE- Estou.

E- Consideras isso um factor facilitador?

E- Considero. Acho que dá visibilidade à biblioteca e dá alguma importância, porque acho que ainda há muita gente que não dá muita importância à biblioteca.

E- Importância a que nível, o que queres dizer com essa expressão: “dar importância”?

EE- A todos... Acham que a biblioteca não é assim... não é uma coisa tão importante que justifique ter um coordenador no Conselho Pedagógico. Ainda há pessoas que acham que a biblioteca não dá trabalho, por exemplo... que vai para lá quem não tem mais nada que fazer... naquelas horas, nas horas da componente não lectiva do horário, porque nós infelizmente, temos pessoas na equipa com essas horas.

E- Infelizmente, porque, depreendo que não terão perfil...

EE- Exactamente. Não têm e acho que nem estão preocupadas em ter, nem querem ter, nem coisa nenhuma, e pronto. Mas ainda há! Este ano, por acaso tive a prova (*riso*) ... porque eu nos outros anos tenho estado no Pedagógico, como coordenadora de departamento e como coordenadora da biblioteca. Este ano, não sou coordenadora de departamento e continuo no Conselho Pedagógico. Então, houve um colega, coordenador de um departamento que perguntou:

- “Então, mas tu ainda cá estás? Mas tu já não és coordenadora do departamento de línguas?”

- “Pois não, mas sou coordenadora da biblioteca.”

- “Então e o coordenador da biblioteca vai para o Conselho Pedagógico? Mas tem que ir? Onde é que isso está?”

Quer dizer, senti ali... e curiosamente é um colega que trabalha muito na biblioteca... trabalha, mas não é na organização, nada disso...

E- Faz parte da equipa, ou é um elemento da comunidade que utiliza a biblioteca...

EE- Exactamente, é isso...

E- Achas que ao estares no Pedagógico...

EE- Muito pouca gente, atenção! Aqui na escola, senti isso dum colega, apenas um!

E- Ao estares no Pedagógico, não sendo identificada como um elemento de um departamento, mas como coordenadora da biblioteca, consideras que trouxe outra dimensão?

10 EE- Não, não, não, não... Eu não digo que tenha mudado este ano! Eu acho que o facto de eu ter lá estado sempre, como coordenadora, dá importância... quer dizer, ao fim e ao cabo também é um reconhecimento... eu penso que não é obrigatório o coordenador estar no Conselho Pedagógico, pois não?

E- Não, depende do Regulamentos Internos das escolas/agrupamentos.

EE- Pronto, o nosso Regulamento Interno tem, mas antes do nosso Regulamento Interno ter, já eu lá estava.

E- Hum, hum...

20 EE- Estás a perceber? Quer dizer, é a prova de que a escola, o Conselho Executivo, dá importância à biblioteca, isso sim. Tanto que, eu já era coordenadora há uns dois anos quando se mudou o Regulamento Interno e quando se pôs a figura do coordenador da biblioteca como membro do Conselho Pedagógico.

E- Era, até essa altura até ao ano passado era indicado pela Rede de Bibliotecas Escolares para se incluir no regulamento. A partir do ano passado, há a indicação que o coordenador estará no Conselho Pedagógico se estiver no regulamento... deixa-se um pouco às escolas margem para gerir... mas tu já tinhas essa realidade.

EE- Já, já!

30 *E Ainda falando dos factores facilitadores, ao nível da orgânica da escola, da organização, da gestão da escola, consideras destacar mais alguma coisa?*

EE- Eh...destacar?

E- Mais algum factor facilitador, ao nível da própria orgânica da escola, como ela se organiza...

EE- A nível dos outros órgãos? Ou o quê? Não....

E- Da forma de funcionamento e até dos outros órgãos sim.

EE- Não sei... ao nível do funcionamento há uma coisa que se faz aqui na escola... quer dizer, não é que isto tenha... tem importância e não tem! Por exemplo, as reuniões do Conselho Pedagógico são todas na biblioteca. Parecendo que não, é bom estarmos ali. As Assembleias de Escola são na Biblioteca. Graças às Assembleias de Escola serem na biblioteca, o ano passado, quando estava presente numa Assembleia de Escola, o Senhor Presidente da Câmara de [omitimos a localidade], eh e eu ter dito que precisava de estantes... deu-nos 2.500 euros. Quer dizer ele estava ali e viu! Parecendo que não, são coisas que... pode não ter importância nenhuma, mas que ao fim e ao cabo não é tão pouco importante quanto isso, quer dizer, é um espaço que já é familiar a muita gente eh... é um espaço agradável... Outra coisa, por exemplo, o presidente do Conselho Executivo, sempre que cá vem alguém à escola, vai mostrar a biblioteca, também é... também é bom, não é? Ir mostrar... Gosta de mostrar a biblioteca e vê-se que as pessoas ficam...

E- *E isso será um factor que tu achas que será importante?*

EE- Quer dizer, não é que seja... tem uma importância relativa. Tem uma importância relativa, porque pode ser só para mostrar, não é? Mas o que é certo é que, ao fim e ao cabo eles dão-nos mesmo essa importância, não é só para mostrar aos outros. É um gesto. Engraçado que não vai só mostrar a sala de professores ou não vai mostrar só o pavilhão, vem mostrar a biblioteca! Não é que por si só, tenha importância, mas de qualquer maneira também revela um bocadinho o gosto que têm em ter a biblioteca bem apetrechada a funcionar como deve ser...

E- *A importância que dão...*

EE- Dão, dão, isso dão!

10 E- Falando no outro lado, factores de constrangimento. Da tua experiência que factores de constrangimento consideras haver para que se desenvolva o trabalho colaborativo entre a biblioteca e os professores?

EE- Então, factores de constrangimento... (*silêncio*). O facto do trabalho colaborativo implicar mais tempo com outras pessoas pode ser um constrangimento...

E- *O tempo.*

20 EE- O tempo. Porque nós de uma maneira ou de outra podemos ter que passar mais tempo na escola, a organizar uma actividade ou outra, não é? E isso é um factor de constrangimento. Nem todos estão dispostos a perder tempo com mais uma reunião. Nós já somos tão massacrados com reuniões... Ainda por cima não é de nenhum órgão...

E- *Não é convocada formalmente?*

EE- Sim... isso é um constrangimento.

E- *Mais algum que te ocorra?*

EE- Mas na minha prática?

E- *Sim.*

30 EE- Não estou a ver... Quer dizer, é um factor de constrangimento não ter recursos financeiros, mas eu isso não me posso queixar. Também pode ser um factor de constrangimento a pouca abertura dos colegas para este trabalho, tenha a ver com tempo ou não... mas também não, não posso apontar isso. É mais o tempo que as pessoas perdem... Perdem que não perdiam, não é? Não seria perdido, mas ... é mais o tempo. Acho que sim.

E- *Antes de passarmos a uma questão final, vou dar uma vista de olhos ao guião, porque fomos conversando e saltitando ao sabor da nossa conversa. Vou ver se não me falha nada...* (pequeno silêncio).

Há aqui um aspecto que não aflorámos muito, a conversa mudou e eu não voltei aqui: da experiência que tens, tens trabalhado mais com uns professores e menos com outros...

EE- Tenho. (*silêncio*)

40 E- *Embora possa parecer repetitivo, em função do que já falámos, porquê mais com aqueles?*

EE- Porque são os mais receptivos. São os mais receptivos e são aqueles que também, dá-me ideia que têm aulas mais dinâmicas, mais ricas! Utilizam muito os recursos da biblioteca.

Enquanto que há professores que nunca... quer dizer por mais que uma pessoa tente fazer aquela abordagem:

- “Olha, temos lá isto, temos aquilo, vai lá!”

Inclusivamente o facto de eu trazer... há pessoas que não são receptivas a isso... Acho que ainda há professores... eh... “à moda antiga”, digamos assim! Aqueles que só estão preocupados em dar a matéria, cumprir o programa... Têm o manual, o manual até traz uns acetatos e umas coisas... governam-se com aquilo!

E- Chega...

EE- Pronto chega! E a esses eu não consigo chegar... nem tenho pretensões, porque acho que é muito difícil... Quer dizer, já não é mau eu ter bastantes professores, temos bastantes professores aqui na escola que trabalham muito na biblioteca, com a biblioteca, utilizando os recursos da biblioteca. Temos bastantes... a maioria. A maioria utiliza os recursos da biblioteca. Não é que sejam frequentadores da biblioteca, não são. A maior parte deles não é. Os frequentadores da biblioteca vão lá para ler os jornais, as revistas...

E- Como é que utilizam os recursos, sem serem frequentadores? Explica-me esta questão?

10 EE- Vão lá ver... vão ver, vão requisitar, mas isso... quer dizer, não estão lá! Não ficam lá 10 minutos!

E- Já conhecem e ...

EE- Exactamente, vão ao sítio, vão às estantes que têm as coisas das áreas deles... Pedem ajuda, se for caso disso... Não são pessoas que percam... porque depois lá está, podiam sentar-se lá a ver... mas não, levam para a sala de professores... levam.

E- E vêem na sala de professores...

EE- Sim, na sala de professores.

20 *E- Para terminarmos, pergunto se, desta nossa conversa à volta do tema trabalho colaborativo com os professores... se há alguma coisa que tu possas acrescentar... que não tenha ficado... ou que achas que seja importante e que eu não tenha abordado...*

EE- Não... eu só acho que o trabalho colaborativo é muito importante, não só do coordenador da biblioteca e os outros professores, como dentro da própria equipa da biblioteca... e por vezes isso também não... não existe... Mas de qualquer maneira, o trabalho colaborativo que tu dizias era entre coordenador e outros professores, não é?

E- Sim, centro o estudo no coordenador, mas da tua experiência deves referir o que consideras importante.

30 EE- Sim, é muito importante... quer dizer, o trabalho é colaborativo entre aspas, porque uns colaboram mais que os outros. *(Riso)*

E- Explica lá isso.

EE- Quer dizer, é o facto de eu ter que lhe levar as coisas. Eu acho que tanto devia haver oferta como procura, estás a perceber? Oferta da parte do coordenador e procura da parte dos outros. E não é isso que acontece. Quer dizer, depois as coisas funcionam, mas eu acho que se um dia chegasse à escola e resolvesse não fazer mais nada disso, a biblioteca fechava para os colegas. *(pausa)* Eles não procuravam, estás a perceber.

40 *E- Essa solicitação que estavas a dizer há pouco. Vão à biblioteca buscar recursos para a aula. Vão buscar só e mais nada... Isso continuaria, não é?*

EE- Sim, continuaria, continuariam a ir buscar o que conhecem. O que eu comprasse de novo, não sei se continuariam, a não ser que o vissem no escaparate, mas aí já não iam todos os que precisariam desses recursos.

E- Nunca te aconteceu um colega dirigir-se na ti solicitando directamente a colaboração para uma actividade...

50 EE- Não, para uma actividade não. Mas já fui solicitada para... por exemplo, no outro dia uma colega de História que ia faltar e estavam a dar o séc. XIX... se eu tinha algum filme que retratasse o séc. XIX, para que em vez de estar a deixar uma ficha, deixasse o filme.

E- Era no sentido de encontrar um recurso...

EE- Era... exactamente, um recurso adequado. Isso para esse tipo de coisas eles solicitam... Para as aulas de substituição temos as fichas, uma bateria de fichas que temos na biblioteca para as aulas de substituição. Para isso também... já nem solicitam, têm-nas lá e vão lá, tiram...

E- Essas fichas, foram elaboradas...

EE- Foram elaboradas no ano passado e aí tivemos a colaboração de vários colegas, mas lá está... temos mais fichas de Físico-Química, de Ciências Naturais e de História.

E- Mais uma vez foram solicitados por vós, foi? Solicitado a todos...

EE- Sim. Mesmo apesar da solicitação, há uns que colaboram mais que outros. Conclusão: agora querem os materiais para as aulas de substituição e têm que os produzir... *(sorriso)*. Isso também já foi uma coisa que foi conversada em Pedagógico até: agora é que se está a ver quem colaborou no ano passado. Não deixou de ser trabalho colaborativo. Quer dizer, quem ajudou o ano passado, quem deu no ano passado, está a colher frutos este ano. Quem não deu...

10

E- Adicionalmente à nossa conversa ocorre-te dizer mais alguma coisa sobre esta temática?

EE- Não, creio que não.

E- Então pedia-te apenas alguns dados. Qual é o teu grupo disciplinar?

EE- Português, 8ºA.

E- Há quantos anos és professora?

EE- Dezanove.

20

E- Como iniciaste o trabalho na biblioteca?

EE- Como?

E- Sim, como começaste a trabalhar nesta área, foste logo coordenadora...

EE- Ah, não, primeiro fiz parte da equipa. Só trabalhei na biblioteca aqui nesta escola. Já tinha no horário duas horas de biblioteca e eu não percebia nada de bibliotecas, não é? Então quando apareceram acções de formação, a primeira coisa que eu fiz foi fazer uma acção de formação para ter umas ideias, umas noções básicas. Então, no ano seguinte como eu tinha feito a acção de formação, puseram-me como coordenadora da biblioteca *(sorrindo)*.

30

E- Então estás como coordenadora há quanto tempo?

EE- Há cinco anos.

E- Sendo que há mais tempo já trabalhavas na biblioteca, na equipa...

EE- Sim.

E- Formação em bibliotecas? Para além da formação Foco, que já referiste, tens outra formação?

EE- A pós-graduação: Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares, da Universidade Aberta.

E- Presença no Conselho Pedagógico, já vimos que sim. Tens outros cargos?

EE- Não, neste momento não.

40

E- Quanto anos tens?

EE- 41 *(rindo)*.

E- Quantas horas semanais tens na biblioteca?

EE- Oito.

E- Quantos elementos tem a tua equipa?

EE- Sete.

E- Núcleo duro?

50

EE- Núcleo duro não. Sete contando com aqueles que têm lá os 45 minutos... Ao todo somos sete, sete professores e duas funcionárias e este ano temos mais uma funcionária à hora de almoço. Para assegurar sempre duas funcionárias à hora de almoço, porque há aquela hora de almoço em que só ficava uma e há hora de almoço é sempre muito complicado, a biblioteca tem muita gente. Então o Conselho Executivo pôs-nos lá mais uma funcionária à hora de almoço.

E- Sabes quantos alunos tem a escola?

EE- A escola sede tem cerca de 380.

E- E professores?

EE- Deve ter aí uns 40, mais ou menos. Mas eu dou-te os dados exactos...

EE- Está bem. Da parte da entrevista chegámos ao fim, agradeço uma vez mais a tua colaboração.

FIM

ANEXO 5

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO COORDENADOR C

Realizada dia 22 de Janeiro de 2008, às 11h30m até às 13h00+ -

E- Vou começar por te agradecer a disponibilidade para colaborares com este estudo...

EE- Sempre às ordens... (sorrindo) Sempre às ordens...

E- ... o que é muito importante, pois sem as pessoas colaborarem nós não podemos chegar a algumas conclusões que possam ser úteis para o trabalho de todos. Portanto eu queria agradecer-te a disponibilidade...

EE- Não tens nada que agradecer, desde que eu possa contribuir...

10 E- Tal como tiveste acesso, pelo mail que enviei, vou referir o tema de trabalho que é o Trabalho Colaborativo entre o coordenador da BE e os professores da escola em geral. Os objectivos da entrevista são: para além de apresentar o objectivo quer do trabalho, quer da entrevista; conhecer o conceito de colaboração/trabalho colaborativo do coordenador, na ligação do coordenador da biblioteca escolar e os professores das turmas; evidenciar características particulares das experiências de trabalho colaborativo que o coordenador tenha; identificar, na perspectiva do coordenador, factores que possam ser facilitadores e factores de constrangimento ao trabalho colaborativo; identificar características pessoais do coordenador e que sejam importantes para o trabalho colaborativo com os professores;

20 identificar características pessoais dos professores que o coordenador considere que são importantes para realizar esse trabalho e por último recolher alguns dados caracterizadores da realidade... Claro que garantindo sempre o anonimato que é uma das condições do trabalho. Além disso, todos os dados recolhidos serão tratados exclusivamente no âmbito deste trabalho, não terão nenhum outro tipo de utilização.

EE- Sim, sim...

E- Também solicitar-te que autorizes esta gravação...

EE- Pode ser, pode ser.

30 E – Então estás bem disposta? Começamos?

EE- Sim. (Sorrindo)

E- A primeira questão: gostava de saber como é que tu entendes o trabalho colaborativo entre o coordenador da biblioteca com os professores das turmas?

EE – Das turmas? Da escola toda...

E- Sim, todos os professores.

40 EE- Eu acho que a biblioteca só faz sentido se realmente existir essa colaboração entre os professores e a biblioteca, não é? Nós aqui, é assim: estamos sempre disponíveis às solicitações deles, eu costumo pedir no Pedagógico... ah... se tiverem actividades que querem que a biblioteca colabore ou que preste algum apoio de alguma maneira, que façam chegar a informação de qualquer modo e tentamos também que as nossas actividades sejam direccionadas para eles, para o que eles estão a fazer. Dentro do possível conjugar as coisas, pronto.

E- Achas que a presença no Conselho Pedagógico é importante?

EE- É importante, eu acho que é muito importante, por isso, porque ali estamos com todos, não é? É uma maneira fácil de chegarmos logo a todos e de sabermos logo ali, as necessidades de cada um... Se bem que, aqui na escola também os colegas estão habituados a vir e a pedir pontualmente colaboração para alguma coisa. Ainda agora... o caso da história da *Andorinha Sinhá e do Gato Malhado*, a colega de Língua Portuguesa pensou uma actividade com os alunos, nem foi falado em reunião de departamento, porque eu costumo também ir às reuniões de Departamento de Língua Portuguesa... e nem foi falado, mas ela pensou na actividade com os alunos e ligar isto também com a comemoração do S. Valentim e tinha necessidade dos

livros com urgência. Portanto veio aqui, não tinha hipótese de esperar pela reunião do departamento, se era possível... e eu disse:

-“Vamos, vamos fazer o possível, com o dinheiro que há, vamos ver o que se consegue...”

E consegui-lhe os livros para ela começar imediatamente a trabalhar. Entretanto a actividade vai ser desenvolvida também na biblioteca. Na altura do S. Valentim, os miúdos virão aqui à biblioteca apresentar os trabalhos... E é assim, dentro do possível, nós aqui estamos disponíveis e queremos é que os colegas nos tragam os problemas que têm, as suas propostas.

E- Se tivesses que pensar em definir a forma como entendes o trabalho colaborativo da biblioteca com os professores numa palavra, o que escolherias?

EE- Cooperação, colaboração talvez... interdisciplinaridade...

E- Entendes que o Plano de Actividades da biblioteca, considera o trabalho colaborativo?

EE- Sim, entendo que sim.

E- Das tuas experiências de trabalho colaborativo, de quem é a iniciativa normalmente, é da biblioteca ou dos professores?

EE- É dos departamentos... Por exemplo, sei lá...na Língua Portuguesa, nas Línguas Estrangeiras... acaba por ser também muito da biblioteca porque eu estou lá, porque faço parte, falo das coisas e acaba por se fazer ali a ligação. Na parte da Ciências, por exemplo, é muitas vezes da parte da coordenadora que vem ter connosco e ... Matemática, também... umas vezes deles, outras vezes nossa. Matemática... como tem também uma sala específica com materiais deles, recorre a nós às vezes por necessidade de ter algum livro, de ter algum material, se podermos comprar...ou ajudar nalguma coisa, porque eles têm uma sala específica com materiais. O Plano de Acção da Matemática também lhes facilitou a compra de muita coisa, que não está ligada a nós, não passa por nós. Ha... mas com as Ciências sim, é muito da parte da coordenadora. E é mais com quem nós estamos... é as línguas e as ciências... As artes... as artes é assim, recorremos quer uns, quer outros, para apoiar determinadas actividades... A necessidade das artes é também mais a nível de facilitarmos o empréstimo domiciliário de obras que não vão para casa, às vezes para projectos... Agora com actividades específicas é mais com as Ciências, as Línguas, o Português...

E- Ao nível da iniciativa de pensar em qualquer trabalho colaborativo, consideras que é mais ou menos equilibrado, tanto é da parte da biblioteca, como dos professores, dos departamentos...

EE- Sim, sim...Está mais ou menos equilibrado. Às vezes, pensamos actividades e vamos ter com eles:

- “Qual é o vosso interesse, a vossa colaboração nesta determinada actividade...”

E normalmente há sempre resposta positiva da parte dos colegas. Eu nunca tive ninguém que dissesse:

-“Não, não quero!”

Acham sempre bem... outras vezes parte deles.

E- Pelo que estavas a dizer, será que interpreto bem, quando parte deles muitas vezes é concentrado na pessoa do coordenador do departamento que vem ter convosco? Ou não necessariamente?

EE- Não necessariamente.

E- Qualquer professor vem ter convosco individualmente?

EE- Sim, sim. Uma das actividades que fizemos no ano passado, com os colegas de Ciências... Tinham desenvolvido algumas actividades com os alunos e queriam proporcionar-lhes o contacto com livros científicos, de carácter científico. Pediram-nos se poderíamos organizar uma mini-feira da Ciência, com livros de carácter científico, ligados à biologia, à mineralogia... Disse que sim. Contactámos, fez-se, estiveram aí os livros dois dias e tivemos a possibilidade, como fazemos na nossa feira, de ficar reservado para eles pediram aos pais e pronto, aí partiu deles. Não estava no nosso plano de actividades, inserimos. E é assim, aqui na escola, não há... eu sei que isso são coisas que têm que ir a Pedagógico, mas eu sei que

posso avançar com as coisas quase sem pedir autorização... sem levar ao Pedagógico que garantidamente ninguém diz que não. Eu tenho essa confiança...

E- Consideras que há um bom clima...

EE- Há. Se tiver tempo de ir a Pedagógico, as coisas vão e normalmente ninguém discorda, mas quando não há tempo, pode-se avançar, há confiança... Depois é ratificado em Pedagógico e normalmente ninguém contesta, toda a gente acha muito bem.

E- Há quanto anos é que estás aqui como coordenadora?

EE- Por acaso ainda há dias estávamos a falar disso. Eu estou aqui na escola... *(pausa)* há 12, 13 anos... deve ser.

E- Foste logo coordenadora da biblioteca?

EE- Eu vim logo para a Direcção de Instalações, na altura era Direcção de Instalações.

E- Antes da Rede de Bibliotecas existir, não é?

EE- Exactamente.

E- Isto para te perguntar se, ao longo deste tempo sempre foi assim?

EE- Sim... *(sorri)* Porque eu também tenho tido sempre o mesmo Conselho Executivo... *(sorrindo)*.

E- Consideras que o Conselho Executivo é importante a este nível?

EE- Eu acho que sim, eu acho que sim. Tem sido sempre, pelo menos o presidente tem sido constante... mas desde que eu vim para esta escola, alias foi uma coisa que eu notei logo e ele sempre disse isso, sempre fez questão de dizer isso, agora se calhar até tem menos hipótese do o fazer, porque as verbas são cada vez mais reduzidas, mas ele sempre disse:

-“Que nunca se deixe de fazer uma actividade nesta escola por falta de dinheiro! Faz-se sempre, seja de uma maneira ou de outra, havemos de encontrar solução!”

E pronto, é sempre assim um bocado com este espírito que a gente trabalha.

E- Há abertura...

EE- Sim. Às vezes, sei lá... acontece um colega...

- “Se pudesse comprar...”

-“Olhe, eu sei que não há dinheiro, mas eu vou ver...”

Pronto e não há dinheiro, mas compra-se e logo se há-de pagar... Nesse aspecto é bom.

E- Ainda dentro do contexto da pergunta anterior e apesar da resposta que me deste, de quem é que tu consideras que deve ser a iniciativa?

EE- Eu acho que pode ser tanto duns como doutros... Não estarmos à espera, numa atitude passiva que venham cá ter connosco, porque podem não vir, não é? *(sorri)* Nós também temos que mostrar... sei lá... nós temos que nos mostrar, as pessoas têm que saber que podem contar com a biblioteca e... para as pessoas saberem que podem contar, é porque a biblioteca também tem que ter determinadas iniciativas e... senão ninguém sabe que nós existimos! Acho que deve ser de parte a parte.

E- Das experiências que tens tido, de trabalho colaborativo, consideras que há áreas curriculares e áreas não curriculares mais propícias a este tipo de trabalho?

EE- *(Pausa)* Se calhar... se calhar... *(pausa)* No fundo todos precisam da biblioteca para uma coisa ou outra, no fundo todos precisam, mas... não sei, talvez... talvez haja alguns... da parte das Ciências e das Literaturas... *(hesitante)*

E- Entre as curriculares... e as não curriculares, destacas algumas?

EE- Das não curriculares, talvez... as Áreas de Projecto... acho que sim. *(hesitante)*

E- Porquê?

EE- Pelas características da disciplina, pelo apoio que podemos dar aos alunos, pelo tipo de trabalho...

10

E- Com base na tua experiência ainda, como é que se desenvolvem estas actividades normalmente, que tipo de etapas é que percorre o processo dum actividade de trabalho colaborativo com o professor, ou com mais do que um? Como é que normalmente começa, se desenvolve e termina?

EE- É assim *(sorri)*. À partida começa por uma conversa entre as pessoas interessadas, uma mini-reunião. Depois a actividade é inserida no nosso Plano de Actividades e no Plano de

Actividades da disciplina. He... pronto... é posta em prática e normalmente a avaliação é feita pelo coordenador da disciplina e é feita também por mim, no Conselho Pedagógico.

E- Revendo esses passos: quando é planificada, a planificação que vocês fazem no vosso Plano de Actividades e depois os professores fazem na respectiva planificação do departamento ou disciplina, depois de conversarem, cada um vai fazer a sua, ou vocês fazem em conjunto?

EE- Não, fazemos em conjunto.

E- Fazem em conjunto, definem objectivos...

EE- Sim, sim...

E- E depois cada um insere... E depois, na implementação, quando a actividade é desenvolvida... ela é desenvolvida em conjunto?

EE- Sim, é desenvolvida em conjunto.

E- Vocês combinam, articulam no sentido de que há elementos da equipa a participar e há os professores...

EE- Sim, exactamente.

E- E a avaliação? Estavas a dizer que eles fazem a sua em departamento e tu também fazes a tua e levas a Pedagógico...

EE- Sim, faço com a equipa e depois em Pedagógico.

E- Na parte da avaliação, vocês encontram-se para fazer esse balanço, ou cada um faz a sua parte?

EE- Olha, normalmente tem sido, cada um faz a sua parte. Mas se calhar... mas também... depende da actividade, também conversamos... sobre, sei lá...se valeu a pena, se não valeu a pena, também fazemos isso. É assim... lá está... quando estão ligadas com a minha área disciplinar, como em reunião de departamento se faz e eu estou presente e outros elementos da equipa também fazem parte do mesmo, acabamos por estar ali sempre... quando é da parte científica ou das matemáticas.... já tem acontecido... converso com o coordenador...

E- Informalmente?

EE- Sim, informalmente e depois cada um nos seus documentos...

E- Tens conhecimento da avaliação... por exemplo, a equipa faz a sua avaliação e vai a Pedagógico e o departamento também faz a sua que vai a Pedagógico, tu tens conhecimento dessa avaliação do departamento lá?

EE- Sim, sim. Já tem acontecido... eles mencionam o trabalho da equipa da biblioteca e a colaboração.

E- Esse tipo de avaliação, vocês fazem a avaliação do global da actividade, como é que decorreu?

EE- Sim.

E- Em termos de avaliação dos alunos, se houver alguma avaliação a esse nível, é feita também convosco ou é o professor.

EE- Aí é o professor... Se calhar até devíamos ter instrumentos de avaliação...por acaso até falámos disso agora nestes últimos dias...ha... mesmo para os alunos... Nós temos umas folhinhas de avaliação... Já começámos no ano passado com esse trabalho, no final de cada trimestre, de cada período, em que pedimos a opinião dos nossos utentes sobre o trabalho realizado, mas é no geral, não de uma actividade específica. Deixamos sempre espaço para mencionarem se quiserem fazer alguma observação a alguma actividade ou não... Isto começou no início do ano lectivo anterior. [omitimos pequena explicação do processo de implementação desta avaliação]

E- Nestas práticas de trabalho colaborativo, com que professores é que trabalhas normalmente? Apesar de já teres feito referências...

EE- É assim, tanto trabalho com os coordenadores, como com os professores do departamento. É como eu te digo, quem tem necessidade....

E- Não há professores com quem trabalhas com mais regularidade e outros com quem nunca tenha acontecido trabalhar?

EE- Há, há... há pessoas, que, sei lá, pela maneira de ser deles e de encarar as coisas... eu penso que é a maneira de ser da pessoa... que gosta de variar e que os alunos venham e trabalhar em colaboração com a biblioteca. Há pessoas que estão sempre disponíveis a isso, há outros que não, isso há.

E- Pensas que terá mais a ver com características pessoais...

EE- Acho que sim. Pelo menos não há nada da nossa parte... sei lá... pelo menos nunca ninguém recusou nada a ninguém... portanto há um bom ambiente de trabalho, as pessoas dão-se bem, mas não é da maneira de ser de muitos colegas recorrerem à biblioteca. Ainda há alguns, mas é como digo, acabam por ser quase sempre os mesmos, isso é verdade.

E- Se tivesses que fazer assim uma percentagem, em função dos professores que há na escola, quantos por cento é que tu achas que trabalha assim com a equipa, será uma maioria ou uma minoria...

EE- Se calhar metade talvez... *(silêncio)*

E- Como é que esta questão do trabalho colaborativo despertou em ti, na tua vida profissional?

EE- Eu acho que deve ser assim... acho que a pessoa consegue crescer mais em termos profissionais se trabalhar em colaboração...

E- Sempre tiveste essa visão? Ou há algum momento na tua vida profissional em que tenhas parado para reflectir mais sobre isso... No teu percurso notas que houve algum momento em que tenhas despertado mais para esta forma de trabalhar?

EE- É assim, se calhar é da minha maneira de ser também. Eu mesmo antes de estar ligada à biblioteca sempre gostei de trabalhar em conjunto, partilhar e... sempre estive muito ligada a actividades das escolas por onde passei... gosto, gosto de fazer essas coisas. Eu acho que já está um bocado em mim, acho que sim. Acho que também depende um bocado do feitio das pessoas, acho que sim.

E- Consideras que este tipo de trabalho é benéfico? Porquê?

EE- Acho que é. Olha... acho que quem beneficia serão sempre os alunos, não é? Se nós pudermos colaborar para os ajudar, tentando incentivá-los... para coisas novas. Eles hoje em dia para os fazer estudar... há muita desmotivação e se tiverem algum incentivo, uma novidade, alguma coisa que os atraia é bom para eles. É bom. Nós comemorámos aqui o Dia da Biblioteca e tivemos a biblioteca sempre cheia, cheia... Servimos um chá com letras, biscoitinhos em forma de letras, umas bolachinhas... tínhamos actividades... para virem... para ler e perguntas relacionadas com livros da biblioteca e eles vieram, ficaram entusiasmadíssimos, colaboraram tanto! *(sorri)*

E- Vinham livremente, nesse caso ou era integrado em aula?

EE- Vinham livremente... nos tempos livres, mas não saíam daí *(sorri)* o máximo que puderam, eles vieram imenso!

10 *E- Das experiências de trabalho colaborativo que tens tido, mudarias alguma coisa? No sentido de melhorar a eficácia?*

EE- *(pequeno silêncio)* Se calhar... talvez até... ter mais tempo para estar com as pessoas, agora não me poderei queixar, não é? Mas até agora: ter mais tempo para reflectir melhor as coisas...

E- Reflectir, no sentido de avaliar?

20 EE- De avaliar... o processo todo, sei lá... pensar actividades, sugestões, coisas novas... porque até agora não tem sido assim muito fácil também, não é? Nós com as aulas que tínhamos e ultimamente... pouco tempo havia disponível... Agora vamos lá ver, a partir deste ano... acho que... podemos pensar em melhorar... Eu ao princípio até estava assim um pouco... nunca tive tanto tempo para gerir... *(sorrindo)* Nunca tive tanto tempo!

E- Pensavas que ia sobrar?

EE- Pensava que ia sobrar... *(Rindo)*

E- E sobrou?

EE- Não.

E- Esta situação a tempo inteiro na biblioteca, obviamente que traz uma diferença, mas este nível do trabalho colaborativo, achas que é muito significativo?

EE- Eu acho que deve ser significativo... deve ser, porque dá-nos muita disponibilidade para... lá está, eu agora quando me virar para o Bibliobase²... vai ser complicado, porque também vou ter que passar ali algum tempo... senão não há maneira de nós pormos as coisas a funcionar, mas é melhor, claro que é melhor, penso que sim.

E- Dará mais disponibilidade...

EE- Sim, para falar com as pessoas, porque é preciso tempo para essas coisas. Até mesmo o ir às reuniões delas, porque não? Isso, eu já pensei.

E- Isso seria uma coisa que mudarias...

EE- Sim, mudaria... ir aos departamentos, ir às reuniões do 1º ciclo... as reuniões mensais. Costumam ser aqui na escola, o que facilita... Eu acho que sim, isso é uma coisa que eu tenho em mente fazer... Não sei até que ponto...mas eu acho que sim que aceitam, porque também não é preciso estar lá na reunião toda, não é? É preciso ir lá e levar as nossas propostas de actividades e ver com eles o que é que se pode trabalhar em conjunto. Isso está na minha ideia fazer.

E- Consideras que há factores que são facilitadores do trabalho colaborativo a este nível?

EE- *(pequena pausa)* Eu acho que sim... acho que sim, porque isso parte também do espírito com que se vive na escola. Da maneira de trabalhar... do executivo que se tem... das pessoas...eh... não sei...

E- Do clima?

EE- Do clima da escola... da direcção da escola. É um factor facilitador, *(sorri)* eu acho que é, pelo menos por comentários que eu às vezes ouço de colegas de outras escolas. O à vontade com que... que as pessoas têm em pensar em actividades, fazer, realizar as coisas, sabendo que estão à vontade para o fazer, percebes? Porque têm sempre apoio, sabendo que têm abertura, têm apoio para isso. Eu acho que é um dos elementos... acho que começa por aí, acho que começa por aí.

E- Mais algum que te ocorra?

EE- *(silêncio)* Os professores, os funcionários... A maneira de se viver na escola, de se estar na escola. E se calhar estas escolas mais de “provincia” fazem diferença, porque as pessoas passam mais tempo. As pessoas estão, vêm de manhã, vão à noite, estão por aí... e se calhar têm mais disponibilidade, mais abertura... para certas coisas do que numa escola da cidade, em que a pessoa vai e até vai a casa num pouco que tenha... em vez de estar ali, aquilo não lhe diz nada... não sei... eu tenho estado sempre mais nestas escolas, mas ouço comentários de colegas...

E- Em termos de corpo docente, agora com o novo concurso, a mobilidade já é menor...

EE- Não foi quase nenhuma, pois não. Não foi quase nenhuma...

E- Mas anteriormente, havia muita mobilidade?

EE- Havia, havia talvez 50%. Temos um corpo... fixo, pessoas do quadro... 50, ou até nem sei, houve anos até que se calhar a mobilidade até seria uns 60%!

E- Foram sempre conseguindo esse clima, mesmo com as pessoas novas?

EE- Fomos, fomos... quer dizer houve um ano ou outro em que se notava... às vezes as pessoas novas... pronto... e isso está relacionado também com a idade deles... de se afastarem um bocadito, mas... uns anos melhor, outros anos pior, mas conseguia-se, conseguia-se, porque nós não os pomos de parte. Aqui... tem sido sempre assim, já estou aqui há uma série de anos, nós não os pomos de parte... Nós agarramos... Começa logo com aquelas actividades de integração no início do ano...

E- Que actividades são essas?

² Sistema informático de gestão do fundo documental.

EE- Este ano praticamente, quase que não houve, também éramos os mesmos, não é? Mas começa sempre com um almoço, um “rally papper”...

E- Para os professores?

EE- Sim, para receber os professores novos... O rally papper, no sentido de os levar a conhecer a zona, o meio... o almoço, é uma recepção. Quando não houve possibilidade de ser um almoço, é sempre um lanche convívio com todos. Não é aquela apresentação formal: eu sou tal... venho dali... Já tivemos aqui um ano em que a apresentação era através de um jogo... no sentido das pessoas se sentirem num ambiente de ... festa... houve sempre cuidado com essa apresentação. Desde que eu me lembro aqui na escola (*sorri*)... aliás, já organizei também um, uma vez, calhou-me a mim, teve que ser... Porque é mais fácil para as pessoas que são do meio, mas nós tivemos o azar de ganhar (*rindo*). É assim, a equipa ficava definida, quem ganhava tinha que organizar o seguinte... (*risos*) É engraçado, é um convívio bom e “quebra o gelo” lá está, as pessoas começam logo ali a conversar umas com as outras, até a integrar-se nas equipas, isso é bom!

E- Vendo um pouco a outra perspectiva, a inversa, consideras que há factores de constrangimento a este trabalho colaborativo?

EE- (*pequeno silêncio*) Se calhar... talvez... escolas em que as pessoas... trabalhe cada um por si, cada um com o seu departamento isolado...

E- Encontras alguma dessa realidade aqui... ou no teu caso, na tua experiência, há algum factor na escola, no geral... que tu aches que seja constrangedora da realização deste trabalho?

EE- Eu acho que na escola não. Não.

E- Ainda com base na tua experiência e da formação que tens, consideras que há características pessoais do coordenador que são importantes para desenvolver este tipo de trabalho?

EE- Talvez... também depende da maneira de ser da pessoa, do feitio da pessoa, não é? Se é uma pessoa disponível, para ouvir críticas e sugestões, não é? Temos que estar disponíveis para tudo isso. Ou se é uma pessoa mais individualista... A maneira de ser da pessoa, pode trazer mais as pessoas ou afastar. Embora a maneira de ser da pessoa não deve interferir no ser profissional, mas se calhar... a maneira de ser da pessoa, pode ajudar.

10

E- Já que referes o aspecto profissional, há algum aspecto de características profissionais que tu destacas como importante para este tipo de trabalho?

EE- A pessoa deve ter formação, saber o que está a fazer.

E- E falando dos outros professores? Achas que há características pessoais que o professor em geral tenha, para fazer este trabalho colaborativo, de integrar a biblioteca no seu trabalho pedagógico.

EE- Sim, também.

20

E- Que tipo de características é que enunciarias? Pensando por exemplo nas pessoas com que trabalhas mais...

EE- São pessoas disponíveis para dialogar, para partilhar experiências... que aceitam sugestões... pedem opiniões...

E - Estamos a chegar ao fim... (sorrindo). Desta nossa entrevista, há alguma coisa que eu não tenha perguntado, que gostasses de acrescentar, da tua experiência ou que tenhas pensado ou reflectido e que não tenha sido falado?

EE- Não, acho que não. (*Pausa*) É mais o intercâmbio... a interdisciplinaridade... mas já falámos disso, não é?

30

E- Sim. Bom, então vou fazer-te outro tipo de perguntas, de recolha de dados caracterizadores. Qual é o teu grupo disciplinar?

EE- Agora é o 210, é Português-Francês.

E- Há quantos anos és professora?

EE- 24.

E- Como é que iniciaste o trabalho em bibliotecas escolares?

EE- Estive em [omitimos o nome da localidade], destacada, estive lá 6 anos, já estava aqui como efectiva, mas nunca aqui tinha estado. Estive lá 6 anos a trabalhar e comecei a trabalhar com a colega que estava no Centro de Formação de Professores. Era amiga dela e trabalhava muito com ela, não estava ligada ao Centro de Formação, mas ajudava... e também com a colega que estava na biblioteca lá da Escola [omitimos o nome da escola]. Também estava muito por lá com ela... eu sempre fui muito perdida por livros. E estava muitas vezes lá, com ela. Houve uma altura em que a colega do Centro de Formação pediu à colega que estava como Directora de Instalações da Biblioteca, se ela lhe catalogava uns livros que eram do Centro de Formação, se organizava as coisas... E ela disse que sozinha não tinha muita disponibilidade, mas que ia falar comigo, se eu não me importava de a ajudar. E começou assim... comecei assim com ela a trabalhar e a entusiasmar-me um bocado com as coisas... depois já trabalhava com ela na biblioteca... Na altura não se fazia tanta actividade, era mais aquele apoio aos alunos, mas comecei assim. Entretanto no ano seguinte vim para aqui e a biblioteca ainda era lá em cima, onde é agora a sala de professores. Mostraram-me a biblioteca, tinha muitos livros, muita coisa, mas quando eu vi os livros de literatura infanto-juvenil, eram só dois armários... Na altura em que eu vim, nesse ano havia eleições para delegados, na altura era delegados e eu disse que não me importava de ficar na biblioteca, se não tivessem ninguém em mente... O presidente assim decidiu e fiquei até agora.

E- Estás arrependida (sorrindo)?

EE- Não, não estou nada arrependida, gosto e tenho pena de não conseguir fazer mais... quando os miúdos vêm perguntar se temos coisas novas e não as ter... por não ter dinheiro para as comprar, nesse momento... Mas pronto, acho que tenho feito... o que tem sido possível... Tem-se enriquecido a biblioteca, tem feito uma evolução, se calhar fiz... se calhar, não! Fiz disparates, fiz asneiras... mas na altura também não sabia, ninguém me orientou...

E- Foste investindo em formação? Que formação tens nesta área?

EE- Fui, sempre que havia fui tentando aproveitar. Tenho formação contínua. Mas como estava a dizer, quando entrámos na Rede de Bibliotecas Escolares e recebemos aquela primeira tranche de dinheiro... foi um disparate, na altura o que é que nós fizemos? Pusemos uma porta nova na biblioteca, mudámos o chão, que era em alcatifa e estava sempre tudo cheio de pó, também com esse dinheiro... não devia ter sido, mas na altura ninguém nos orientou também... agora a Rede também já tem procedimentos diferentes... Nós comunicámos que tinha sido gasto desta maneira e pronto... Eu agora às vezes vejo bibliotecas, quando entram na Rede recebem aquele primeiro dinheiro e enriquecem-se logo com tanta coisa... e eu não aproveitei! Isso é que eu lamento... Entretanto a biblioteca foi evoluindo... e melhorando. Agora por exemplo estou a tentar que a biblioteca tenha um orçamento próprio. Já falei nisso em Pedagógico, embora seja como eu digo, se eu for lá pedir... não me dizem que não, embora eu prefira saber que tenho x que posso gerir sem ter que andar a pedir... É diferente!

E- Então sintetizando, em termos de anos de coordenação, são 12, não é?

EE- São.

E- Experiência anterior em bibliotecas, já referiste...

EE- Sim foi...mas... é assim, eu logo quando comecei a trabalhar... se calhar também tive um bom início, porque eu comecei a trabalhar numa escola onde estava a Maria José Vitorino e ela era Directora de Instalações e já era aquela pessoa dinâmica que conhecemos e na altura ela estava a orientar estágio e trabalhava muito com as estagiárias, tinha que ser... e eu comecei também, a participar, a colaborar e a trabalhar na biblioteca, já nessa altura era uma biblioteca dinâmica, muito dinâmica... o que me fez ter uma grande decepção na escola onde mais tarde fui colocada em [omitimos o nome da localidade] a fazer estágio e quando me apresentaram a biblioteca... uma salita... uma salita não! Um gabinete fechado, com os livros encaixotados! (rindo) E eu vinha da outra!

- "Isto é que é a biblioteca?"

- "É."

- "Meu Deus do céu! Que miséria! Mas isto é uma desgraça autêntica!"

E- A primeira experiência foi em que ano?

EE- Estávamos... deixa ver se me situo...essa não foi a minha primeira escola...há cerca de 23 anos... Daí concorri para estágio... depois estive noutra escola onde a biblioteca também não era nada de especial e só venho encontrar depois uma biblioteca parecida... parecida em espaço, etc. em [...] de que já falei, mas não era nada como a primeira, essa já era... a Zé já tinha aquilo tudo “em movimento”, “em revolução”... *(risos)* Íamos buscar livros para as aulas... Agora é banal, não é? Agora os meninos virem aqui... buscar e durante a aula, ou vão daqui os livros, porque eles precisam de fazer determinado trabalho... isso é corrente, mas na altura não! Eram novidades... a gente já ia à biblioteca... ela, ela fazia isso nas aulas dela e até nos convidava a ir assistir... eu não estava a fazer estágio nenhum, mas como as estagiárias iam assistir, convidava-nos também a ir... nós as novas que estávamos lá. Era eu e outra colega. E nós íamos, ela ia buscar os livros, os livros iam para a sala de aula, os meninos trabalhavam... havia já aquela dinâmica... aquele intercâmbio... era ótimo! E eu comecei, logo aí a gostar de fazer este trabalho. Por isso, sempre que se proporcionou, eu fui dizendo que sim. Quando a tal colega me pediu na outra escola, eu disse que sim e fizemos, nas férias, esse trabalho... uma coisa extra tempo de aulas... ainda foi muito tempo, o Centro de Formação tinha muita coisa, muito material.

10 *E- As bibliotecas foram-se cruzando contigo...*

EE- Foram-se cruzando comigo, é verdade!

E- E em termos de presença no Conselho Pedagógico? Tens estado sempre?

EE- Eu tenho estado sempre, porque estive no princípio como coordenadora de departamento, que é agora departamento... na altura era delegada. Porque o cargo de Director de Instalações não tinha assento no Conselho Pedagógico, mas eu fui delegada de Francês do 2º ciclo, também. Desde que vim para cá fui sempre delegada de Francês, porque, lá está, era uma escola pequena (47:07), efectivos não éramos assim tantos e toda a gente tinha que ter cargos. Na altura a biblioteca não tinha representação no Pedagógico, mas eu já levava informação da biblioteca, dados que recolhíamos, do empréstimo domiciliário, etc...

20

E- Agora estás no Pedagógico exclusivamente nessa função, pela biblioteca?

EE- Sim, nessa função.

E- Foi a partir deste ano?

EE- Não, já no ano passado e nos últimos anos, por isso é que não fui para Titular (*rindo*), porque larguei a coordenação de departamento. Quando o coordenador da biblioteca começou estar em Pedagógico, eu acumulei... Aqui sempre acharam importante... é engraçado... mesmo sem terem directrizes, acharam importante que a biblioteca estivesse representada e eu ainda acumulei, dois anos... dois ou três... Agora quando fizemos as contas dos pontos, eu vi que ainda apanhei dois anos, como coordenadora de departamento e de biblioteca. Mas depois achei que também não havia necessidade, se havia outras pessoas, porque haveria eu de estar a acumular e então optei e fiquei com a biblioteca.

30

E- Bom, sobre outros cargos na escola, está a acabar de referir, o departamento e este ano estás a tempo inteiro...

EE- Direcção de turma. Houve um ano que eu tinha a biblioteca, era coordenadora da biblioteca, coordenadora de departamento e direcção de turma, tive as três coisas. Foi quando entrámos na Rede e eu passei a ser coordenadora. Eu numa escola já passei por tudo, também já estive no Conselho Executivo, mas não nesta...

40

E- Agora uma pergunta que consta não se deveria fazer... (Risos) Quantos anos tens?

E- Ah! ah!... 47, por pouco tempo.

E- O número de horas na biblioteca é 35h...

[*Confirma com gesto afirmativo da cabeça*]

E- Quantos elementos tem a equipa?

EE- Somos 7.

E- Contigo?

50

EE- Não, comigo 8.

E- E auxiliares?

EE- Tentamos que esteja sempre aberta, temos uma funcionária que está a tempo inteiro e com a equipa conciliamos a hora de almoço dela com a nossa. Está sempre aberta! Já houve mais a tendência de quando falta alguém, vir buscar a funcionária da biblioteca, agora já não. Agora só se for de todo impossível, porque sabem que não se pode fechar. Tem que se fazer os possíveis... Até quando a funcionária tem que se ausentar... tentam disponibilizar alguma funcionária para vir para aqui. Há esse esforço... há esse esforço. Aliás, é ponto assente que a biblioteca não pode fechar! Tem que se arranjar maneira, fechar não! Os nossos alunos... e se calhar nas outras escolas é assim, não é? Quando é que eles têm tempo para vir? É à hora de almoço. Para vir... livremente, não é? Porque nas outras horas, se o professor falta eles têm aula de substituição e ou vêm com o professor fazer trabalho e isso também vêm muitas vezes, ou então livremente e isso é mais nos inícios da manhã, da tarde e à hora de almoço. E às vezes ao fim da tarde também, quando terminam as aulas.

E- Tens noção de quantos alunos tem a escola?

EE- Penso que tem à volta de 400 alunos.

E- E professores?

EE- Não sei, mas posso perguntar...

E- Pronto, terminámos, obrigado.

EE- (*Sorriso*).

FIM

ANEXO 5

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO COORDENADOR C

Realizada dia 22 de Janeiro de 2008, às 11h30m até às 13h00+ -

E- Vou começar por te agradecer a disponibilidade para colaborares com este estudo...

EE- Sempre às ordens... (sorrindo) Sempre às ordens...

E- ... o que é muito importante, pois sem as pessoas colaborarem nós não podemos chegar a algumas conclusões que possam ser úteis para o trabalho de todos. Portanto eu queria agradecer-te a disponibilidade...

EE- Não tens nada que agradecer, desde que eu possa contribuir...

10 E- Tal como tiveste acesso, pelo mail que enviei, vou referir o tema de trabalho que é o Trabalho Colaborativo entre o coordenador da BE e os professores da escola em geral. Os objectivos da entrevista são: para além de apresentar o objectivo quer do trabalho, quer da entrevista; conhecer o conceito de colaboração/trabalho colaborativo do coordenador, na ligação do coordenador da biblioteca escolar e os professores das turmas; evidenciar características particulares das experiências de trabalho colaborativo que o coordenador tenha; identificar, na perspectiva do coordenador, factores que possam ser facilitadores e factores de constrangimento ao trabalho colaborativo; identificar características pessoais do coordenador e que sejam importantes para o trabalho colaborativo com os professores;

20 identificar características pessoais dos professores que o coordenador considere que são importantes para realizar esse trabalho e por último recolher alguns dados caracterizadores da realidade... Claro que garantindo sempre o anonimato que é uma das condições do trabalho. Além disso, todos os dados recolhidos serão tratados exclusivamente no âmbito deste trabalho, não terão nenhum outro tipo de utilização.

EE- Sim, sim...

E- Também solicitar-te que autorizes esta gravação...

EE- Pode ser, pode ser.

30 E – Então estás bem disposta? Começamos?

EE- Sim. (Sorrindo)

E- A primeira questão: gostava de saber como é que tu entendes o trabalho colaborativo entre o coordenador da biblioteca com os professores das turmas?

EE – Das turmas? Da escola toda...

E- Sim, todos os professores.

EE- Eu acho que a biblioteca só faz sentido se realmente existir essa colaboração entre os professores e a biblioteca, não é? Nós aqui, é assim: estamos sempre disponíveis às solicitações deles, eu costumo pedir no Pedagógico... ah... se tiverem actividades que querem

40 que a biblioteca colabore ou que preste algum apoio de alguma maneira, que façam chegar a informação de qualquer modo e tentamos também que as nossas actividades sejam direccionadas para eles, para o que eles estão a fazer. Dentro do possível conjugar as coisas, pronto.

E- Achas que a presença no Conselho Pedagógico é importante?

EE- É importante, eu acho que é muito importante, por isso, porque ali estamos com todos, não é? É uma maneira fácil de chegarmos logo a todos e de sabermos logo ali, as necessidades de cada um... Se bem que, aqui na escola também os colegas estão habituados a vir e a pedir pontualmente colaboração para alguma coisa. Ainda agora... o caso da história da *Andorinha Sinhá e do Gato Malhado*, a colega de Língua Portuguesa pensou uma actividade com os alunos, nem foi falado em reunião de departamento, porque eu costumo também ir às reuniões de Departamento de Língua Portuguesa... e nem foi falado, mas ela pensou na actividade com os alunos e ligar isto também com a comemoração do S. Valentim e tinha necessidade dos

livros com urgência. Portanto veio aqui, não tinha hipótese de esperar pela reunião do departamento, se era possível... e eu disse:

-“Vamos, vamos fazer o possível, com o dinheiro que há, vamos ver o que se consegue...”

E consegui-lhe os livros para ela começar imediatamente a trabalhar. Entretanto a actividade vai ser desenvolvida também na biblioteca. Na altura do S. Valentim, os miúdos virão aqui à biblioteca apresentar os trabalhos... E é assim, dentro do possível, nós aqui estamos disponíveis e queremos é que os colegas nos tragam os problemas que têm, as suas propostas.

E- Se tivesses que pensar em definir a forma como entendes o trabalho colaborativo da biblioteca com os professores numa palavra, o que escolherias?

EE- Cooperação, colaboração talvez... interdisciplinaridade...

E- Entendes que o Plano de Actividades da biblioteca, considera o trabalho colaborativo?

EE- Sim, entendo que sim.

E- Das tuas experiências de trabalho colaborativo, de quem é a iniciativa normalmente, é da biblioteca ou dos professores?

EE- É dos departamentos... Por exemplo, sei lá...na Língua Portuguesa, nas Línguas Estrangeiras... acaba por ser também muito da biblioteca porque eu estou lá, porque faço parte, falo das coisas e acaba por se fazer ali a ligação. Na parte da Ciências, por exemplo, é muitas vezes da parte da coordenadora que vem ter connosco e ... Matemática, também... umas vezes deles, outras vezes nossa. Matemática... como tem também uma sala específica com materiais deles, recorre a nós às vezes por necessidade de ter algum livro, de ter algum material, se podermos comprar...ou ajudar nalguma coisa, porque eles têm uma sala específica com materiais. O Plano de Acção da Matemática também lhes facilitou a compra de muita coisa, que não está ligada a nós, não passa por nós. Ha... mas com as Ciências sim, é muito da parte da coordenadora. E é mais com quem nós estamos... é as línguas e as ciências... As artes... as artes é assim, recorremos quer uns, quer outros, para apoiar determinadas actividades... A necessidade das artes é também mais a nível de facilitarmos o empréstimo domiciliário de obras que não vão para casa, às vezes para projectos... Agora com actividades específicas é mais com as Ciências, as Línguas, o Português...

E- Ao nível da iniciativa de pensar em qualquer trabalho colaborativo, consideras que é mais ou menos equilibrado, tanto é da parte da biblioteca, como dos professores, dos departamentos...

EE- Sim, sim...Está mais ou menos equilibrado. Às vezes, pensamos actividades e vamos ter com eles:

- “Qual é o vosso interesse, a vossa colaboração nesta determinada actividade...”

E normalmente há sempre resposta positiva da parte dos colegas. Eu nunca tive ninguém que dissesse:

-“Não, não quero!”

Acham sempre bem... outras vezes parte deles.

E- Pelo que estavas a dizer, será que interpreto bem, quando parte deles muitas vezes é concentrado na pessoa do coordenador do departamento que vem ter convosco? Ou não necessariamente?

EE- Não necessariamente.

E- Qualquer professor vem ter convosco individualmente?

EE- Sim, sim. Uma das actividades que fizemos no ano passado, com os colegas de Ciências... Tinham desenvolvido algumas actividades com os alunos e queriam proporcionar-lhes o contacto com livros científicos, de carácter científico. Pediram-nos se poderíamos organizar uma mini-feira da Ciência, com livros de carácter científico, ligados à biologia, à mineralogia... Disse que sim. Contactámos, fez-se, estiveram aí os livros dois dias e tivemos a possibilidade, como fazemos na nossa feira, de ficar reservado para eles pediram aos pais e pronto, aí partiu deles. Não estava no nosso plano de actividades, inserimos. E é assim, aqui na escola, não há... eu sei que isso são coisas que têm que ir a Pedagógico, mas eu sei que

posso avançar com as coisas quase sem pedir autorização... sem levar ao Pedagógico que garantidamente ninguém diz que não. Eu tenho essa confiança...

E- Consideras que há um bom clima...

EE- Há. Se tiver tempo de ir a Pedagógico, as coisas vão e normalmente ninguém discorda, mas quando não há tempo, pode-se avançar, há confiança... Depois é ratificado em Pedagógico e normalmente ninguém contesta, toda a gente acha muito bem.

E- Há quanto anos é que estás aqui como coordenadora?

EE- Por acaso ainda há dias estávamos a falar disso. Eu estou aqui na escola... *(pausa)* há 12, 13 anos... deve ser.

E- Foste logo coordenadora da biblioteca?

EE- Eu vim logo para a Direcção de Instalações, na altura era Direcção de Instalações.

E- Antes da Rede de Bibliotecas existir, não é?

EE- Exactamente.

E- Isto para te perguntar se, ao longo deste tempo sempre foi assim?

EE- Sim... *(sorri)* Porque eu também tenho tido sempre o mesmo Conselho Executivo... *(sorrindo)*.

E- Consideras que o Conselho Executivo é importante a este nível?

EE- Eu acho que sim, eu acho que sim. Tem sido sempre, pelo menos o presidente tem sido constante... mas desde que eu vim para esta escola, alias foi uma coisa que eu notei logo e ele sempre disse isso, sempre fez questão de dizer isso, agora se calhar até tem menos hipótese do o fazer, porque as verbas são cada vez mais reduzidas, mas ele sempre disse:

-“Que nunca se deixe de fazer uma actividade nesta escola por falta de dinheiro! Faz-se sempre, seja de uma maneira ou de outra, havemos de encontrar solução!”

E pronto, é sempre assim um bocado com este espírito que a gente trabalha.

E- Há abertura...

EE- Sim. Às vezes, sei lá... acontece um colega...

- “Se pudesse comprar...”

-“Olhe, eu sei que não há dinheiro, mas eu vou ver...”

Pronto e não há dinheiro, mas compra-se e logo se há-de pagar... Nesse aspecto é bom.

E- Ainda dentro do contexto da pergunta anterior e apesar da resposta que me deste, de quem é que tu consideras que deve ser a iniciativa?

EE- Eu acho que pode ser tanto duns como doutros... Não estarmos à espera, numa atitude passiva que venham cá ter connosco, porque podem não vir, não é? *(sorri)* Nós também temos que mostrar... sei lá... nós temos que nos mostrar, as pessoas têm que saber que podem contar com a biblioteca e... para as pessoas saberem que podem contar, é porque a biblioteca também tem que ter determinadas iniciativas e... senão ninguém sabe que nós existimos! Acho que deve ser de parte a parte.

E- Das experiências que tens tido, de trabalho colaborativo, consideras que há áreas curriculares e áreas não curriculares mais propícias a este tipo de trabalho?

EE- *(Pausa)* Se calhar... se calhar... *(pausa)* No fundo todos precisam da biblioteca para uma coisa ou outra, no fundo todos precisam, mas... não sei, talvez... talvez haja alguns... da parte das Ciências e das Literaturas... *(hesitante)*

E- Entre as curriculares... e as não curriculares, destacas algumas?

EE- Das não curriculares, talvez... as Áreas de Projecto... acho que sim. *(hesitante)*

E- Porquê?

EE- Pelas características da disciplina, pelo apoio que podemos dar aos alunos, pelo tipo de trabalho...

10

E- Com base na tua experiência ainda, como é que se desenvolvem estas actividades normalmente, que tipo de etapas é que percorre o processo dum actividade de trabalho colaborativo com o professor, ou com mais do que um? Como é que normalmente começa, se desenvolve e termina?

EE- É assim *(sorri)*. À partida começa por uma conversa entre as pessoas interessadas, uma mini-reunião. Depois a actividade é inserida no nosso Plano de Actividades e no Plano de

Actividades da disciplina. He... pronto... é posta em prática e normalmente a avaliação é feita pelo coordenador da disciplina e é feita também por mim, no Conselho Pedagógico.

E- Revendo esses passos: quando é planificada, a planificação que vocês fazem no vosso Plano de Actividades e depois os professores fazem na respectiva planificação do departamento ou disciplina, depois de conversarem, cada um vai fazer a sua, ou vocês fazem em conjunto?

EE- Não, fazemos em conjunto.

E- Fazem em conjunto, definem objectivos...

EE- Sim, sim...

E- E depois cada um insere... E depois, na implementação, quando a actividade é desenvolvida... ela é desenvolvida em conjunto?

EE- Sim, é desenvolvida em conjunto.

E- Vocês combinam, articulam no sentido de que há elementos da equipa a participar e há os professores...

EE- Sim, exactamente.

E- E a avaliação? Estavas a dizer que eles fazem a sua em departamento e tu também fazes a tua e levas a Pedagógico...

EE- Sim, faço com a equipa e depois em Pedagógico.

E- Na parte da avaliação, vocês encontram-se para fazer esse balanço, ou cada um faz a sua parte?

EE- Olha, normalmente tem sido, cada um faz a sua parte. Mas se calhar... mas também... depende da actividade, também conversamos... sobre, sei lá...se valeu a pena, se não valeu a pena, também fazemos isso. É assim... lá está... quando estão ligadas com a minha área disciplinar, como em reunião de departamento se faz e eu estou presente e outros elementos da equipa também fazem parte do mesmo, acabamos por estar ali sempre... quando é da parte científica ou das matemáticas.... já tem acontecido... converso com o coordenador...

E- Informalmente?

EE- Sim, informalmente e depois cada um nos seus documentos...

E- Tens conhecimento da avaliação... por exemplo, a equipa faz a sua avaliação e vai a Pedagógico e o departamento também faz a sua que vai a Pedagógico, tu tens conhecimento dessa avaliação do departamento lá?

EE- Sim, sim. Já tem acontecido... eles mencionam o trabalho da equipa da biblioteca e a colaboração.

E- Esse tipo de avaliação, vocês fazem a avaliação do global da actividade, como é que decorreu?

EE- Sim.

E- Em termos de avaliação dos alunos, se houver alguma avaliação a esse nível, é feita também convosco ou é o professor.

EE- Aí é o professor... Se calhar até devíamos ter instrumentos de avaliação...por acaso até falámos disso agora nestes últimos dias...ha... mesmo para os alunos... Nós temos umas folhinhas de avaliação... Já começámos no ano passado com esse trabalho, no final de cada trimestre, de cada período, em que pedimos a opinião dos nossos utentes sobre o trabalho realizado, mas é no geral, não de uma actividade específica. Deixamos sempre espaço para mencionarem se quiserem fazer alguma observação a alguma actividade ou não... Isto começou no início do ano lectivo anterior. [omitimos pequena explicação do processo de implementação desta avaliação]

E- Nestas práticas de trabalho colaborativo, com que professores é que trabalhas normalmente? Apesar de já teres feito referências...

EE- É assim, tanto trabalho com os coordenadores, como com os professores do departamento. É como eu te digo, quem tem necessidade....

E- Não há professores com quem trabalhas com mais regularidade e outros com quem nunca tenha acontecido trabalhar?

EE- Há, há... há pessoas, que, sei lá, pela maneira de ser deles e de encarar as coisas... eu penso que é a maneira de ser da pessoa... que gosta de variar e que os alunos venham e trabalhar em colaboração com a biblioteca. Há pessoas que estão sempre disponíveis a isso, há outros que não, isso há.

E- Pensas que terá mais a ver com características pessoais...

EE- Acho que sim. Pelo menos não há nada da nossa parte... sei lá... pelo menos nunca ninguém recusou nada a ninguém... portanto há um bom ambiente de trabalho, as pessoas dão-se bem, mas não é da maneira de ser de muitos colegas recorrerem à biblioteca. Ainda há alguns, mas é como digo, acabam por ser quase sempre os mesmos, isso é verdade.

E- Se tivesses que fazer assim uma percentagem, em função dos professores que há na escola, quantos por cento é que tu achas que trabalha assim com a equipa, será uma maioria ou uma minoria...

EE- Se calhar metade talvez... *(silêncio)*

E- Como é que esta questão do trabalho colaborativo despertou em ti, na tua vida profissional?

EE- Eu acho que deve ser assim... acho que a pessoa consegue crescer mais em termos profissionais se trabalhar em colaboração...

E- Sempre tiveste essa visão? Ou há algum momento na tua vida profissional em que tenhas parado para reflectir mais sobre isso... No teu percurso notas que houve algum momento em que tenhas despertado mais para esta forma de trabalhar?

EE- É assim, se calhar é da minha maneira de ser também. Eu mesmo antes de estar ligada à biblioteca sempre gostei de trabalhar em conjunto, partilhar e... sempre estive muito ligada a actividades das escolas por onde passei... gosto, gosto de fazer essas coisas. Eu acho que já está um bocado em mim, acho que sim. Acho que também depende um bocado do feitio das pessoas, acho que sim.

E- Consideras que este tipo de trabalho é benéfico? Porquê?

EE- Acho que é. Olha... acho que quem beneficia serão sempre os alunos, não é? Se nós pudermos colaborar para os ajudar, tentando incentivá-los... para coisas novas. Eles hoje em dia para os fazer estudar... há muita desmotivação e se tiverem algum incentivo, uma novidade, alguma coisa que os atraia é bom para eles. É bom. Nós comemorámos aqui o Dia da Biblioteca e tivemos a biblioteca sempre cheia, cheia... Servimos um chá com letras, biscoitinhos em forma de letras, umas bolachinhas... tínhamos actividades... para virem... para ler e perguntas relacionadas com livros da biblioteca e eles vieram, ficaram entusiasmadíssimos, colaboraram tanto! *(sorri)*

E- Vinham livremente, nesse caso ou era integrado em aula?

EE- Vinham livremente... nos tempos livres, mas não saíam daí *(sorri)* o máximo que puderam, eles vieram imenso!

10 *E- Das experiências de trabalho colaborativo que tens tido, mudarias alguma coisa? No sentido de melhorar a eficácia?*

EE- *(pequeno silêncio)* Se calhar... talvez até... ter mais tempo para estar com as pessoas, agora não me poderei queixar, não é? Mas até agora: ter mais tempo para reflectir melhor as coisas...

E- Reflectir, no sentido de avaliar?

EE- De avaliar... o processo todo, sei lá... pensar actividades, sugestões, coisas novas... porque até agora não tem sido assim muito fácil também, não é? Nós com as aulas que tínhamos e ultimamente... pouco tempo havia disponível... Agora vamos lá ver, a partir deste ano... acho que... podemos pensar em melhorar... Eu ao princípio até estava assim um pouco... nunca tive tanto tempo para gerir... *(sorrindo)* Nunca tive tanto tempo!

E- Pensavas que ia sobrar?

EE- Pensava que ia sobrar... *(Rindo)*

E- E sobrou?

EE- Não.

E- Esta situação a tempo inteiro na biblioteca, obviamente que traz uma diferença, mas este nível do trabalho colaborativo, achas que é muito significativo?

EE- Eu acho que deve ser significativo... deve ser, porque dá-nos muita disponibilidade para... lá está, eu agora quando me virar para o Bibliobase³... vai ser complicado, porque também vou ter que passar ali algum tempo... senão não há maneira de nós pormos as coisas a funcionar, mas é melhor, claro que é melhor, penso que sim.

E- Dará mais disponibilidade...

EE- Sim, para falar com as pessoas, porque é preciso tempo para essas coisas. Até mesmo o ir às reuniões delas, porque não? Isso, eu já pensei.

E- Isso seria uma coisa que mudarias...

EE- Sim, mudaria... ir aos departamentos, ir às reuniões do 1º ciclo... as reuniões mensais. Costumam ser aqui na escola, o que facilita... Eu acho que sim, isso é uma coisa que eu tenho em mente fazer... Não sei até que ponto...mas eu acho que sim que aceitam, porque também não é preciso estar lá na reunião toda, não é? É preciso ir lá e levar as nossas propostas de actividades e ver com eles o que é que se pode trabalhar em conjunto. Isso está na minha ideia fazer.

E- Consideras que há factores que são facilitadores do trabalho colaborativo a este nível?

EE- *(pequena pausa)* Eu acho que sim... acho que sim, porque isso parte também do espírito com que se vive na escola. Da maneira de trabalhar... do executivo que se tem... das pessoas...eh... não sei...

E- Do clima?

EE- Do clima da escola... da direcção da escola. É um factor facilitador, *(sorri)* eu acho que é, pelo menos por comentários que eu às vezes ouço de colegas de outras escolas. O à vontade com que... que as pessoas têm em pensar em actividades, fazer, realizar as coisas, sabendo que estão à vontade para o fazer, percebes? Porque têm sempre apoio, sabendo que têm abertura, têm apoio para isso. Eu acho que é um dos elementos... acho que começa por aí, acho que começa por aí.

E- Mais algum que te ocorra?

EE- *(silêncio)* Os professores, os funcionários... A maneira de se viver na escola, de se estar na escola. E se calhar estas escolas mais de “provincia” fazem diferença, porque as pessoas passam mais tempo. As pessoas estão, vêm de manhã, vão à noite, estão por aí... e se calhar têm mais disponibilidade, mais abertura... para certas coisas do que numa escola da cidade, em que a pessoa vai e até vai a casa num pouco que tenha... em vez de estar ali, aquilo não lhe diz nada... não sei... eu tenho estado sempre mais nestas escolas, mas ouço comentários de colegas...

E- Em termos de corpo docente, agora com o novo concurso, a mobilidade já é menor...

EE- Não foi quase nenhuma, pois não. Não foi quase nenhuma...

E- Mas anteriormente, havia muita mobilidade?

EE- Havia, havia talvez 50%. Temos um corpo... fixo, pessoas do quadro... 50, ou até nem sei, houve anos até que se calhar a mobilidade até seria uns 60%!

E- Foram sempre conseguindo esse clima, mesmo com as pessoas novas?

EE- Fomos, fomos... quer dizer houve um ano ou outro em que se notava... às vezes as pessoas novas... pronto... e isso está relacionado também com a idade deles... de se afastarem um bocadito, mas... uns anos melhor, outros anos pior, mas conseguia-se, conseguia-se, porque nós não os pomos de parte. Aqui... tem sido sempre assim, já estou aqui há uma série de anos, nós não os pomos de parte... Nós agarramos... Começa logo com aquelas actividades de integração no início do ano...

E- Que actividades são essas?

³ Sistema informático de gestão do fundo documental.

EE- Este ano praticamente, quase que não houve, também éramos os mesmos, não é? Mas começa sempre com um almoço, um “rally papper”...

E- Para os professores?

EE- Sim, para receber os professores novos... O rally papper, no sentido de os levar a conhecer a zona, o meio... o almoço, é uma recepção. Quando não houve possibilidade de ser um almoço, é sempre um lanche convívio com todos. Não é aquela apresentação formal: eu sou tal... venho dali... Já tivemos aqui um ano em que a apresentação era através de um jogo... no sentido das pessoas se sentirem num ambiente de ... festa... houve sempre cuidado com essa apresentação. Desde que eu me lembro aqui na escola (*sorri*)... aliás, já organizei também um, uma vez, calhou-me a mim, teve que ser... Porque é mais fácil para as pessoas que são do meio, mas nós tivemos o azar de ganhar (*rindo*). É assim, a equipa ficava definida, quem ganhava tinha que organizar o seguinte... (*risos*) É engraçado, é um convívio bom e “quebra o gelo” lá está, as pessoas começam logo ali a conversar umas com as outras, até a integrar-se nas equipas, isso é bom!

E- Vendo um pouco a outra perspectiva, a inversa, consideras que há factores de constrangimento a este trabalho colaborativo?

EE- (*pequeno silêncio*) Se calhar... talvez... escolas em que as pessoas... trabalhe cada um por si, cada um com o seu departamento isolado...

E- Encontras alguma dessa realidade aqui... ou no teu caso, na tua experiência, há algum factor na escola, no geral... que tu aches que seja constrangedora da realização deste trabalho?

EE- Eu acho que na escola não. Não.

E- Ainda com base na tua experiência e da formação que tens, consideras que há características pessoais do coordenador que são importantes para desenvolver este tipo de trabalho?

EE- Talvez... também depende da maneira de ser da pessoa, do feitio da pessoa, não é? Se é uma pessoa disponível, para ouvir críticas e sugestões, não é? Temos que estar disponíveis para tudo isso. Ou se é uma pessoa mais individualista... A maneira de ser da pessoa, pode trazer mais as pessoas ou afastar. Embora a maneira de ser da pessoa não deve interferir no ser profissional, mas se calhar... a maneira de ser da pessoa, pode ajudar.

10

E- Já que referes o aspecto profissional, há algum aspecto de características profissionais que tu destacas como importante para este tipo de trabalho?

EE- A pessoa deve ter formação, saber o que está a fazer.

E- E falando dos outros professores? Achas que há características pessoais que o professor em geral tenha, para fazer este trabalho colaborativo, de integrar a biblioteca no seu trabalho pedagógico.

EE- Sim, também.

20

E- Que tipo de características é que enunciarias? Pensando por exemplo nas pessoas com que trabalhas mais...

EE- São pessoas disponíveis para dialogar, para partilhar experiências... que aceitam sugestões... pedem opiniões...

E - Estamos a chegar ao fim... (sorrindo). Desta nossa entrevista, há alguma coisa que eu não tenha perguntado, que gostasses de acrescentar, da tua experiência ou que tenhas pensado ou reflectido e que não tenha sido falado?

EE- Não, acho que não. (*Pausa*) É mais o intercâmbio... a interdisciplinaridade... mas já falámos disso, não é?

30

E- Sim. Bom, então vou fazer-te outro tipo de perguntas, de recolha de dados caracterizadores. Qual é o teu grupo disciplinar?

EE- Agora é o 210, é Português-Francês.

E- Há quantos anos és professora?

EE- 24.

E- Como é que iniciaste o trabalho em bibliotecas escolares?

EE- Estive em [*omitimos o nome da localidade*], destacada, estive lá 6 anos, já estava aqui como efectiva, mas nunca aqui tinha estado. Estive lá 6 anos a trabalhar e comecei a trabalhar com a colega que estava no Centro de Formação de Professores. Era amiga dela e trabalhava muito com ela, não estava ligada ao Centro de Formação, mas ajudava... e também com a colega que estava na biblioteca lá da Escola [*omitimos o nome da escola*]. Também estava muito por lá com ela... eu sempre fui muito perdida por livros. E estava muitas vezes lá, com ela. Houve uma altura em que a colega do Centro de Formação pediu à colega que estava como Directora de Instalações da Biblioteca, se ela lhe catalogava uns livros que eram do Centro de Formação, se organizava as coisas... E ela disse que sozinha não tinha muita disponibilidade, mas que ia falar comigo, se eu não me importava de a ajudar. E começou assim... comecei assim com ela a trabalhar e a entusiasmar-me um bocado com as coisas... depois já trabalhava com ela na biblioteca... Na altura não se fazia tanta actividade, era mais aquele apoio aos alunos, mas comecei assim. Entretanto no ano seguinte vim para aqui e a biblioteca ainda era lá em cima, onde é agora a sala de professores. Mostraram-me a biblioteca, tinha muitos livros, muita coisa, mas quando eu vi os livros de literatura infanto-juvenil, eram só dois armários... Na altura em que eu vim, nesse ano havia eleições para delegados, na altura era delegados e eu disse que não me importava de ficar na biblioteca, se não tivessem ninguém em mente... O presidente assim decidiu e fiquei até agora.

E- Estás arrependida (sorrindo)?

EE- Não, não estou nada arrependida, gosto e tenho pena de não conseguir fazer mais... quando os miúdos vêm perguntar se temos coisas novas e não as ter... por não ter dinheiro para as comprar, nesse momento... Mas pronto, acho que tenho feito... o que tem sido possível... Tem-se enriquecido a biblioteca, tem feito uma evolução, se calhar fiz... se calhar, não! Fiz disparates, fiz asneiras... mas na altura também não sabia, ninguém me orientou...

E- Foste investindo em formação? Que formação tens nesta área?

EE- Fui, sempre que havia fui tentando aproveitar. Tenho formação contínua. Mas como estava a dizer, quando entrámos na Rede de Bibliotecas Escolares e recebemos aquela primeira tranche de dinheiro... foi um disparate, na altura o que é que nós fizemos? Pusemos uma porta nova na biblioteca, mudámos o chão, que era em alcatifa e estava sempre tudo cheio de pó, também com esse dinheiro... não devia ter sido, mas na altura ninguém nos orientou também... agora a Rede também já tem procedimentos diferentes... Nós comunicámos que tinha sido gasto desta maneira e pronto... Eu agora às vezes vejo bibliotecas, quando entram na Rede recebem aquele primeiro dinheiro e enriquecem-se logo com tanta coisa... e eu não aproveitei! Isso é que eu lamento... Entretanto a biblioteca foi evoluindo... e melhorando. Agora por exemplo estou a tentar que a biblioteca tenha um orçamento próprio. Já falei nisso em Pedagógico, embora seja como eu digo, se eu for lá pedir... não me dizem que não, embora eu prefira saber que tenho x que posso gerir sem ter que andar a pedir... É diferente!

E- Então sintetizando, em termos de anos de coordenação, são 12, não é?

EE- São.

E- Experiência anterior em bibliotecas, já referiste...

EE- Sim foi...mas... é assim, eu logo quando comecei a trabalhar... se calhar também tive um bom início, porque eu comecei a trabalhar numa escola onde estava a Maria José Vitorino e ela era Directora de Instalações e já era aquela pessoa dinâmica que conhecemos e na altura ela estava a orientar estágio e trabalhava muito com as estagiárias, tinha que ser... e eu comecei também, a participar, a colaborar e a trabalhar na biblioteca, já nessa altura era uma biblioteca dinâmica, muito dinâmica... o que me fez ter uma grande decepção na escola onde mais tarde fui colocada em [*omitimos o nome da localidade*] a fazer estágio e quando me apresentaram a biblioteca... uma salita... uma salita não! Um gabinete fechado, com os livros encaixotados! (*rindo*) E eu vinha da outra!

- "Isto é que é a biblioteca?"

- "É."

- "Meu Deus do céu! Que miséria! Mas isto é uma desgraça autêntica!"

E- A primeira experiência foi em que ano?

EE- Estávamos... deixa ver se me situo... essa não foi a minha primeira escola... há cerca de 23 anos... Daí concorri para estágio... depois estive noutra escola onde a biblioteca também não era nada de especial e só venho encontrar depois uma biblioteca parecida... parecida em espaço, etc. em [...] de que já falei, mas não era nada como a primeira, essa já era... a Zé já tinha aquilo tudo “em movimento”, “em revolução”... *(risos)* Íamos buscar livros para as aulas... Agora é banal, não é? Agora os meninos virem aqui... buscar e durante a aula, ou vão daqui os livros, porque eles precisam de fazer determinado trabalho... isso é corrente, mas na altura não! Eram novidades... a gente já ia à biblioteca... ela, ela fazia isso nas aulas dela e até nos convidava a ir assistir... eu não estava a fazer estágio nenhum, mas como as estagiárias iam assistir, convidava-nos também a ir... nós as novas que estávamos lá. Era eu e outra colega. E nós íamos, ela ia buscar os livros, os livros iam para a sala de aula, os meninos trabalhavam... havia já aquela dinâmica... aquele intercâmbio... era óptimo! E eu comecei, logo aí a gostar de fazer este trabalho. Por isso, sempre que se proporcionou, eu fui dizendo que sim. Quando a tal colega me pediu na outra escola, eu disse que sim e fizemos, nas férias, esse trabalho... uma coisa extra tempo de aulas... ainda foi muito tempo, o Centro de Formação tinha muita coisa, muito material.

10 *E- As bibliotecas foram-se cruzando contigo...*

EE- Foram-se cruzando comigo, é verdade!

E- E em termos de presença no Conselho Pedagógico? Tens estado sempre?

EE- Eu tenho estado sempre, porque estive no princípio como coordenadora de departamento, que é agora departamento... na altura era delegada. Porque o cargo de Director de Instalações não tinha assento no Conselho Pedagógico, mas eu fui delegada de Francês do 2º ciclo, também. Desde que vim para cá fui sempre delegada de Francês, porque, lá está, era uma escola pequena (47:07), efectivos não éramos assim tantos e toda a gente tinha que ter cargos. Na altura a biblioteca não tinha representação no Pedagógico, mas eu já levava informação da biblioteca, dados que recolhíamos, do empréstimo domiciliário, etc...

20

E- Agora estás no Pedagógico exclusivamente nessa função, pela biblioteca?

EE- Sim, nessa função.

E- Foi a partir deste ano?

EE- Não, já no ano passado e nos últimos anos, por isso é que não fui para Titular (*rindo*), porque larguei a coordenação de departamento. Quando o coordenador da biblioteca começou estar em Pedagógico, eu acumulei... Aqui sempre acharam importante... é engraçado... mesmo sem terem directrizes, acharam importante que a biblioteca estivesse representada e eu ainda acumulei, dois anos... dois ou três... Agora quando fizemos as contas dos pontos, eu vi que ainda apanhei dois anos, como coordenadora de departamento e de biblioteca. Mas depois achei que também não havia necessidade, se havia outras pessoas, porque haveria eu de estar a acumular e então optei e fiquei com a biblioteca.

30

E- Bom, sobre outros cargos na escola, está a acabar de referir, o departamento e este ano estás a tempo inteiro...

EE- Direcção de turma. Houve um ano que eu tinha a biblioteca, era coordenadora da biblioteca, coordenadora de departamento e direcção de turma, tive as três coisas. Foi quando entrámos na Rede e eu passei a ser coordenadora. Eu numa escola já passei por tudo, também já estive no Conselho Executivo, mas não nesta...

40

E- Agora uma pergunta que consta não se deveria fazer... (Risos) Quantos anos tens?

E- Ah! ah!... 47, por pouco tempo.

E- O número de horas na biblioteca é 35h...

[*Confirma com gesto afirmativo da cabeça*]

E- Quantos elementos tem a equipa?

EE- Somos 7.

E- Contigo?

50

EE- Não, comigo 8.

E- E auxiliares?

EE- Tentamos que esteja sempre aberta, temos uma funcionária que está a tempo inteiro e com a equipa conciliamos a hora de almoço dela com a nossa. Está sempre aberta! Já houve mais a tendência de quando falta alguém, vir buscar a funcionária da biblioteca, agora já não. Agora só se for de todo impossível, porque sabem que não se pode fechar. Tem que se fazer os possíveis... Até quando a funcionária tem que se ausentar... tentam disponibilizar alguma funcionária para vir para aqui. Há esse esforço... há esse esforço. Aliás, é ponto assente que a biblioteca não pode fechar! Tem que se arranjar maneira, fechar não! Os nossos alunos... e se calhar nas outras escolas é assim, não é? Quando é que eles têm tempo para vir? É à hora de almoço. Para vir... livremente, não é? Porque nas outras horas, se o professor falta eles têm aula de substituição e ou vêm com o professor fazer trabalho e isso também vêm muitas vezes, ou então livremente e isso é mais nos inícios da manhã, da tarde e à hora de almoço. E às vezes ao fim da tarde também, quando terminam as aulas.

E- Tens noção de quantos alunos tem a escola?

EE- Penso que tem à volta de 400 alunos.

E- E professores?

EE- Não sei, mas posso perguntar...

E- Pronto, terminámos, obrigado.

EE- (*Sorriso*).

FIM

ANEXO 6

Objectivos	CATEGORIAS
<p>I - Conhecer o conceito de trabalho colaborativo - coordenador da biblioteca escolar / professor de turma que detém o coordenador da biblioteca escolar.</p>	<p>1 - Conceito de Trabalho Colaborativo</p> <p>2- Inserção do Trabalho Colaborativo no Plano de Actividades da Biblioteca Escolar</p>
	<p>De quem é o protagonismo da iniciativa para o trabalho colaborativo.</p>
<p>II - Evidenciar características particulares da(s) experiência(s) de trabalho colaborativo do coordenador da biblioteca escolar.</p>	<p>3- Características das experiências pessoais de trabalho colaborativo.</p>
	<p>Opinião sobre a quem deve pertencer protagonismo da iniciativa.</p>
	<p>Existência de áreas curriculares ou não curriculares mais propícias a trabalho colaborativo</p>
	<p>Planificação/ Definição de Objectivos em conjunto com os professores envolvidos</p>
	<p>Definição e implementação de estratégias em conjunto com os professores envolvidos Formas de avaliação conjuntas com os professores envolvidos</p>
	<p>4 - Perspectivas de mudança na prática futura, a este nível, com base na experiência</p>
	<p>5 - Surgimento do trabalho colaborativo na vida profissional</p>

<p>III- Identificar, na perspectiva do coordenador, factores facilitadores e factores de constrangimento ao trabalho colaborativo.</p>	<p>6- Benefícios do trabalho colaborativo</p> <p>7- Factores facilitadores do trabalho colaborativo</p> <p>8- Factores de Constrangimento do trabalho colaborativo</p>
<p>IV -Enunciar características pessoais do coordenador, e dos professores em geral, importantes para o trabalho colaborativo.</p>	<p>9- Características Pessoais Coordenador importantes para realizar trabalho colaborativo</p> <p>10 - Características Pessoais dos Professores em geral para realizarem trabalho colaborativo</p>
<p>V- Possibilitar a indicação de aspectos adicionais</p>	<p>11- Aspectos adicionais</p>

ANEXO 7

QUADRO-SÍNTESE DAS ENTREVISTAS, SEGUNDO AS CATEGORIAS DE ANÁLISE

CATEGORIAS	COORDENADOR A	COORDENADOR B	COORDENADOR C
<p>1 - Conceito de Trabalho Colaborativo</p>	<p>«Articulação, de integração ao nível do currículo (...)» (p.1, 37) «(...)de abertura, entre os professores curriculares e a equipa da biblioteca(...)»(p.1, 38) «fazerem um trabalho conjunto, de parceria em que a biblioteca é uma mais valia.» (p.1, 39) «(...)dupla de ensinar que implica aprender.»(p.1, 40-41) «Pegar na Biblioteca e levá-la para a sala de aula e, na sala de aula e levá-la para a biblioteca.» (p.1, 42) «partilha»; «documentos comuns» (p.1,44) «trabalho consistente» (p.1, 44) «continuado» (p.1,47) « em sintonia» (p.1, 49) «consenso a nível de escola, uma planificação, que haja a nível de escola um trabalho colaborativo, em que a biblioteca entre também (...)»(p.2, 3-4) “(...) é a nível de escola em que uma determinada disciplina não pode ser ensinada e vou por o termo mesmo, isoladamente. Tem que estar tudo ligado e os alunos têm que perceber que isto é um</p>	<p>«Estarmos disponíveis, para qualquer tipo de solicitação.» (p. 1, 34) «(...) não é só estarmos disponíveis, não é só dar respostas é também ir ter com eles e mostrar o que há, para eles saberem o que há para as disciplinas.» «Por exemplo, no início do ano ter aquela reunião nos departamentos, ir aos departamentos e dar a conhecer o fundo documental da biblioteca na área de cada um.» (p.1, 38) «(...)é importante, não basta só nós querermos dar a conhecer, eles também têm que se deslocar e ver, e ter algum trabalho, algum contacto. Algum? <i>(pequena pausa)</i> Não é pouco, tem que ser bastante. E depois ir mantendo esse contacto ao longo do ano, ir sempre mantendo...</p>	<p>«(...) a biblioteca só faz sentido se realmente existir essa colaboração entre os professores e a biblioteca(...)»(p.1, 36) «Nós aqui, é assim: estamos sempre disponíveis às solicitações deles, eu costumo pedir no Pedagógico...ah... se tiverem actividades que querem que a biblioteca colabore ou que preste algum apoio de alguma maneira, que façam chegar a informação de qualquer modo e tentamos também que as nossas actividades sejam direccionadas para eles, para o que eles estão a fazer. Dentro do possível conjugar as coisas,(...)»(p.1, 37-42) «(...)aqui na escola também os colegas estão habituados a vir e a pedir pontualmente colaboração para alguma coisa.» (p.1, 46-47) “Cooperação, colaboração, talvez... Interdisciplinaridade...”(2, 14)</p>

CATEGORIAS	COORDENADOR A	COORDENADOR B	COORDENADOR C
	<p>todo, um todo que é a formação deles ... <i>(pausa)</i> que é no fundo esse todo, um conjunto de bocados que são as disciplinas, mas que têm que estar todas... articuladas, não é? E a biblioteca está no centro disto tudo e as pessoas ainda não perceberam... nós estamos ainda muito isolados, cada um está no seu cantinho ainda. (...) Cada professor ainda está no seu canto, na sua sala de aula, no seu departamento. Acho que já se faz um trabalho colaborativo ao nível de departamentos, de disciplinas, a nível de planificações, de troca de materiais, na disciplina. Agora, <i>(pausa)</i> por exemplo, abrir isso para o Conselho de Turma, por exemplo, que são as várias disciplinas, abrir isso, para a escola e meter a biblioteca nessa articulação, aí, ainda não estamos lá e estamos ainda longe. Eu acho que sim. Já se deram passos, há alguns departamentos... com quem nós já conseguimos trabalhar» (2, 14-25)</p> <p>« (...) quem ali está, é alguém que quer que os meninos tenham o maior sucesso do mundo, portanto, a nível educativo e portanto que está empenhada nisso, e que acha que a biblioteca que é uma porta aberta para isso. » (16, 50; 17, 22)</p>	<p>-“Olha, tens isto, vê lá de que é que precisas...»(p.1, 39) «Disponibilidade de parte a parte... Não estou a encontrar uma palavra melhor...»(p.1, 48 - 49)</p>	
	<p>«Sim (...)mas (...) tem sido um bocadinho... partir pedra, porque há... nós queremos... eu acho que ao nível das bibliotecas, neste momento e ao nível das</p>	<p>«Temos, temos. Somos sempre solicitados para... ou para fazer as exposições... Vão lá pôr as exposições... por exemplo há o</p>	<p>«Sim.»(2, 38)</p>

CATEGORIAS	COORDENADOR A	COORDENADOR B	COORDENADOR C
<p>2- Inserção do Trabalho Colaborativo no Plano de Actividades da Biblioteca Escolar</p>	<p>que estão na Rede... e ao nível dos coordenadores, eu acho que nós já temos, já interiorizámos essa necessidade. O que eu acho é que as escolas e os professores ainda não interiorizaram todos, essa necessidade de... »(2, 8-11)</p>	<p>Dia do Pi, têm lá sempre um PowerPoint, com informações sobre o Pi, sobre Pitágoras... várias coisas alusivas... O nosso espaço é usado também por todos os departamentos. Depois também nos solicitam muito para materiais, como estamos bastante bem apetrechados, felizmente <i>(sorrindo)</i>, somos bastante solicitados, por todos os departamentos.»(p. 2, 8-13)</p>	
<p>3- Características das experiências pessoais de trabalho colaborativo.</p>	<p>«<i>(Ri-se)</i> Da coordenadora, é a regra. <i>(sorrindo)</i>. (7, 49)</p>	<p>«Tem que ser nossa. Tem que ser,...) se nós não publicitarmos as coisas que temos, eles também não vão lá!» (2, 20; 26)</p> <p>«(...) eu acho que, se mostrar o que há, as pessoas até já ficam a ver e depois vão lá buscar. Mas este primeiro contacto tem que partir de mim, tem que partir de mim dar a conhecer aquilo que tenho, porque se eu pusesse as coisas na biblioteca, mesmo que as pusesse no sítio das novidades, como depois ponho (...) E nem todos lá vão! Assim eu sei que, se eles souberem que lá estão aquelas coisas, vão!» (2, 31, 36)</p>	<p>Está mais ou menos equilibrado. As vezes, pensamos actividades e vamos ter com eles: (...) normalmente há sempre resposta positiva da parte dos colegas. Eu nunca tive ninguém que dissesse: -"Não, não quero!" Achrom sempre bem... outras vezes parte deles.»(3, 38-44)</p>

CATEGORIAS	COORDENADOR A	COORDENADOR B	COORDENADOR C
<p>Opinião sobre a quem deve pertencer protagonismo da iniciativa.</p>	<p>«Da coordenadora da biblioteca e dos professores.» (7, 51) «Nós temos o nosso plano e depois pedimos colaboração aos professores, aos departamentos Contamos com eles.» (8, 32-33)</p>	<p>«Deveria de ser dos outros professores. Deviam ser eles a sentir necessidade de procurar a biblioteca.» (2, 33, 34)</p>	<p>«(...)pode ser tanto duns como doutros... Não estarmos à espera, numa atitude passiva que venham cá ter connosco, porque podem não vir, não é? <i>(sorri)</i> Nós também temos que mostrar... sei lá... nós temos que nos mostrar, as pessoas têm que saber que podem contar com a biblioteca (...).» (3, 43-46)</p>
<p>Existência de áreas curriculares ou não curriculares mais propícias a trabalho colaborativo</p>	<p>«Considero que sim, considero que a Área Projecto, por exemplo, é uma área curricular não disciplinar que é muito propícia, aí tem que se fazer a articulação, <i>(pequena pausa)</i> plena <i>(ênfase)</i>, eu acho que sim! (2, 5-37)</p>	<p>«Não, eu acho é que há professores com mais apetência para trabalho colaborativo. Áreas curriculares e não curriculares não. (...) dependendo dos colegas que temos a dar determinadas disciplinas, os próprios alunos frequentam mais a biblioteca. Eu acho que isso tem a ver connosco, não tem a ver com as disciplinas que leccionamos, porque se formos de Artes, Letras, Ciências Humanas ou Matemática, ou Ciências... eu acho que todas essas áreas precisam da biblioteca e recorrem à biblioteca, se estiverem predispostos a isso. Mas acho que não tem a ver com as áreas, tem a ver com a</p>	<p>«No fundo todos precisam da biblioteca para uma coisa ou outra, no fundo todos precisam, mas... não sei, talvez... talvez haja alguns... da parte das Ciências e das Literaturas... <i>(hesitante)</i> (...) Das não curriculares, talvez... as Áreas de Projecto... acho que sim.» (4, 1-5)</p>

CATEGORIAS	COORDENADOR A	COORDENADOR B	COORDENADOR C
		<p>«(...) na semana anterior falei com eles, com os colegas, pedilhes meia hora da aula de Area Projecto, pedi que os levassem à biblioteca e disse-lhes o que é que ia fazer... realmente não planifiquei com eles (<i>sorrindo</i>), mas eles sabiam o que se ia passar... Mas o que é que acontece: eles vêm e depois... há um outro que sai. E um deles saiu...»(3, 9-13)</p>	<p>«Á partida começa por uma conversa entre as pessoas interessadas, uma mini-reunião. Depois a actividade é inserida no nosso Plano de Actividades e no Plano de Actividades da disciplina.» (4, 13-15)</p>
<p>Planificação/ Definição de Objectivos em conjunto com os professores envolvidos</p>	<p>«Sim» (9, 45)</p>		
<p>Definição e implementação de estratégias em conjunto com os professores envolvidos</p>	<p>«Implementámos em conjunto...» (9, 47)</p>	<p>Implementada pela equipa</p>	<p>«Sim, é desenvolvida em conjunto.»(4, 27)</p>
<p>Formas de avaliação conjuntas com os professores envolvidos</p>	<p>«Avaliámos em conjunto.» (9, 52)</p>	<p>Avaliada pela equipa. Avalia referindo alheamento de alguns professores, não sabe porquê. Há feedback de alguns professores positivo, pela actividade</p>	<p>«(...)normalmente a avaliação é feita pelo coordenador da disciplina e é feita também por mim, no Conselho Pedagógico.» (4, 15-17) «(...) normalmente tem sido, cada um faz a sua parte. Mas se calhar... mas também... depende da actividade, também conversamos... sobre, sei lá...se valeu a pena, se não valeu a pena, também fazemos isso. (...) quando estão ligadas com a minha área disciplinar, como em reunião de departamento se faz e eu estou presente e</p>

CATEGORIAS	COORDENADOR A	COORDENADOR B	COORDENADOR C
<p>4 - Perspectivas de mudança na prática futura, a este nível, com base na experiência</p>	<p>« (...) eu vou sobretudo ter mais calma, vou perceber que há muito trabalho a fazer e que tenho que ir mais atrás. Tenho que ir buscar... tenho que ir motivar as pessoas para o espaço e portanto tenho que ir mais atrás e vou começar... Enquanto que até aqui, eu investi no trabalho colaborativo, mas ao nível... aquele trabalho colaborativo pontual, espontâneo, em que as pessoas sabem... eu peço pontualmente a A, ou B para trabalhar comigo... mas pontual... Neste momento, é um trabalho colaborativo... vou estruturar e planificar este trabalho colaborativo, isto é (<i>pausa</i>), no meu objectivo está... e este projecto é isso mesmo: iniciar o trabalho colaborativo com os professores, chamar primeiro os professores ao espaço. Convidar os professores a fazerem as reuniões de departamento, (<i>pausa</i>) na biblioteca. Podem ser periódicas até, em que me convidam (<i>sorri</i>) para eu ir à primeira parte da reunião, para falar com eles. (13 § 26-38) «pô-los a eles a participar, porque acho</p>	<p>« (...) envolver mais o outro professor, não sei se funcionaria... Mas se calhar, em vez de ter... estou-me a lembrar da tal actividade do Dia da Biblioteca Escolar. Se calhar se a conversa não tivesse sido informal, como foi... se eu tivesse dado um papelinho para a mão com a planificação da actividade, talvez as coisas tivessem sido levadas mais a sério. Sim. Mas... planificar com o colega, não sei se funcionaria, porque eu acho que os colegas, tudo quanto seja ter mais uma reunião, para mais trabalho, não...» (6, 20-26) « Mas essa parte, quer dizer, ter eu mais trabalho, ter eu o trabalho de ter feito a planificação, com os objectivos... talvez a actividade fosse entendida de outra maneira. Porque assim era uma</p>	<p>outros elementos da equipa também fazem parte do mesmo, acabamos por estar ali sempre... quando é da parte científica ou das matemáticas... já tem acontecido... converso com o coordenador... (...) informalmente e depois cada um nos seus documentos.» (4, 36-42)</p> <p>« (...) Ter mais tempo para estar com as pessoas, agora não me poderei queixar, não é? Mas até agora: ter mais tempo para reflectir melhor as coisas... (...) De avaliar... o processo todo, sei lá... pensar actividades, sugestões, coisas novas... porque até agora não tem sido assim muito fácil também, não é? (6, 10-15) « (...) falar com as pessoas, porque é preciso tempo para essas coisas. Até mesmo o ir às reuniões delas, porque não? Isso, eu já pensei... (...) ir aos departamentos, ir às reuniões do 1º ciclo... as reuniões mensais. (...) É preciso ir lá e levar as nossas propostas de actividades e ver com eles o que é que se pode trabalhar em conjunto. Isso está na minha ideia fazer.» (6, 31-39)</p>

CATEGORIAS	COORDENADOR A	COORDENADOR B	COORDENADOR C
	<p>que é muito importante que as pessoas sintam, sintam que... como é que eu explico... que nós queremos a ajuda delas!.... Está a ver? É ao contrário... Começar com muita calma por aí... percebendo eu, tentando eu própria, eu equipa, eu e os meus colaboradores, tentando perceber que... eu interiorizar, que enquanto eu, não tiver os 90 professores a (<i>pausa</i>) a perceberem enquanto estes professores não perceberem a importância deste espaço, o que lá existe e como é que se pode trabalhar lá, enquanto não discutirmos isto, eu não posso partir para os alunos.» (13,59-60; 14, 1-6)</p>	<p>ida à biblioteca... pronto, foram passear para a biblioteca, podiam ter ido para ali para a mata, não foram... foram até à biblioteca,(...)» (6, 28-32)</p>	
<p>5 - Surgimento do trabalho colaborativo na vida profissional</p>	<p>«Como professora. Não foi como coordenadora. Desde há muitos anos, tenho tido sempre turmas, turmas de 20 alunos, como eu costumo dizer. Turmas de alunos com problemas de aprendizagem, com deficiências, às vezes profundas e habituei-me, primeiro, habituei-me a abrir a sala de aula ao professor de ensino especial... a pedir ajuda ao professor de ensino especial para ir para a minha aula, porque eu precisava dele... Para estar com aqueles alunos, porque eu não conseguia atender a todos, não conseguia e fazia-me aflição, eu estar a expor, passo o termo, qualquer conteúdo e estar ali um aluno, estar a ler e a interpretar... e estarem ali</p>	<p>«(...) o trabalho colaborativo existia no departamento, por exemplo, existia algum trabalho, algum... mas pouco. Eu acho que também por estar neste lugar, também estou mais desperta para o trabalho colaborativo.» (5, 35-37)</p> <p>«(...) foi ao longo do tempo é que eu fui percebendo que tínhamos que trabalhar mais em conjunto, tínhamos que partilhar mais...» (5, 42-43)</p> <p>«(...) acho que sim, que foi importante ser coordenadora da biblioteca, até porque nós ali...</p>	<p>«(...) se calhar é da minha maneira de ser também. Eu mesmo antes de estar ligada à biblioteca sempre gostei de trabalhar em conjunto, partilhar e... sempre estive muito ligada a actividades das escolas por onde passei... gosto, gosto de fazer essas coisas. Eu acho que já está um bocado em mim, acho que sim. Acho que também depende um bocado do feito das pessoas, acho que sim.»(5, 41-45)</p>

CATEGORIAS	COORDENADOR A	COORDENADOR B	COORDENADOR C
	<p>aqueles 3 ou 4 alunos, que tinham dificuldades, que não têm culpa, estavam ali integrados, mas não estavam integrados coisíssima nenhuma.» (11, 30-39)</p> <p>«Isto começou a mexer comigo, começou a mexer comigo e costuma-se dizer: Quem não sabe, vai à procura! Então, eu fui à procura! Fiz umas leituras, comecei a ler e comecei a dar voltas à minha cabeça, como é que tinha que fazer... como é que tinha que fazer isso. E comecei a ler muito... Li muito... sobre diferenciação... e entretanto comecei a experimentar...» (11, 43-47)</p> <p>«E comecei a utilizar a biblioteca... eu senti necessidade daquele espaço! (<i>pausa</i>) Na altura... a biblioteca estava com uma organização... na altura... eu sou do tempo dos armários fechados. Eu, só tinha duas horas de coordenadora, na altura...» (111, 54-56)</p>	<p>quando estamos a tratar de fundo documental ficamos a saber bem o que é que a biblioteca tem e também sentimos que se não contarmos aos outros o que é que a escola tem, aquilo não tem utilidade nenhuma, não é? Por isso também é que comecei no início do ano lectivo, a levar lá os departamentos para verem o que é que há nas áreas deles.» (6, 1-6)</p>	
<p>6- Benefícios do trabalho</p>	<p>«É... (<i>pausa</i>) para já a formação do aluno, Eu acho que no fundo, no fundo, eu acho que uma viragem, (<i>pausa</i>) é a viragem necessária no nosso sistema educativo, que é da forma de ensinar das nossas escolas. (<i>prolongada</i>) Por que é assim, eu não sei conseguir explicar bem isto, mas é assim: pensamos hoje em dia as bibliotecas e ainda estão apetrechadas ou vão ficar apetrechadas têm a informática, têm os media, têm o audiovisual, têm as enciclopédias, tem os</p>	<p>«Quanto mais ajudas tivermos, quanto mais trabalharmos em grupo, acho que é muito mais proveitoso para todos. Nós na biblioteca sentimo-nos bem, porque sabemos que estamos a prestar um serviço, estamos a dar... somos úteis de alguma maneira aos professores da escola e os professores também sentem isso, sentem que nós</p>	<p>«acho que quem beneficia serão sempre os alunos, não é? Se nós pudermos colaborar para os ajudar, tentando incentivá-los... para coisas novas. Eles hoje em dia para os fazer estudar... há muita desmotivação e se tiverem algum incentivo, uma novidade, alguma coisa que os atraia é bom para eles.» (5, 47-50)</p>

CATEGORIAS	COORDENADOR A	COORDENADOR B	COORDENADOR C
<p>colaborativo</p>	<p>têm a leitura, o promover a leitura, têm naquele espaço. Está lá tudo! Tudo para Estão lá os instrumentos para serem usados nós... <i>(sorri)</i> o desenvolver uma competência quando nós falamos até em conhecemos em... as várias disciplinas, é usar e... eu sempre esta palavra: usar instrumental para desenvolver alguma coisa. Portanto instrumentos estão na biblioteca! Para desenvolvimento de competências das disciplinas, os instrumentos estão na biblioteca portanto é um espaço privilegiado da escola estão na sala de aula, lá só está o professoras e as carteiros e o quadro e ainda não computador, porque não há espaço para ele há dinheiro para eles. Se nós ligarmos o espala de aula à biblioteca, aos instrumentos biblioteca tem, eu acho que isso... é a certobolo, como eu costumo dizer...»(12, 34-53)</p>	<p>damos resposta à maior parte dos pedidos que fazem.» (3, 44-47; 4, 1-2)</p>	
<p>7- Factores facilitadores do trabalho colaborativo</p>	<p>«Tenho boas experiências, eu acho que já se percorreu um longo caminho, mesmo aqui a nível de escola, já se percorreu um longo caminho. Agora claro, vou dizer, as boas experiências que eu tenho... é por exemplo a nível dos departamentos com que eu tenho mais afinidade. Por exemplo eu sou professora de Língua Portuguesa, portanto, o meu Departamento de Línguas, eu tenho muito boas experiências com o meu Departamento de Línguas,(...)» (3, 37-41)</p> <p>tenho, duas ou três colegas com quem eu</p>	<p>«(...) para além da tal disponibilidade, (...) e tanto da parte deles, como da nossa parte(...)»(6, 38-39)</p> <p>«(...) tem que haver recursos financeiros para termos um bom fundo documental neste caso, para poder facilitar o trabalho a toda a gente.» (6, 46-47)</p> <p>«(...)uma coisa que os colegas gostam é também já ter um bocadinho a papinha toda</p>	<p>«(...) parte também do espírito com que se vive na escola. Da maneira de trabalhar... do executivo que se tem... das pessoas.»(6, 42-44)</p> <p>«Do clima da escola... da direcção da escola.(...) acho que começa por aí, acho que começa por aí.»(6, 46; 7, 3)</p> <p>«Os professores, os funcionários... A maneira de se viver na escola, de se estar na escola. E se calhar estas escolas mais de “provincia” fazem diferença, porque as pessoas passam mais tempo. As pessoas estão, vêm de manhã, vão à noite, estão por</p>

CATEGORIAS	COORDENADOR A	COORDENADOR B	COORDENADOR C
	<p>tenho uma relação profissional muito boa, que já é de há 20 anos, vá lá... que estamos aqui, que eu considero muito profissionais, que estão na mesma linha de desenvolvimento de competências... que querem... acham que a escola, a tradicional não serve, portanto acham que, acham, como eu acho que... a escola de hoje é outra escola, completamente diferente, não tem nada a ver com a sala de aula com a porta fechada, não tem nada a ver Pronto, e nem os alunos querem isso e então eles estão na minha linha.» (4, 19-25)</p> <p>«o Conselho Executivo, foi o factor facilitador, nestes anos...» (4,44)</p> <p>«(...) o Conselho Pedagógico é um factor facilitador.» (4, 6-7)</p> <p>«o horário da equipa, que é um elemento importante da equipa, se for boa, se for coes estiver bem distribuído, é um elemento fácil não é? Se estiverem lá as pessoas certas, com perfil certo...Não é compactadas...» (4,56-51-2)</p> <p>«como se forma a equipa e os seus Horários» (5, 51-53)</p> <p>«(...) o trabalho que se tem conseguido fazer também, deve-se muito e, e ele existe especialmente nos professores que estão aqui há mais tempo na escola. Esta escola, é uma escola em que os docentes, estão, já... que se fixaram aqui há vários anos.</p>	<p>feita:(...) Normalmente não conhecem nada, ou conhecem muito pouco. Ficam muito admirados por haver aqui tanta coisa e coisas que ainda não conheciam. É preciso nós perdermos muito tempo, a ver muitos filmes... (sorri). (...) É preciso nós conhecermos muito bem aquilo que temos, para depois especificamente: -“Olha, isto dá para...”»(7, 8)</p> <p>[A sua presença em Conselho Pedagógico como factor facilitador]:</p> <p>«Acho que dá visibilidade à biblioteca e dá alguma importância, porque acho que ainda há muita gente que não dá muita importância à biblioteca.»(7, 28, 29)</p> <p>«Acham que a biblioteca não é assim... não é uma coisa tão importante que justifique ter um coordenador no Conselho Pedagógico.» (7, 32-33)</p> <p>«(...) as reuniões do Conselho Pedagógico são todas na biblioteca. Parecendo que não, é bom estarmos ali. As Assembleias de Escola são na Biblioteca. Graças às</p>	<p>ai... e se calhar têm mais disponibilidade, mais abertura... para certas coisas do que numa escola da cidade, em que a pessoa vai e até vai a casa num pouco que tenha... em vez de estar ali, aquilo não lhe diz nada... não sei... eu tenho estado sempre mais nestas escolas, mas ouço comentários de colegas...» (7, 5-11)</p>

CATEGORIAS	COORDENADOR A	COORDENADOR B	COORDENADOR C
	<p>Nós temos pouca mobilidade do corpo docente e portanto, isso, pensando que não, esta escola tem uma história de <i>(pausa)</i> de progressão, a nível educativo(...)» (6, 19-23)</p>	<p>Assembleias de Escola serem na biblioteca, o ano passado, quando estava presente numa Assembleia de Escola, o Senhor Presidente da Câmara de <i>[omitimos o nome da localidade]</i>, eh e eu ter dito que precisava de estantes... deu-nos 2.500 euros. Quer dizer ele estava ali e viu!»(8, 35-40)</p>	
<p>8- Factores de Constrangimento do trabalho colaborativo</p>	<p>«(...) a falta de motivação dos professores,(...)» (6, 49) « (...) para fazer um trabalho colaborativo, eu tenho que conversar, tenho que estar reunida, tenho que passar uma tarde a conversar com as pessoas, a fazer coisas... e para isso é preciso tempo, não é? Tenho que ter disponibilidade física, de horário e humana, minha. Eu tenho que querer, não é? Para eu querer, eu tenho que estar motivada, tenho que achar que vale a pena, tenho que achar que me reconhecem, tenho que achar isso tudo! E neste momento nós não sentimos isso!» (7, 2-7)</p>	<p>«O facto do trabalho colaborativo implicar mais tempo com outras pessoas pode ser um constrangimento...» (9, 10-11) «(...)é um factor de constrangimento não ter recursos financeiros, mas eu isso não me posso queixar. Também pode ser um factor de constrangimento a pouca abertura dos colegas para este trabalho, tenha a ver com tempo ou não... mas também não, não posso apontar isso.»(9, 23-26)</p>	<p>«(...)talvez... escolas em que as pessoas... trabalhe cada um por si, cada um com o seu departamento isolado.(...) Eu acho que na escola não. Não »(7, 43-48)</p>

CATEGORIAS	COORDENADOR A	COORDENADOR B	COORDENADOR C
<p>9- Características Pessoais Coordenador importantes para realizar trabalho colaborativo</p>	<p>«Tem que ter uma relação empática, de empatia com as pessoas, eu acho que sim, que tem que ter. Tem que... ser exigente e ser seguro, estar muito seguro daquilo que... tem que saber, tem que saber... o que quer daquele espaço, como organizar aquele espaço...tem que saber um bocadinho de biblioteconomia, tem que saber, tem que saber... não vamos cá com... tem que gostar de livros (<i>sorri</i>) eu acho que tem que gostar, e tem que, essencialmente perceber o que é que está ali a fazer e saber transmitir isso, com diplomacia. Perceber o valor que a biblioteca tem, não é ir para ali porque é muito bom ter as 8 horas de redução ou 11 horas, ou... mas querer ser coordenador, tem que querer ser coordenador e tem que ter um feitio... ser diplomático na forma de... conduzir, de dizer as coisas para cativar e não para afastar. Eu acho que é essa, essa duplicidade, é essa “estar sempre na, na corda bamba”, como eu costumava dizer.» (15, 21-30)</p>	<p>«Também não pode ser uma pessoa fechada sobre si, não é? Tem que... acho que para já tem que se dar com toda a gente, acho eu (<i>sorri</i>). (...) tem que ser uma pessoa dada e criar empatia com as pessoas, porque senão também não... (...) [<i>a nível profissional</i>] Tem que ter formação, na área das Bibliotecas, acho que é muito importante.» (5, 7, 11, 25)</p>	<p>«(...) também depende da maneira de ser da pessoa, do feito da pessoa, não é? Se é uma pessoa disponível, para ouvir críticas e sugestões, não é? Temos que estar disponíveis para tudo isso. Ou se é uma pessoa mais individualista... A maneira de ser da pessoa, pode trazer mais as pessoas ou afastar. Embora a maneira de ser da pessoa não deve interferir no ser profissional, mas se calhar... a maneira de ser da pessoa, pode ajudar.(...)»(8, 4-9) <i>[características profissionais]:</i> « A pessoa deve ter formação, saber o que está a fazer.» (8, 12)</p>
	<p>« (...) é o querer trabalhar em conjunto, o estar habituado a trabalhar em conjunto, ou querer trabalhar em conjunto. Ter essa capacidade e isso significa ser uma pessoa aberta, não ter constrangimentos, não ter medos, nós temos medos uns dos outros, medo de falhar, medo de...quando eu não</p>	<p>«(...) não pode ser individualista, não pode... sei lá... uma pessoa para trabalhar em grupo, para solicitar a ajuda de outros, tem que reconhecer que precisa da ajuda de alguém de alguma maneira, não é? E</p>	<p>«(...) pessoas disponíveis para dialogar, para partilhar experiências... que aceitam sugestões... pedem opiniões...»(8, 19-20)</p>

CATEGORIAS	COORDENADOR A	COORDENADOR B	COORDENADOR C
<p>10 - Características Pessoais dos Professores em geral para realizarem trabalho colaborativo</p>	<p>abro a minha sala de aula para entrar a biblioteca ou quando não venho com a minha turma dar a minha aula na biblioteca, eu no fundo estou a expor-me, não é? Eu estou-me a expor. Eu não tenho que ter medo de me expor, de dar a minha aula, estão lá outras pessoas, de partilhar a minha aula com outros. Eu acho que se o professor não conseguir isto, ele não consegue trabalhar colaborativamente, no sentido de pegar na sua turma, nos seus alunos e pegar na equipa da biblioteca e fazer o trabalho em conjunto, não é?»(16, 19-27)</p>	<p>nem toda a gente reconhece que precisa e normalmente encontram-se pessoas que acham que já têm tudo e já nem precisam de preparar as aulas, porque já dão aquela matéria há muitos anos, nem se lembram que há livros novos a sair, DVD, etc. (...) Tem que se estar aberto às novidades e o trabalho colaborativo, às vezes não é bem entendido. Eu acho que é por dar trabalho... (...) é mais fácil trabalhar sozinho... se faz mal ou bem, é lá com ele, ninguém vê, ninguém sabe...» (4, 18-26)</p> <p>«(...) a trabalhar em conjunto, já temos que mostrar aquilo que sabemos ou que não sabemos, não é? <i>(sorrindo)</i> (...) É preciso é não se ser individualista! E não se ser totalmente fechado a tudo quanto há de novo. » (4, 35)</p>	
	<p>«Há, acho que falha aí, porque é assim, eu a também que é muito importante, que a nível escola, mas aí a nível da escola... e não falá nisso... quando eu falei naquele documento pesquisa comum... Eu acho que é muito importante, que... e é outra fase, é outra etapa</p>	<p>«o trabalho colaborativo é muito importante, não só do coordenador da biblioteca e os outros professores, como dentro da própria equipa da biblioteca... e por vezes isso</p>	<p>«Nada, penso que falámos de tudo.»</p>

CATEGORIAS	COORDENADOR A	COORDENADOR B	COORDENADOR C
<p>11- Aspectos adicionais</p>	<p>que é a construção de documentos, de guíões utilizáveis por todos nós. Acho que a Biblioteca pode ter um papel importante, no sentido de <i>(pausa)</i> de ser até o centro, onde estes documentos, se organizam, com o apoio de vários... uma vez até que a equipa é diferente tem professores de várias disciplinas... em que esses guíões, esses documentos se organizar depois mostrá-los, levá-los a Pedagógico, le aos departamentos, para serem aperfeiçoado se constituir um documento único, um guião único, sempre que possível, para que todos trabalhemos da mesma forma. Portanto, desenvolvamos determinada competência, da mesma maneira. Acho que isso é muito importante! Para não criar confusão nas cabeças dos alunos, não é? Nós temos que saber, nós nível de escola, temos que saber, por um lado que a biblioteca tem, temos que saber por outro e dentro da biblioteca temos lá, aquilo que se chama o currículo nacional, temos lá também temos que estudar também, e ler, não é só saber que ela tem, é levar para casa e ler, o que ela que nos diz respeito a nós... que é para depois saber...» (17, 12-27)</p>	<p>também não... não existe...»(10, XX)</p>	

ANEXO 8

REGISTO DE OBSERVAÇÃO DA ACTIVIDADE 1 DA COORDENADORA A

Actividade	Sessão sobre a leitura para alunos de 5º ano								
Data	4 de Março de 2008	Ano de escolaridade	5º	Nº de alunos	70 aprox.	Início	10h20m	Fim:	11h45m
	NOTAS DA OBSERVAÇÃO:								
10	<p>Entrei no espaço onde a actividade ia decorrer com a coordenadora. É o auditório da escola que faz parte do espaço da biblioteca, separado por uma cortina e por estantes. A turma que ia apresentar a actividade estava com a professora de Ciências e outra professora que a auxiliava, a fazer os últimos preparativos. Os alunos tinham papéis na mão e conversavam baixo, enquanto a professora testava a apresentação em PowerPoint no computador portátil que estava ao centro, ligado a um projector. No ecrã, ficou um slide de apresentação da Semana da Leitura, com a identificação da escola e a data. No tecto, na zona do palco estavam suspensas várias janelas abertas muito bonitas, coladas em cartolina, onde estavam frases e poemas alusivos à leitura. A coordenadora com muito à vontade, trocou impressões com as professoras e disse que ia buscar a máquina fotográfica. Saiu. Eu entrei na biblioteca (ao lado) que estava calma, sem público, apenas uma senhora falava com a funcionária. Entretanto chega a coordenadora que me apresenta a essa senhora, identificando-a como a avó duma aluna, que também estaria na actividade. Surge outra senhora, há cumprimentos e a coordenadora apresenta-ma como sendo uma sua colaboradora. É uma professora de 1º ciclo reformada, que colabora com a equipa da biblioteca, quer na sede, quer nas escolas do 1º ciclo.</p> <p>Regressámos ao auditório e eu sentei-me. A professora aposentada veio até junto de mim, começámos a conversar, enquanto a actividade não começava. Ela disse-me que gostava muito de fazer este trabalho de voluntariado, referindo que tinha regularmente uma oficina de escrita com os alunos do 1º ciclo, na biblioteca da escola do 1º ciclo. Disse que isto para ela era um ansiolítico, apesar de alguns colegas, no clima que se vive actualmente não entenderem a sua dedicação, perguntando-lhe se não tem nada que fazer em casa. Ela diz compreender que o ambiente não está nada bom, houve redução de regalias, sobretudo para quem se pretendia aposentar e que estas afirmações são feitas neste contexto, mas deixam-na triste.</p> <p>Tudo parecia pronto e eu observei os alunos, reparando que alguns estavam com um fresim, outros com nervosismo.</p> <p>A coordenadora regressou e testou os microfones. Disse ainda faltarem duas turmas e que íamos aguardar, pois estariam a chegar. Resolveu, conversar com os alunos desta turma, questionando se sabiam o que se passava esta semana. Os alunos responderam todos que era a Semana da Leitura. Seguidamente questionou-os se tinham hábitos de leitura e em coro disseram que sim. Perguntou quem ainda não tinha ido à biblioteca requisitar livros? E houve um número significativo de dedos no ar. A professora diz:</p>								
20									

NOTAS DA OBSERVAÇÃO:

- Ah! Que horror! E vira-se para uma menina e pergunta:

- Porque não, amor?

A aluna responde:

- Porque tenho em casa!

A professora pergunta:

- Quem não tem em casa e nunca pensou que podia ir à biblioteca buscar livros?

Ninguém coloca o dedo no ar.

- Ah! Diz a coordenadora.

Entretanto chegam os outros alunos que se aguardavam e a coordenadora interrompe esta pequena conversa para dar as boas vindas, saudando com um bom dia, expressivo, que obteve a mesma resposta, em coro, de todos os alunos. Iniciou assim a actividade, dizendo ainda que se iria assistir a uma sessão preparada por alunos e professores no âmbito da Semana da Leitura e que contava com a colaboração de todos, pois são muitas pessoas na mesma sala e é importante que cada um esteja atento, para ser possível no tempo previsto assistir a tudo o que se preparou.

10

A coordenadora diz que vai começar pelo 5º C, e que inicialmente pede à avó da [...] para iniciar. A Srª, que me havia sido apresentada na biblioteca, dirige-se à frente, ao pequeno palco e trazendo um livro debaixo do braço, desdobra uma folha A4, toda escrita em processador de texto, dum lado e metade do outro. A Avó diz que tem um conto para contar, mas que se calhar é muito grande... Nota-se alguma insegurança, volta a frisar que se calhar é muito grande. A coordenadora diz que não, para estar à vontade que todos queremos ouvir. A avó lê o conto: “O Melro Astuto”. Toda a sala se mantém em silêncio. Os alunos estão atentos e mal se mexem. Os professores espalhados pela sala, junto dos respectivos alunos, também estão atentos, enquanto subrepticamente vão lançando olhares a conferir que tudo está bem com os seus alunos. No final houve uma grande ovação e a avó disse que este conto foi escrito por uma amiga sua e que era baseado na realidade. A coordenadora agradece e diz que a seguir são os alunos do 5º C, chamando-os e perguntando quem inicia. Aproxima-se uma aluna, tímida e um pouco receosa. A coordenadora diz: queres que comece contigo? A aluna diz que sim e com o papel na mão lê “A Máscara”, de Maria Cândida Mendonça. Segue-se outra aluna, que declama: “A canção”, de Eugénio de Andrade, depois outra que declama: “Professor diz-se porquê?” de Alice Gomes. Todos recebem palmas no final da apresentação. No final desta última, ouço um aluno dizer:

- Eu gostei mais deste!

Seguidamente uma menina com sotaque brasileiro e muito expressiva recitou “A canção” de Eugénio de Andrade. Um rapaz e uma

NOTAS DA OBSERVAÇÃO:

20

rapariga leram, de Fernando Pessoa, “O comboio descendente”, seguido doutro poema do mesmo autor: “Levava um jarrinho”, declamado por uma menina. O público batia palmas após cada apresentação e mantinha-se atento, apenas com o burburinho normal da ida e vinda de alunos dos seus lugares ao pequeno palco. A coordenadora vai gerindo as várias apresentações.

Surgem duas meninas que dizem algo baixinho à coordenadora que está com o microfone na mão. Ela pergunta ao público se não se importa que estas meninas que não sabem o autor do seu texto o declamem mesmo assim. Todos respondem que sim. A coordenadora questiona:

- Prometem que depois vão à biblioteca dizer-me?

As meninas dizem que sim, entretanto uma professora que está na assistência mostra um livro e diz que o poema é do Cancioneiro Popular Português e foi tirado daquele livro. Palmas no final e a coordenadora apresenta o Rui que vem apresentar outra turma de 5º ano. O Rui explica que vão ler um poema de Júlio Roberto que tem como título: “Nós as Crianças”. São cinco alunos que declamam de forma articulada. No final há palmas.

A coordenadora diz que vai passar a palavra à professora [...] que todos conhecem bem e que vai explicar a dramatização a que vão assistir. Vão perceber que ler, é ler tudo o que nós quisermos e é aprender de forma divertida, conclui a coordenadora.

A professora [...] explicou que íamos assistir a uma fábula, que está disponível na Internet e no final de passarem as imagens, verão que está lá o endereço. A fábula foi adaptada e preparada para vós por esta turma do 5º ano. Todos os alunos vão participar, rotativamente, fazendo a apresentação às várias turmas da escola.

Este é o grupo de hoje: 6 alunos estão no pequeno palco, lateralmente, cada um com um papel na mão. O público está atento. Começam a ler a fábula, acompanhados pela projecção em PowerPoint de imagens ilustrativas, algumas com movimento. A atenção do público é redobrada. A fábula fala de animais e de uma forma lúdica, através de uma história de ficção transmite conteúdos de Ciências da Natureza, nomeadamente sobre os mamíferos.

No final todos aplaudiram. A coordenadora diz que estão todos de parabéns, quer os que intervieram mais activamente, quer os que estiveram a assistir, pois estiveram muito bem. Continua dizendo que para terminar têm Leituras Doces! Todos os alunos se agitam, a coordenadora aparece com um boião grande cheio de rebuçados. Troca algumas palavras com a professora [...], decidindo a melhor forma de distribuir os rebuçados, mas entretanto teve que se zangar com algum burburinho que os alunos faziam, iniciando alguns a levantar-se. Decidida a estratégia, a professora [...] começou a distribuir por filas e a coordenadora ao microfone ia chamando um a um os alunos para ali lerem a frase que o seu rebuçado tinha. Eram frases tiradas de histórias ou poemas, ou frases sobre a leitura. Todos foram ler a sua e no final a coordenadora diz que tem uma surpresa para os adultos, eles também vêm ler a sua frase. A primeira foi a avó presente e depois todos os professores, com a alegria dos alunos que os ouviam, por último também eu como “convidada” fui ler a frase do meu rebuçado.

A coordenadora dá a sessão por terminada, os alunos saíram com os professores de forma ordeira.

FIM

GRELHA DE OBSERVAÇÃO DA ACTIVIDADE 2 DA COORDENADORA A

Actividade	Aula de Ciências da Natureza (articulação com a biblioteca e com Estudo Acompanhado)								
Data	12 de Junho de 2008	Ano de escolaridade	5º ano	Nº de alunos	18	Início	10h15m	Fim:	11h45m

NOTAS DA OBSERVAÇÃO:

Encontrei a coordenadora na sala de professores. Subimos para a biblioteca e pelas 10h 20 minutos, chegaram os alunos (uma turma), calmamente, acompanhados de duas professoras. Estão na aula de Ciências da Natureza. Uma é a professora da disciplina, outra é a professora de Estudo Acompanhado da turma, que nesta hora é colaboradora da biblioteca e vai apoiar a actividade, na qual também é participante. Para além da funcionária, está também na biblioteca uma professora reformada, que é aqui voluntária às 5^{as} feiras.

- Bom dia! Diz a coordenadora, mas não obteve resposta, os alunos iam entrando e dirigindo-se para o espaço onde estavam preparadas algumas mesas com diversos livros em cima. Os alunos vão-se acomodando.

- Hei, bom dia! Diz a coordenadora, um pouco mais alto e de forma mais enfática.

O grupo respondeu:

- Bom dia!

A coordenadora pergunta:

- Sabem o que estão a fazer na biblioteca?

- Vamos fazer uma actividade qualquer... Responde um aluno.

- Qualquer não? Diz a coordenadora, que continua:

- Vamos jogar à bola na biblioteca?

-Não! Responde um grupo alargado de alunos.

-Hoje vamos conversar um pouco sobre a forma como está organizada a biblioteca e depois vamos fazer um trabalho para a disciplina de Ciências da Natureza. Os livros que aqui estão são para fazermos o trabalho.

Os livros na biblioteca estão organizados por categorias. O que quer dizer? (Pausa) Já repararam na informação que está nas estantes e no placar?

Os alunos acenam afirmativamente, ao mesmo tempo que dirigem o olhar para as estantes e para o placar.

- A biblioteca está organizada por assuntos. Diz a coordenadora.

A professora de Ciências compõe o ecrã móvel de projecção que está estrategicamente colocado, para que todos possam ver bem. A coordenadora diz aos alunos que enquanto a professora compõe o ecrã, vai contar uma história: Os alunos do 6ª A, ontem leram uma

NOTAS DA OBSERVAÇÃO:

20

10

história, do Plano Nacional de Leitura, sobre uma equipa de futebol estreado, mas que deixa entrar os golos todos, mostrando-se satisfeita. A certa altura o árbitro pergunta-lhes se não sabiam as regras do jogo? Eles respondem que vieram de tão longe e por isso não podiam perder aqueles golos!

- Sabem de que história é?

- Histórias de ir à Bola! Responde um aluno.

- Muito bem! Responde a coordenadora. Entretanto o ecrã fica estabilizado e a coordenadora começa a sua explicação, acompanhada por uma projecção em PowerPoint, explicativa do sistema de arrumação da biblioteca. Vai referindo:

- Os livros estão organizados por assuntos, segundo uma classificação – Classificação Decimal Universal, conhecida como CDU.

Alunos e professoras estão atentos.

A coordenadora continua:

- CDU é uma sigla, todos sabem o que é uma sigla?

- Siiiiim. Respondem os alunos.

- Então dêem-me um exemplo, por favor.

- PSP! Diz um aluno.

- Muito bem. Responde a coordenadora que continua a sua explicação.

- Quando os livros chegam à biblioteca, nós aqui analisamo-los para sabermos qual o seu assunto e para lhes colocar a cota, que permite arrumá-los pelo seu assunto. Fazemos o Bilhete de Identidade do Livro. Vejamos então quais são as classes, desta classificação. Temos a Classe zero – Generalidades. Enciclopédias, Dicionários... estão a ver ali?

A Coordenadora vai explicando classe a classe, remetendo para as prateleiras e solicitando aos alunos que identifiquem a localização de cada classe no espaço da biblioteca. Os alunos vão apontando e seguindo a explicação atentamente ao mesmo tempo que fazem a correspondência com a observação das estantes e respectivos assuntos aí assinalados.

A biblioteca está a funcionar em simultâneo. A actividade decorre na parte da biblioteca relativa aos impressos e na outra metade do espaço, está o balcão de atendimento, onde se encontra a funcionaria, aí fica também a zona multimédia e de trabalho de grupo. Estão ainda dois alunos, cada um em seu computador e duas alunas sentadas numa mesa, com cadernos e livros em cima da mesa. Há uma outra professora na biblioteca, entre o atendimento e uma mesa onde tem materiais que está a preparar/organizar.

A coordenadora continua:

- A classe três, é a das Ciências Sociais. A coordenadora explica o que é e continua enunciando a classe 5 e explicando que se reporta às Ciências, remetendo para os livros que estão em cima da mesa, que têm na cota o número 5 ou então o 6, que é a classe seguinte, que

NOTAS DA OBSERVAÇÃO:

refere irão abordar. Incita os alunos a conferir e estes pegam nos livros para verem.

- Este tem 55? Diz uma aluna.

A coordenadora explica as subclasses e como funcionam.

- Este tem 52.3? Refere outra aluna.

A coordenadora diz que vai explicar, dirige-se à estante e apontando a sinalética respectiva, refere que essa cota faz parte da astronomia e que dentro do 5, o 2 é uma subclasse e depois o .3 é outra subclasse.

- Então é sub, sub-classe! Diz a aluna.

- É isso mesmo! Responde a coordenadora que continua depois a explicar a classe 7 e a 8, acompanhando com as estantes.

- Porque é que o 8 está depois do 9? Pergunta um aluno.

10 -Ah, sabes isso é uma questão de arrumação. É uma decisão nossa, por causa do espaço, só isso. Mas eu pensava que ias perguntar o que é Biografia!

- Ó professora, História, eu sei, Geografia também sei, mas Biografia? Pergunta uma aluna.

- Vocês sabem? Pergunta a coordenadora ao grupo de alunos. Perante a ausência de resposta a coordenadora explica o que é e vai mostrando estante a estante e os alunos vão interagindo. Entretanto, no final mostra aos alunos uma imagem com a designada “margarida das cores” (uma representação gráfica em forma de flor (margarida) em que cada pétala corresponde a uma classe da CDU, tendo uma cor diferente. Explica a representação gráfica. Os alunos mostram surpresa e curiosidade.

Na biblioteca, estão duas funcionárias a trabalhar e entretanto uma sai e a outra vai para o computador, no atendimento. Os utilizadores já referidos, mantêm-se na biblioteca.

20

A coordenadora passou a explicar aos alunos que podem consultar o catálogo na base de dados que está no computador que assinala, disponível para consultarem. Lá encontram tudo o que aqui está, basta seguir os passos que lá estão e explicam, que encontram o livro, ou filme ou CD áudio... que pretendem. A coordenadora continua dizendo:

- Basta trazerem um pequeno bloco ou uma folha, fazem a pesquisa e depois anotam o título e a cota. Ao dizer “cota” a coordenadora brinca com o outro significado⁴ dado à palavra, sorrindo. Os alunos sorriem também. E continua:

- Como agora já sabem como está arrumada a biblioteca, depois vai ser fácil encontrarem o que querem pela cota, não é? Se tiverem dúvidas, está sempre cá alguém que vos pode ajudar. Vamos agora ver mais uns pormenores da cota. Pegando num livro, explica os

NOTAS DA OBSERVAÇÃO:

aspectos da cota e os alunos vão interagindo. Mostra a etiqueta e o carimbo no interior. Explica também as três letras do apelido do autor, ou então do título, quando são mais de três autores, por exemplo, ou nas enciclopédias. Continua explicando a sigla da biblioteca que também integra a etiqueta da cota e o número que é o número de registo, salientando que é o número do livro na biblioteca da escola. Refere que esta é uma primeira explicação, pois no próximo ano irão continuar a trabalhar...

⁴ Na linguagem corrente dos jovens a palavra “cota” é utilizada para designar uma pessoa mais velha.

- Entretanto sabem que se precisarem realizar um trabalho, podem ir à página da biblioteca, onde encontram uma explicação, onde diz: “Etapas para Fazer um Trabalho de Pesquisa” ... diz a professora de Ciências da Natureza.

- Já conhecem a página? Pergunta a coordenadora.

Um aluno coloca o dedo no ar.

- Só um!!! Ah os malandros.... Vamos então ver. Responde a coordenadora admirada, ao mesmo tempo que abre no computador a página da biblioteca e faz uma pequena explicação dos conteúdos, em que é complementada com a professora de Ciências da Natureza. Por fim diz:

- Agora que já sabemos como encontrar o que procuramos, a vossa professora de Ciências da Natureza e a professora de Estudo Acompanhado vão orientar a parte mais prática da aula de hoje. Ouve-se a campainha, o que significa que passou a primeira parte da aula (45min.). Os alunos estão calados e interessados. Alguns folheiam livros dos que estão em cima das mesas. A professora de Ciências da Natureza, começa, abeirando-se de um carrinho onde está uma grande taça de vidro com papéis dentro. A professora explica que vamos trabalhar em grupos. Pergunta se já têm grupos e os alunos respondem que sim, da Área Projecto. A professora continua dizendo que o porta-voz de cada grupo vai tirar uma pergunta, lê-la ao grupo e todos vão procurar o livro que tem a resposta àquela pergunta. Só devem recorrer aos livros que estão em cima das mesas, explica. Depois de encontrarem a resposta, cada grupo tem uma folha, que mostra, onde regista a resposta, o nº, a cota e a página do livro onde a encontrou.

Entretanto a coordenadora foi até ao atendimento e fala com a funcionária que está no computador. Uma professora vem à entrada da biblioteca pedir um esclarecimento e a coordenadora conversa com ela.

Os alunos vêm à taça tirar as perguntas e levam a folha para o registo. Começam a procurar nos livros. A coordenadora que regressou, orienta, bem como a professora de Ciências da Natureza, enquanto simultaneamente monitoriza o levantamento das perguntas. A professora de Estudo Acompanhado está sentada e observa.

- Faz falta uma mesa! Diz um aluno.

A coordenadora liberta uma mesa próxima, para o grupo em questão. Depois conversa com a professora de Estudo Acompanhado que entretanto se levantou para auxiliar. Esta professora arruma o projector e liberta espaço para a circulação, passando a aproximar-se dos

NOTAS DA OBSERVAÇÃO:

grupos.

Entram duas professoras na biblioteca e abordam a funcionária, no atendimento. Pouco depois saem.

Os alunos continuam interessados procurando as respostas. As professoras auxiliam os grupos, dando pistas e indicações que os levem a pensar e a resolver a tarefa. Neste momento há 4 professoras com a turma (a professora de Ciências, a de Estudo Acompanhado; a

professora voluntária e a coordenadora da biblioteca).

10 *Entra um professor na biblioteca e dirige-se a um dos computadores. Uma das professoras que saíram volta a entrar na biblioteca e parece um pouco perdida...Dirige-se ao atendimento, fala com a funcionária e sai. O professor que estava num computador, também sai pouco depois.*

- Carolina, temos este livro... a Sandra há pouco viu aqui coisas sobre rãs! Diz uma aluna para outra. A aluna tem um livro na mão em que procura e segura o outro de forma atrapalhada. A coordenadora chama à atenção sobre como pegar nos livros.
- Olha que, dois livros ao mesmo tempo na mão são muita coisa. E esses são grandes! Adverte a coordenadora.
- Eu sei, vou pousar um. Responde a Carolina.
Os alunos circulam pelo espaço em trabalho, procurando nos diversos livros e trocando impressões uns com os outros.
As professoras de Ciências e Estudo Acompanhado apercebem-se de um grupo mais atrapalhado e dirigem-se a esses alunos, auxiliando. Há uma aluna que quer requisitar um livro: aponta para um sobre gatos. A professora voluntária encaminha para o atendimento.

20 *Na biblioteca há neste momento uma aluna num dos computadores, a funcionária tira fotocópias e há uma professora (da equipa) no computador do atendimento.*

Os alunos circulam em trabalho e à medida que concluem uma pergunta, vão buscar outra.

-Têm que começar a arrumar! Diz a coordenadora.

-Isto é tão interessante! Diz uma aluna.

A funcionária aproxima-se para auxiliar...

Enquanto os alunos se preparam para sair, as professoras trocam impressões com a coordenadora, afinando pormenores sobre aspectos a incidir no próximo ano, com esta turma.

Ouve-se a campainha tocar. A coordenadora despede-se dos alunos, que saem. A professora de Ciências da Natureza, que recolheu as

NOTAS DA OBSERVAÇÃO:

respostas dos grupos, entrega-as à professora de Estudo Acompanhado, que fará a respectiva correção e classificação dos grupos.
A funcionária arruma os livros e o mobiliário utilizados na actividade.

FIM.

ANEXO 9

ANÁLISE DA ACTIVIDADE 1 - COORDENADORA A

Actividade	Sessão sobre a leitura para alunos de 5º ano		
Data	4 de Março de 2008	Ano de escolaridade	5º
		Nº de alunos	
		Início:	10h20m
		Fim:	11h45m

CATEGORIAS	DADOS DAS NOTAS DE OBSERVAÇÃO ⁵	INFERÊNCIAS
<p>1. Planificação Conjunta</p>	<p>«A turma que ia apresentar a actividade estava com a professora de Ciências e outra professora que a auxiliava, a fazer os últimos preparativos. Os alunos tinham papéis na mão e conversavam baixo, enquanto a professora testava a apresentação em PowerPoint no computador portátil que estava ao centro, ligado a um projector.»</p> <p>... «No tecto, na zona do palco estavam suspensas várias janelas abertas muito bonitas, coladas em cartolina, onde estavam frases e poemas alusivos à leitura. A coordenadora com muito à vontade, trocou impressões com as professoras e disse que ia buscar a máquina fotográfica.»</p> <p>... «Tudo parecia pronto (...)»</p> <p>... [C.] «Disse ainda faltarem duas turmas e que íamos aguardar, pois estariam a chegar.»</p> <p>«Entretanto chegam os outros alunos (...)» (2, 7)</p> <p>[C.] «Iniciou assim a actividade, dizendo ainda que se iria assistir a uma sessão preparada por alunos e professores no âmbito da Semana da Leitura.»</p>	<p>A professora chegou mais cedo com os alunos para prepararem tudo o que era necessário com à vontade, o que indicia, no contexto do nosso estudo, a existência de um plano.</p> <p>O espaço estava decorado para a actividade, a coordenadora estava serena, porque tudo estava planificado.</p> <p>Boa organização, está tudo preparado, como planificado e quem falta não deve demorar, segundo a coordenadora - indicio de confiança, uma vez que está tudo planeado.</p> <p>A actividade foi preparada e planificada em articulação entre vários professores (departamento de Língua Portuguesa e professora de Ciências da Natureza.</p>

⁵ Utilizamos a indicação [C] nalguns pontos das transcrições no sentido de diminuir a mancha gráfica.

	<p>[os alunos foram apresentando os textos que haviam preparado, sem qualquer atropelo ou confusão, independentemente de nem todos ter em a respectiva professora de Língua Portuguesa presente]</p>	<p>Os alunos, assumiram as suas funções, mesmo sem a presença do respectivo professor de Língua Portuguesa.</p>
<p>2. Desenvolvimento da actividade em conjunto</p>	<p>«A coordenadora diz que vai passar a palavra à professora [...] que todos conhecem bem e que vai explicar a dramatização a que vão assistir.»</p> <p>... «A professora [...] explicou que íamos assistir a uma fábula, que está disponível na Internet e no final de passarem as imagens, verão que está lá o endereço.»</p> <p>... [C.] «<i>Continua dizendo que para terminar têm Leituras Doces! (...) Troca algumas palavras com a professora [...], decidindo a melhor forma de distribuir (...)</i>»</p> <p>... «Decidida a estratégia, a professora [...] começou a distribuir por filas e a coordenadora ao microfone ia chamando um a um os alunos para ali lerem a frase que o seu rebuçado tinha.»</p>	<p>É claro que a coordenadora e a professora realizam a actividade conjuntamente e de forma articulada.</p>
<p>3. Avaliação conjunta da actividade</p>		<p>A actividade não permitiu concluir nada sobre a sua forma de avaliação.</p>
	<p>[C.] «Resolveu, conversar com os alunos desta turma, questionando se sabiam o que se passava esta semana. Os alunos responderam todos que era a Semana da Leitura. Seguidamente questionou-os se tinham hábitos de leitura e em coro disseram que sim. Perguntou quem ainda não tinha ido à biblioteca requisitar livros? E houve um número significativo de dedos no ar. A professora diz: - Ah! Que horror! E vira-se para uma menina e pergunta: - Porque não, amor?»</p>	<p>Os alunos demonstram conhecimento sobre o que se está a passar, confirmando a articulação da acção dos vários professores envolvidos.</p> <p>Constata-se a abordagem de várias áreas temáticas do campo de acção da biblioteca e</p>

<p>4. Envolvimento de conteúdos relativos à (s) disciplina(s) em questão e no âmbito da acção da biblioteca</p>	<p>A aluna responde:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Porque tenho em casa! A professora pergunta: - Quem não tem em casa e nunca pensou que podia ir à biblioteca buscar livros? Ninguém coloca o dedo no ar. - Ah! Diz a coordenadora.» <p>[Os vários textos que foram lidos ou declamados, foram sempre apresentados pelos alunos, identificando a autoria.]</p> <p>... «<i>Surgem duas meninas que dizem algo baixinho à coordenadora que está com o microfone na mão. Ela pergunta ao público se não se importa que estas meninas que não sabem o autor do seu texto o declamem mesmo assim. Todos respondem que sim. A coordenadora questiona:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Prometem que depois vão à biblioteca dizer-me?</i> <i>As meninas dizem que sim, entretanto uma professora que está na assistência mostra um livro e diz que o poema é do Cancioneiro Popular Português e foi tirado daquele livro.»</i> <p>... «Vão perceber que ler é ler tudo o que nós quisermos e é aprender de forma divertida, conclui a coordenadora.»</p> <p>... «<i>A fábula fala de animais e de uma forma lúdica, através de uma história de ficção transmite conteúdos de Ciências da Natureza, nomeadamente sobre os mamíferos.»</i></p> <p>«(...) e a coordenadora interrompe esta pequena conversa para dar as boas vindas, saudando com um bom dia, expressivo, que obteve a mesma resposta, em coro, de todos os alunos. Iniciou assim a actividade(...)» (2, 7-9)</p> <p>... «A Avó diz que tem um conto para contar, mas que se calhar é muito grande... Nota-se alguma insegurança, (...) A coordenadora diz que não, para estar à vontade que todos</p>	<p>dos currículos de Língua Portuguesa e de Ciências da Natureza. Concluímos haver uma articulação entre os agentes educativos responsáveis por estas áreas, que se manifesta nesta actividade que funciona como o ponto alto, o culminar de todo um trabalho prévio conjunto.</p>
		<p>Plena integração da coordenadora no grupo de alunos. É quem inicia a actividade. Refere que esta resulta da colaboração de vários professores.</p>

<p>5. Acção da coordenadora no decurso da actividade</p>	<p>queremos ouvir. A avó lê(...))»</p> <p>... «<i>Aproxima-se uma aluna, tímida e um pouco receosa. A coordenadora diz: queres que comece contigo? A aluna diz que sim e com o papel na mão lê (...)</i>»</p> <p>... «A coordenadora vai gerindo as várias apresentações.»</p> <p>«(...) está com o microfone na mão.»</p> <p>... «<i>A coordenadora diz que estão todos de parabéns, quer os que intervieram mais activamente, quer os que estiveram a assistir, pois estiveram muito bem.</i>»</p> <p>... «(...) no final a coordenadora diz que tem uma surpresa para os adultos, eles também vêm ler a sua frase. A primeira foi a avó presente e depois todos os professores, com a alegria dos alunos que os ouviam, por último também eu como “convidada” fui ler a frase do meu rebuçado.</p> <p>A coordenadora dá a sessão por terminada, os alunos saíram com os professores de forma ordeira.»</p>	<p>A coordenadora, assume a condução da actividade e numa atitude serena, tranquiliza a avó, que está a participar – o que também é uma forma de colaboração, diferente. Tranquiliza também a aluna que está nervosa, entrando em parceria na leitura.</p> <p>A coordenadora é quem gere uma parte da actividade, de forma muito natural e interactiva, demonstrando uma forte articulação com a professora que assumiu a outra parte da actividade.</p>
---	---	--

ANÁLISE DA ACTIVIDADE 2 - COORDENADORA A

Actividade	Aula de Ciências da Natureza (articulação com a biblioteca e com Estudo Acompanhado)		
Data	12 de Junho de 2008	Ano de escolaridade	5º
		Nº de alunos	18
		Início:	10h15
		Fim:	11h45m

CATEGORIAS	Unidades de Registo	Inferências
<p>1. Planificação Conjunta</p>	<p>«(...)chegaram os alunos (uma turma), calmamente, acompanhados de duas professoras. Estão na aula de Ciências da Natureza. Uma é a professora da disciplina, outra é a professora de Estudo Acompanhado (...))»</p> <p>... «<i>A coordenadora pergunta:</i></p> <p>- <i>Sabem o que estão a fazer na biblioteca?</i></p> <p>- <i>Vamos fazer uma actividade qualquer ... Responde um aluno.</i>»</p> <p>... «Entretanto o ecrã fica estabilizado e a coordenadora começa a sua explicação(...)»</p> <p>... «<i>Agora que já sabemos como encontrar o que procuramos, a vossa professora de Ciências da Natureza e a professora de Estudo Acompanhado vão orientar a parte mais prática da aula de hoje.</i>»</p> <p>... «A professora de Ciências da Natureza, começa (...))»</p> <p>... «<i>A coordenadora que regressou, orienta, bem como a professora de Ciências da Natureza, enquanto simultaneamente monitoriza o levantamento das perguntas. A professora de Estudo Acompanhado está sentada e observa.</i>»</p> <p>... «Depois conversa com a professora de Estudo Acompanhado que entretanto se levantou para auxiliar. Esta professora arruma o projector e liberta espaço para a circulação, passando a aproximar-se dos grupos.»</p> <p>... «<i>As professoras auxiliam os grupos, dando pistas e indicações que os levem a pensar e a resolver a tarefa.</i>»</p> <p>...</p>	<p>A actividade está programada, a turma e professores chegam na hora prevista.</p> <p>A intervenção do aluno dá a entender não saber o que vão fazer.</p> <p>Referência ao que vai ser a aula, abordando a temática da disciplina e a temática de formação de utilizador.</p> <p>Articulação da coordenadora com a professora, o que se depreende pela forma natural com que alternam o decurso da actividade entre si. Esta situação só é possível com planificação conjunta.</p> <p>Articulação da</p>

CATEGORIAS	Unidades de Registo	Inferências
<p>1. Planificação Conjunta</p>	<p>« As professoras de Ciências e Estudo Acompanhado apercebem-se de um grupo mais atrapalhado e dirigem-se a esses alunos, auxiliando.»</p> <p>... «-Têm que começar a arrumar! Diz a coordenadora»</p> <p>... « A coordenadora despede-se dos alunos, que saem. A professora de Ciências da Natureza, que recolheu as respostas dos grupos, entrega-as à professora de Estudo Acompanhado, que fará a respectiva correcção e classificação dos grupos.»</p>	<p>coordenadora com a professora.</p> <p>Articulação também com a professora de Estudo Acompanhado.</p>
<p>2. Desenvolvimento da actividade em conjunto</p>	<p>«(...) chegaram os alunos (uma turma), calmamente, acompanhados de duas professoras. Estão na aula de Ciências da Natureza. Uma é a professora da disciplina, outra é a professora de Estudo Acompanhado da turma,(...)»</p> <p>... - Bom dia! Diz a coordenadora(...)»</p> <p>... [C.] «- Sabem o que estão a fazer na biblioteca?</p> <p>- Vamos fazer uma actividade qualquer... Responde um aluno.</p> <p>- Qualquer não?»</p> <p>... « A professora de Ciências compõe o ecrã móvel de projecção que está estrategicamente colocado, para que todos possam ver bem. A coordenadora diz aos alunos que enquanto a professora compõe o ecrã, vai contar uma história:»</p> <p>... «Entretanto o ecrã fica estabilizado e a coordenadora começa a sua explicação,(...)»</p> <p>... «- Entretanto sabem que se precisarem realizar um trabalho, podem ir à página da biblioteca, onde encontram uma explicação, onde diz: “Etapas para Fazer um Trabalho de Pesquisa” ... diz a professora de Ciências da Natureza.</p> <p>- Já conhecem a página? Pergunta a coordenadora.»</p> <p>... [C.] «e faz uma pequena explicação dos conteúdos, em que é complementada com a professora de Ciências da Natureza.»</p>	<p>As professoras da disciplina e de Estudo acompanhado, trazem a turma à biblioteca.</p> <p>A coordenadora recebe-os e inicia a actividade, complementada pela professora de Ciências Naturais.</p>

CATEGORIAS	Unidades de Registo	Inferências
	<p>... «- Agora que já sabemos como encontrar o que procuramos, a vossa professora de Ciências da Natureza e a professora de Estudo Acompanhado vão orientar a parte mais prática da aula de hoje. »</p> <p>... «A professora de Ciências da Natureza, começa.(...)»</p> <p>... « A coordenadora que regressou, orienta, bem como a professora de Ciências da Natureza,(...)»</p> <p>... « a professora de Estudo Acompanhado que entretanto se levantou para auxiliar(...) passando a aproximar-se dos grupos.»</p> <p>... «As professoras auxiliam os grupos, dando pistas e indicações que os levem a pensar e a resolver a tarefa.»</p> <p>... «As professoras de Ciências e Estudo Acompanhado apercebem-se de um grupo mais atrapalhado e dirigem-se a esses alunos, auxiliando.»</p> <p>... «A coordenadora despede-se dos alunos, que saem.»</p>	<p>A professora de Ciências Naturais intervém de forma muito natural, complementado a informação da C. Esta “passa o testemunho” professora de Ciências Naturais, quando conclui a sua parte, no entanto continua a intervir, auxiliando os grupos de alunos.</p> <p>A professora de Estudo Acompanhado também colabora, inclusive auxiliando os grupos com mais dificuldade.</p> <p>A C. termina a actividade, despedindo-se.</p>
<p>3. Avaliação conjunta da actividade</p>	<p>« as professoras trocam impressões com a coordenadora, afinando pormenores sobre aspectos a incidir no próximo ano, com esta turma.»</p> <p>... «A professora de Ciências da Natureza, que recolheu as respostas dos grupos, entrega-as à professora de Estudo Acompanhado, que fará a respectiva correcção e classificação.»</p>	<p>Informalmente as professoras fazem um balanço da actividade.</p> <p>Foi aplicado um instrumento de trabalho que vai ser útil para perceber o impacto da actividade nos alunos.</p>
	<p>«(...) chegaram os alunos (uma turma), calmamente, acompanhados de duas professoras. Estão na aula de Ciências da Natureza. Uma é a professora da</p>	<p>Os alunos vêm à biblioteca numa aula de Ciências</p>

CATEGORIAS	Unidades de Registo	Inferências
<p>4. Envolvimento de conteúdos relativos à (s) disciplina(s) em questão e no âmbito da acção da biblioteca</p>	<p>disciplina, outra é a professora de Estudo Acompanhado da turma(...)>> ... <<-Hoje vamos conversar um pouco sobre a forma como está organizada a biblioteca e depois vamos fazer um trabalho para a disciplina de Ciências da Natureza. Os livros que aqui estão são para fazermos o trabalho.>> ... <i>[C. explica o sistema de arrumação da biblioteca de forma interactiva com o espaço e com os alunos.]</i> ... <<- Agora que já sabemos como encontrar o que procuramos, a vossa professora de Ciências da Natureza e a professora de Estudo Acompanhado vão orientar a parte mais prática da aula de hoje.>> ... <i>«A professora de Ciências da Natureza, começa, (...)>></i> ...</p>	<p>Naturais, numa acção articulada entre a professora de Ciências Naturais e a C. Esta situação é tanto mais evidente, quanto há uma primeira parte da actividade que é assegurada essencialmente pela C. e outra que é assegurada pela professora.</p>
<p>5. Acção da coordenadora no decurso da actividade</p>	<p><< A coordenadora que regressou, orienta, bem como a professora de Ciências da Natureza, (...)>> ... [C.] <<(...)conversa com a professora de Estudo Acompanhado que entretanto se levantou para auxiliar (...) passando a aproximar-se dos grupos.>> ... <i>« As professoras auxiliam os grupos, dando pistas e indicações que os levem a pensar e a resolver a tarefa.>></i> ... << As professoras de Ciências e Estudo Acompanhado apercebem-se de um grupo mais atrapalhado e dirigem-se a esses alunos, auxiliando.>> ... <i>«Entretanto a coordenadora foi até ao atendimento e fala com a funcionária que está no computador. Uma professora vem à entrada da biblioteca pedir um esclarecimento e a coordenadora conversa com ela.>></i> ... <<-Têm que começar a arrumar! Diz a coordenadora.>> ...</p>	<p><i>A C. foi muito dinâmica nesta actividade, uma vez que, para além de ter que assumir o trabalho que estava previsto, na actividade, foi simultaneamente tomando nota do que se ia passando na biblioteca, que se mantinha em funcionamento</i></p> <p><i>Até ao fim da actividade a C. assumiu-a e inclusive é quem a dá por encerrada.</i></p>

CATEGORIAS	Unidades de Registro	Inferências
	<i>«A coordenadora despede-se dos alunos, que saem.»</i>	

ANEXO 10

REGISTO DE OBSERVAÇÃO DA ACTIVIDADE 1 – COORDENADOR B

Actividade	Encontro com o escritor								
Data	28 de Fevereiro de 2008	Ano de escolaridade	1º, 2º, 3º e 4º anos- 1ºCEB	Nº de alunos	150	Início	14h35	Fim:	15h05 e 15h50

NOTAS DA OBSERVAÇÃO:

O escritor e a coordenadora chegam à biblioteca que já está cheia de alunos e professores. Há apresentações a alguns adultos á entrada e o autor dirige-se à mesa central para presidir à sessão.

A actividade inicia com a apresentação do escritor pela coordenadora, que de imediato lhe passou a palavra.

Este cumprimentou os presentes e seguidamente a coordenadora informou que os alunos tinham uma pequena apresentação preparada. O primeiro grupo de 4 alunos do 2º ano leu um texto do autor em voz alta. Quando terminaram, houve palmas da assistência. O segundo grupo de oito alunos do 3º ano declamou um texto do autor e o terceiro grupo de alunos do 4º ano declamou quadras de sua autoria, inspiradas na obra do autor. Houve imensas gargalhadas com estas quadras, pois eram do género tudo às avessas... Os alunos que intervieram fizeram-no com segurança no que estavam a fazer. No final a assistência bateu palmas.

10 Os alunos regressaram aos seus lugares com algum burburinho e o autor começou a conversa de forma muito informal e descontraída, captando a atenção dos presentes e chamando-os à participação em leituras que foi fazendo de textos seus. Uma dessas leituras envolveu a coordenadora da biblioteca, tendo o escritor perguntado aos alunos se sabiam quem era, ao que responderam em coro ser a professora [nome].

Seguidamente passou-se à fase de perguntas dos alunos e parecia que todos tinham questões, entretanto percebi que havia questões organizadas por turma. Alguns alunos liam as perguntas de cadernos ou folhas que traziam consigo. As questões colocadas foram:

- Quantos livros já escreveu?
- Qual o seu livro de que gosta mais?
- Como se inspirou para escrever o livro [...].
- Que conselho dá a quem quiser ser escritor?

20 - Quando tinha a minha idade, costumava fazer os trabalhos de casa de baixo de uma maceira?

A todas o escritor respondeu, afavelmente e de forma bem disposta, umas vezes mais alongadamente, outras com resposta mais curta. Após

NOTAS DA OBSERVAÇÃO:

esta última questão o escritor fez um agradecimento à autarquia na pessoa da vereadora da cultura, à escola, nomeadamente ao Conselho Executivo, à coordenadora da biblioteca e aos professores, solicitando uma salva de palmas, que foi correspondida.

A coordenadora da BE referiu que se seguia uma pequena sessão de autógrafos.

Um aluno, solicita a oportunidade de fazer mais uma questão, é-lhe dada a palavra

- Qual é a hora do dia em que melhor escreve?

O escritor responde e o aluno retorquiu:

- E sente-se cansado depois disso?

10 O escritor respondeu que sim, o aluno ficou satisfeito com a resposta e passou-se à sessão de autógrafos. A fila de interessados era significativa. Percebendo que havia alunos que levavam livros feitos por eles e desenhos, questionei um ou outro sobre o que levavam. Os que levavam livros, explicaram que eram os trabalhos que a turma tinha feito à volta daquele título do autor, na capa tinham a cópia da capa do livro em questão. O conteúdo era uma biografia do autor, uma ficha de leitura com questões sobre o enredo da história e o resumo da obra, feito pelos alunos. Estes dados estavam manuscritos pelos alunos, à excepção da biografia e de um dos resumos. Numa das fichas pude ler a opinião de uma aluna que escreveu ter gostado, porque puderam dar a sua opinião sobre o que leram. No meio desta conversa uma professora estava junto dos alunos e disse que haviam lido e trabalhado várias obras do autor, sendo que ainda antes de saber da sua vinda, já estavam a trabalhar a sua obra. Quanto aos que tinham na mão desenhos, eram alunos do 1º ano e conversando com três que estavam na fila, disseram ter feito aqueles desenhos sobre uma das obras que leram do autor.

O autor foi dando autógrafos e conversando com os alunos e professores. Uma professora tirava fotografias.

20 Ao longo da sessão a coordenadora, geriu a actividade, articulando com o escritor e mantendo cuidado para que tudo corresse bem. Os professores estavam sentados ou de pé junto dos respectivos grupos turma, actuando quando era necessário chamar à atenção para algum burburinho na sala. Toda a sessão decorreu com normalidade, com os alunos concentrados, atentos e participativos nos desafios feitos pelo autor. Demonstraram conhecer a sua obra.

No final foram saindo do espaço ordeira e gradualmente.

FIM

REGISTO DE OBSERVAÇÃO DA ACTIVIDADE 2 DA COORDENADORA B

Actividade	Sessão – Hora do Conto/Comemoração do Dia Mundial do Livro								
Data	23 de Abril de 2008	Ano de escolaridade	Jardim-de-infância e 9º ano	Nº de alunos	30 aprox.	Início	10h30	Fim:	11h00m

NOTAS DA OBSERVAÇÃO:

A actividade é dinamizada por alunas (3 das 7 da turma) do curso CEF – Curso de Assistente Familiar e de Apoio à Comunidade, com idades entre os 15 e os 18 anos.

As alunas, a funcionária da biblioteca e a professora de Língua Portuguesa estão a preparar os últimos pormenores do fantocheiro. Atrás deste está um cenário que foi feito para esta história. Chegam a educadora com as crianças, que se sentam no chão, nos tapetes para o efeito, em frente ao fantocheiro. Há um pequeno burburinho. A educadora brinca com os meninos e de repente, ouvem-se umas pancadas fortes. A história vai começar. Trata-se da história: *A Ovelhinha que Veio Para Jantar*. As três alunas que estão a apresentar fazem-no de forma muito expressiva. As crianças estão super atentas e interessadas no desenrolar dos acontecimentos. Quando termina, as crianças batem palmas.

10

Entretanto um grupo de alunas, do curso CEF, entra na biblioteca com cestas de bolinhos.

- Ainda bem que vieram ouvir a história. Meninos, não estão com fome? Diz a coordenadora.

- Olha que bom! Diz a Educadora.

As alunas oferecem às crianças, estas servem-se.

A educadora pede para levar o livro da história contada, para explorar melhor com as crianças. Requisita-o no atendimento e depois diz:

- Bom, antes de irmos embora temos que agradecer, não é?

- Obrigado! Dizem as crianças em coro.

Saem ordeiramente da biblioteca.

Seguidamente, a coordenadora dirige-se às alunas do curso CEF, agradece a colaboração e todo o trabalho realizado, bem como às professoras e depois pergunta se sabem o que se comemora neste dia. As alunas revelam não saber e a coordenadora explica:

20

NOTAS DA OBSERVAÇÃO:

- Hoje, dia 23 de Abril, comemora-se o Dia Mundial do Livro. Alguna de vós sabe porque se comemora hoje e não noutra dia qualquer? As alunas dizem que não. A coordenadora explica a origem desta comemoração, no assinalar da morte de dois grandes escritores da História da Humanidade: William Shakespeare, inglês e Miguel Cervantes, de Espanha. Explica também que esta comemoração tem origem numa tradição catalã de oferecer uma rosa em troca de um livro, isto é, os cavaleiros ofereciam uma rosa às damas e estas ofereciam-lhes um livro, neste dia. A professora continua dizendo que a biblioteca tem uma actividade a decorrer e gostaria de contar com a participação destas alunas. Mostra um livro gigante que está na biblioteca, já com algumas frases manuscritas por alunos. Pede às alunas que escrevam uma frase sobre a leitura ou sobre o livro e depois fazem um marcador de livro para si, com o material que existe em cima da mesa (tiras de cartão coloridas, canetas e marcadores de várias cores). Por fim escrevem a sua frase no livro gigante que é um livro colectivo.

10 As alunas ficam algum tempo a pensar e com alguma dificuldade de criar frases. Estão cerca de 5/6 minutos sem fazer nada. A professora de Língua Portuguesa e a coordenadora fazem várias alusões, para auxiliar. Finalmente as alunas registam as suas frases nos marcadores respectivos e escrevem no livro gigante. A professora de Língua Portuguesa alerta para o cuidado com a ortografia. A coordenadora apresenta algumas imagens e diz às alunas para escolherem uma. Quatro gostam da mesma ilustração, fica essa seleccionada. A coordenadora fornece tesoura e cola, para recortarem e colarem. Uma aluna recorta a imagem, a coordenadora coloca cola e aplicam no livro.

Entretanto a funcionária estava a começar a arrumar os tapetes e o fantocheiro. Uma aluna diz:

- Quer ajuda? Eu vou ajudar.

Outras se juntam e terminada a arrumação, as alunas despedem-se e saem, levando os seus marcadores.

FIM

ANEXO 11

ANÁLISE DA ACTIVIDADE 1 - COORDENADORA B

Actividade	Encontro com o escritor				
Data	28 de Fevereiro de 2008	Ano de escolaridade	1º, 2º, 3º e 4º anos- 1ºCEB	Nº de alunos	150
				Início:	14h35m
				Fim:	15h05 m e 15h50

CATEGORIAS	DADOS DAS NOTAS DE OBSERVAÇÃO	INFERÊNCIAS
<p>1. Planificação Conjunta</p>	<p>«O escritor e a coordenadora chegam à biblioteca que já está cheia de alunos e professores.»</p> <p>«Seguidamente passou-se à fase de perguntas dos alunos e parecia que todos tinham questões, entretanto percebi que havia questões organizadas por turma. Alguns alunos liam as perguntas de cadernos ou folhas que traziam consigo. As questões colocadas foram:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quantos livros já escreveu? - Qual o seu livro de que gosta mais? - Como se inspirou para escrever o livro [...]. - Que conselho dá a quem quiser ser escritor? - Quando tinha a minha idade, costumava fazer os trabalhos de casa de baixo de uma macieira?» <p>«Após esta última questão o escritor fez um agradecimento à autarquia na pessoa da vereadora da cultura, à escola, nomeadamente ao Conselho Executivo, à coordenadora da biblioteca e aos professores, solicitando uma salva de palmas, que foi correspondida. »</p> <p>Os professores estavam sentados ou de pé junto dos respectivos grupos turma, actuando quando era necessário chamar à atenção para algum burburinho na sala. Toda a sessão decorreu com normalidade, com os alunos concentrados, atentos e participativos nos desafios feitos pelo autor. Demonstraram conhecer a sua obra.</p>	<p>A actividade está bem organizada, tendo sido bem planeada.</p> <p>Os alunos conheciam as obra do autor e haviam preparado perguntas para o escritor, organizando-se por turmas, dada a dimensão do grupo.</p> <p>A actividade foi uma parceria entre os professores e a biblioteca, com o apoio da Câmara Municipal, conforme o escritor referiu.</p>

	No final foram saindo do espaço ordeira e gradualmente.»	
2. Desenvolvimento da actividade em conjunto		Não houve ocorrência.
3. Avaliação conjunta da actividade	<p>«O primeiro grupo de 4 alunos do 2º ano leu um texto do autor em voz alta. Quando terminaram, houve palmas da assistência. O segundo grupo de oito alunos do 3º ano declamou um texto do autor e o terceiro grupo de alunos do 4º ano declamou quadras de sua autoria, inspiradas na obra do autor. (...)</p> <p>Os alunos que intervieram fizeram-no com segurança no que estavam a fazer. No final a assistência bateu palmas.»</p> <p><i>Uma dessas leituras [feitas pelo autor] envolveu a coordenadora da biblioteca, tendo o escritor perguntado aos alunos se sabiam quem era, ao que responderam em coro ser a professora [nome].»</i></p>	Não houve indícios, a não ser os trabalhos dos alunos, mas do âmbito curricular só.
4. Envolvimento de conteúdos relativos à (s) disciplina(s) em questão e no âmbito da acção da biblioteca	<p>« A fila de interessados era significativa. Percebendo que havia alunos que levavam livros feitos por eles e desenhos, questionei um ou outro sobre o que levavam. Os que levavam livros, explicaram que eram os trabalhos que a turma tinha feito à volta daquele título do autor, na capa tinham a cópia da capa do livro em questão. O conteúdo era uma biografia do autor, uma ficha de leitura com questões sobre o enredo da história e o resumo da obra, feito pelos alunos. Estes dados estavam manuscritos pelos alunos, à excepção da biografia e de um dos resumos. Numa das fichas pude ler a opinião de uma aluna que escreveu ter gostado, porque puderam dar a sua opinião sobre o que leram. No meio desta conversa uma professora estava junto dos alunos e disse que haviam lido e trabalhado várias obras do autor, sendo que ainda antes de saber da sua vinda, já estavam a trabalhar a sua obra. Quanto aos que tinham na mão desenhos, eram alunos do 1º ano e conversando com</p>	<p>Houve coordenação ao nível d organização de livros do autor para os professores trabalharem, por parte da C. Os professores haviam decidido abordar este autor, a coordenadora percebeu e foi pró-activa.</p> <p>Os alunos conhecem a C.</p> <p>Os alunos estudaram a obra do autor e têm livros ou trabalho para autografar.</p> <p>Os trabalhos demonstram a acção dos professores</p>

	três que estavam na fila, disseram ter feito aqueles desenhos sobre uma das obras que leram do autor.»	concertada com a biblioteca.
5. Acção da coordenadora no decurso da actividade	<p>«A actividade inicia com a apresentação do escritor pela coordenadora, que de imediato lhe passou a palavra.»</p> <p>«seguidamente a coordenadora informou que os alunos tinham uma pequena apresentação preparada.»</p> <p>«A coordenadora da BE referiu que se seguiu uma pequena sessão de autógrafos.»</p> <p>« Ao longo da sessão a coordenadora, geriu a actividade, articulando com o escritor e mantendo cuidado para que tudo corresse bem.»</p>	<p>A coordenadora esteve sempre a coordenar a actividade, atenta aos pormenores. Estava inteirada do que os professores haviam preparado com os alunos, para apresentar ao escritor.</p>

ANÁLISE DA ACTIVIDADE 2 - COORDENADORA B

Actividade	Sessão – Hora do Conto/Comemoração do Dia Mundial do Livro		
Data	23 de Abril de 2008	Ano de escolaridade	Jardim-de-infância e 9º ano
		Nº de alunos	30 aprox.
		Início	10h30
		Fim:	11h00m

CATEGORIAS	DADOS DAS NOTAS DE OBSERVAÇÃO	INFERÊNCIAS
1. Planificação Conjunta	«As alunas, a funcionária da biblioteca e a professora de Língua Portuguesa estão a preparar os últimos pormenores do fantocheiro. Após deste está um cenário que foi feito para esta história. Chegam a educadora com as crianças, que se sentam no chão, nos tapetes para o efeito, em frente ao fantocheiro.»	Pelo envolvimento da professora, alunas, a coordenadora e até a funcionária da biblioteca, denota-se haver planificação prévia, conjunta, da

	<p>... «- Hoje, dia 23 de Abril, comemora-se o Dia Mundial do Livro. Alguma de vós sabe porque se comemora hoje e não noutra dia qualquer? As alunas dizem que não. A coordenadora explica a origem desta comemoração.» ... «A professora continua dizendo que a biblioteca tem uma actividade a decorrer e gostaria de contar com a participação destas alunas.» «Mostra um livro gigante que está na biblioteca, já com algumas frases manuscritas por alunos. Pede às alunas que escrevam uma frase sobre a leitura ou sobre o livro e depois fazem um marcador de livro para si, com o material que existe em cima da mesa (tiras de cartão coloridas, canetas e marcadores de várias cores). Por fim escrevem a sua frase no livro gigante que é um livro colectivo.» ... «A professora de Língua Portuguesa e a coordenadora fazem várias alusões, para auxiliar. Finalmente as alunas registam as suas frases nos marcadores respectivos e escrevem no livro gigante. A professora de Língua Portuguesa alerta para o cuidado com a ortografia.»</p>	<p>actividade. As alunas apesar de estarem a colaborar numa actividade conjunta, não estão informadas do contexto em que ela se insere.</p>
<p>2. Desenvolvimento da actividade em conjunto</p>		<p>As alunas realizam a primeira parte da actividade e depois são elas que são envolvidas numa outra actividade, desta feita orientada pela coordenadora da biblioteca. As duas professoras envolvem-se no desenrolar desta actividade.</p>
<p>3. Avaliação conjunta da actividade</p>		<p>Ao longo da actividade não houve indícios de avaliação da mesma.</p>
<p>4. Envolvimento de conteúdos relativos à (s) disciplina (s) em questão e no âmbito da acção da biblioteca</p>	<p>«A história vai começar. Trata-se da história: <i>A Ovelhinha que Veio Para Jantar</i>. As três alunas que estão a apresentar fazem-no de forma muito expressiva. As crianças estão super atentas e interessadas no desenrolar dos acontecimentos. Quando termina, as crianças batem palmas. Entretanto um grupo de alunas, do curso CEF, entra na biblioteca com cestas de bolinhos. » ... «As alunas oferecem às crianças, estas servem-se.» «A educadora pede para levar o livro da história contada, para explorar</p>	<p>As alunas apresentam um trabalho do âmbito da Língua Portuguesa e também da área da nutrição, que são parte do currículo que estão a desenvolver. A educadora, com o intuito de continuar a trabalhar na sala esta</p>

	<p>melhor com as crianças. Requisita-o no atendimento e depois diz: - Bom, antes de irmos embora temos que agradecer, não é?»</p> <p>«- Hoje, dia 23 de Abril, comemora-se o Dia Mundial do Livro. Alguma de vós sabe porque se comemora hoje e não noutra dia qualquer? As alunas dizem que não. A coordenadora explica a origem desta comemoração, no assinalar da morte de dois grandes escritores da História da Humanidade: William Shakespeare, inglês e Miguel Cervantes, de Espanha. Explica também que esta comemoração tem origem numa tradição catalã (...).»</p>	<p>história, pretende levar o livro.</p> <p>A actividade que a coordenadora dinamiza aqui é do âmbito do trabalho da biblioteca e também de Língua Portuguesa.</p>
<p>5. Acção da coordenadora no decurso da actividade</p>	<p>«(...)a coordenadora dirige-se às alunas do curso CEF, agradece a colaboração e todo o trabalho realizado, bem como às professoras e depois pergunta se sabem o que se comemora neste dia. As alunas revelam não saber e a coordenadora explica(...)» «Explica também que(...)» « A professora continua dizendo que»</p>	<p>A coordenadora é o elemento de ligação das actividades e das pessoas, é também o principal elemento organizador. Por seu lado também desenvolve uma pequena actividade.</p>

ANEXO 12

REGISTO DE OBSERVAÇÃO DA ACTIVIDADE 1 DA COORDENADORA C

Actividade	Sessão para alunos do 1º CEB				
Data	5 de Março de 2008	Ano de escolaridade	1º ciclo	Nº de alunos	50
				Início	14h00
					Fim: 14h45

NOTAS DA OBSERVAÇÃO:

1 Todos os alunos estão sentados, fazendo um semicírculo à volta da área onde estão sentadas as três alunas do 7º ano. A coordenadora dá início apresentando as alunas e explicando que elaboraram o texto da história com a sua turma e vêm apresentá-lo. Deu-lhe a palavra. As três alunas tinham o texto impresso na mão e leram à vez o texto original que versava sobre uma história de amor, amizade e solidariedade.

Os alunos estiveram sempre muito atentos e quietos. As professoras que os acompanhavam estavam umas sentadas, outras de pé, junto aos seus alunos, atentas e descontraindas.

No final bateram palmas e a coordenadora perguntou se haviam gostado. Todos responderam que sim. Perguntou ainda se queriam fazer alguma pergunta às meninas. Fez-se silêncio. A coordenadora referiu que quando quisessem fazer histórias na respectiva escola, também o poderiam fazer e vir contar aos mais velhos! Todos concordaram dizendo um sim massivo.

10 A coordenadora agradeceu e as meninas saíram. A coordenadora perguntou se queriam mais histórias. Responderam todos em coro: Sim! A coordenadora refere que a professora [...] virá contar mais uma história para eles. Expressam satisfação.

A professora acomoda-se no local central, cumprimenta o grupo de forma amigável e pergunta se vêm de longe. Os alunos respondem que não, vêm da [...]. Mas isso é muito longe! Diz a professora com espanto. Não! Respondem os alunos. A professora diz que estava a brincar, pois sabe que é mesmo ao lado da escola. Diz que vai contar uma história, mostra dois livros e pergunta se querem a da Carochinha ou a do Patinho Feio. Uns dizem uma outros dizem outra, mas de forma muito organizada. A professora diz, que vai contar a do Patinho feio, pois tem um filho que gosta muito. Embora com o livro na mão, a professora começa a contar, passando as folhas apenas para se orientar. Os alunos estão muito atentos e fazem expressões faciais, conforme as partes da história. A professora conta de forma muito expressiva e consegue provocar gargalhadas. Os meninos da frente, esticam o pescoço para conseguirem ver as imagens do livro que a professora folheia. No final há uma ovação e a professora diz: Então já nos podemos ir embora? Não! Respondem em coro e bem forte. Repetem várias vezes que não.

A professora diz ter outra história consigo, a da Carochinha! “Eu conheço essa!” Diz uma aluna. A professora diz para ouvirem com

NOTAS DA OBSERVAÇÃO:

muita atenção, porque vão descobrir que gostam.

Seguindo o mesmo método, a professora inicia o conto da história, uma vez mais de forma muito expressiva e dramatizando um pouco, provocando gargalhadas.

Quando chega à fase dos candidatos a marido da carochinha a professora faz os sons dos animais e solicita aos alunos que repitam. Há uma adesão geral e bem disposta! Quando chega a vez do gato, a história continua dizendo que a Carochinha vai casar com o gato. Há admiração nas carinhas e uma menina diz: “Mas era com o rato?” A professora continua, explicando que na cerimónia do casamento o gato salta para cima da carochinha para a comer. Há uma expressão geral – Ah! Mas ela consegue fugir, sendo ajudada pelo João Ratoão com quem vem a casar no fim. Nova salva de palmas e súplicas: Mais uma!

10 A professora condescende, dizendo que esta será então a última, pois tem meninos grandes à espera dela! Conta “A Raposa e o Lobo” Conta de forma tão expressiva, que uma vez mais tem todo o grupo a segui-la muito atentamente, emitindo Ah e OH, conforme os crescendos da história. No final há novamente palmas e os alunos pedem:

- Mais uma! Mais uma!

Outro aluno diz:

- Mais 40!

Outro ainda diz:

- Mais infinitos!

A coordenadora intervém:

- Bom, podemos propor outra sessão, noutra dia...

Uma das professoras diz:

- Vamos convidar esta professora para ir à nossa escola!

Alguns alunos respondem:

- Amanhã!

A professora diz:

- Amanhã não pode ser, porque eu sou professora aqui dos meninos maiores e amanhã estou com eles! Então na sexta-feira!

- Esta é a Semana da Leitura! Diz outro aluno.

A professora diz:

- Vamos combinar que quando tiverem uma história vossa para mim, eu vou lá para me contarem, está bem? Os alunos respondem:

- Nós já temos!

NOTAS DA OBSERVAÇÃO:

- Ah sim! E qual é? Pergunta a professora.

- A da Carochinha Vaidosa! Responde uma menina.

A professora dela que estava perto de mim, diz que é a história que leram hoje. Então uma menina muito direita e expressiva começou a contar a história, fez uma pausa e logo outra continuou, esta fez uma pausa e um menino apanha a deixa e continua. A história passou por estes 3 meninos mais uma vez até terminar. A professora agradece, despede-se e diz que vai combinar com as professoras. Os alunos dizem em coro:
- Até amanhã!

De forma ordeira levantam-se, a coordenadora diz que agora vão visitar a Feira do Livro, onde podem ver os seus trabalhos expostos. Saem ordeiramente da biblioteca e organizados em grupos visitam à vez o pequeno espaço da Feira, fazendo, alguns, aquisições.

FIM

REGISTO DE OBSERVAÇÃO DA ACTIVIDADE 2 COORDENADORA C

Actividade	Aula de Estudo Acompanhado – Articulação com a disciplina de História		
Data	21 de Maio de 2008	Ano de escolaridade	7º ano
		Nº de alunos	20
		Início	09h30
		Fim:	10h45m

NOTAS DA OBSERVAÇÃO:

- 1 Entro na biblioteca e vejo a coordenadora junto ao balcão de atendimento, que fica mesmo em frente à porta. Recebe-me muito amigavelmente. Refere que a funcionária não está hoje, dado haver uma greve, pelo que tem estado a assegurar o serviço da biblioteca. Fomos de seguida ao Conselho Executivo, que é pertinho. Cumprimentei os elementos presentes e informei de mais uma visita no âmbito do meu trabalho. Os elementos do órgão de gestão foram muito solícitos e atenciosos. Regressámos e continuamos a conversar sobre o trabalho na biblioteca e solicitei alguns dados à coordenadora, que tinha em falta. A coordenadora, consulta o inquérito que preencheu recentemente para a RBE e fornece-me os dados solicitados. Aproveito para solicitar a sua aprovação à entrevista que havia enviado entretanto e não tinha recebido a sua opinião. A coordenadora disse que sim, que estava tudo bem. Entretanto chega a turma que está agendada e olham para mim, denotando já terem conhecimento prévio da minha presença. Um grupo de alunos dirige-se ao balcão e solicita um livro para o trabalho de grupo. Outros referem que precisam de computadores.
- 10 Chegam entretanto dois professores de Estudo Acompanhado (Língua Portuguesa e Matemática) e a respectiva professora de História que está nas suas horas de trabalho na biblioteca (faz parte da equipa da biblioteca). Os alunos estão munidos de informação, organizada

numa “míca” sobre o trabalho a realizar. Percebo que são as orientações dadas pela respectiva professora. Os alunos sentam-se, organizando-se nas mesas, uns com computadores outros com livros. Muito ordeiramente trabalham, solicitando ajuda aos professores, com regularidade. Estes vão-se dividindo pelos grupos.

A biblioteca está aberta.

A coordenadora que inicialmente estava no atendimento, gerindo as requisições da turma, a devolução de computadores de outras turmas e a saída de alguns livros para cópia de páginas, dá agora, também, alguns esclarecimentos a alunos que solicitam.

- 20 O grupo de alunos que está mais próximo de mim, consulta os documentos orientadores fornecidos pela professora e conversam entre si sobre as tarefas a realizar. Decidem que vão fazer um PowerPoint sobre o tema - O Românico. A professora de História vai circulando pelos grupos, tirando dúvidas e orientando. O professor de Matemática resolve o problema de um dos grupos com o computador portátil que não está a funcionar.

NOTAS DA OBSERVAÇÃO:

Um aluno pede um lápis e logo uma colega lhe empresta um.

Alguns alunos consultam livros vários e outros fazem consultas via internet. A professora de História solicita a um dos grupos, um livro para outro grupo consultar por momentos. A professora de Língua Portuguesa auxilia um grupo que pesquisa na internet. A professora de História está agora com outro grupo explicando com base no guião que foi previamente fornecido. Os alunos fazem registo de notas e pedem explicação adicional, com base em informação lida num dos livros.

- Também vão fazer PowerPoint? Pode ser um cartaz ou um roteiro. Diz a professora de História.

- Um roteiro como? Pergunta uma aluna.

A professora explica, referindo que podem recorrer a um mapa e assinalar a localização de monumentos, um percurso com explicações....

10 Num outro grupo um aluno lê um trecho e troca impressões com outro colega do grupo. Os professores e a coordenadora vão circulando pelos grupos.

A professora de História sugere que é melhor gravarem nas respectivas *pens*, para os que estão a utilizar o computador. Entretanto a professora de Língua Portuguesa diz para gravarem na pasta de Área Projecto, pois têm lá os trabalhos.

Uma aluna pede uma caneta, a coordenadora fornece uma. Alguns alunos procuram nas estantes, com auxílio da coordenadora e depois sentam-se nos sofás, da zona informal, com os livros, consultando-os.

O trabalho decorre com normalidade e de repente toca para a saída. Rapidamente a biblioteca se enche de alunos. A turma depois de arrumar os materiais de trabalho, sai. Antes de saírem, a professora de História dá mais algumas orientações, relembando que o trabalho

vai ser continuado em Estudo Acompanhado.

No intervalo, vários alunos pretendem requisitar livros e outros devolver ou renovar. A coordenadora assegura o atendimento. Chega um professor que requisita um computador portátil. Uma aluna vem buscar uma flor e uma boneca que estavam guardadas aqui. Chega um funcionário com um conjunto de revistas. A todos a coordenadora atende.

FIM

ANEXO 13

ANÁLISE DA ACTIVIDADE 1 DA COORDENADORA C⁶

Actividade	Sessão para alunos do 1º CEB			
Data	5 de Março de 2008	Ano de escolaridade	1º ciclo	Nº de alunos
				50
				Início 14h00
				Fim: 14h45

CATEGORIAS	DADOS DAS NOTAS DE OBSERVAÇÃO	INFERÊNCIAS
<p>1. Planificação Conjunta</p>	<p>C «(...) dá início apresentando as alunas e explicando que elaboraram o texto da história com a sua turma e vêm apresentá-lo. (...) As três alunas tinham o texto impresso na mão e leram, à vez, o texto original que versava sobre uma história de amor, amizade e solidariedade.</p> <p>Os alunos estiveram sempre muito atentos e quietos. As professoras que os acompanhavam estavam umas sentadas, outras de pé, junto aos seus alunos, atentas e descontraiadas.»</p> <p>...</p> <p><i>C «(...) diz que agora vão visitar a Feira do Livro, onde podem ver os seus trabalhos expostos. Saem ordeiramente da biblioteca e organizados em grupos visitam à vez o pequeno espaço da Feira, fazendo, alguns, aquisições.»</i></p>	<p>Denota haver articulação com o professor da turma das alunas que vieram apresentar o seu trabalho.</p> <p>Os alunos sabiam o que ia passar-se, as professoras também, tudo foi organizado previamente.</p> <p>Na comemoração da Semana da Leitura, onde se integra esta actividade e a Feira do Livro, constata-se haver articulação com os professores e a coordenação da biblioteca, pois a Feira é acompanhada de exposição de trabalhos destes alunos e os alunos estão informados que há uma feira, vão fazer aquisições, o que implicou também articulação dos professores com os pais e encarregados de educação.</p>

⁶ Devido à frequência com que se utiliza a palavra coordenadora neste documento, relativa à coordenadora da biblioteca, esta será neste documento substituída por C, sempre que não se trate de citação extraída do registo de observação. Na segunda coluna da tabela, utilizamos alternadamente o itálico nas citações, apenas para facilidade de leitura.

<p>2. Desenvolvimento da actividade em conjunto</p>		<p>Não se recolheram elementos</p>
<p>3. Avaliação conjunta da actividade</p>		<p>No decurso da actividade não houve qualquer indício da existência de avaliação conjunta.</p>
<p>4. Envolvimento de conteúdos relativos à (s) disciplina (s)/conteúdo(s) em questão e no âmbito da acção da biblioteca</p>	<p>C «(...) refere que a professora [...] virá contar mais uma história para eles.» ... «A professora acomoda-se no local central, cumprimenta o grupo de forma amigável (...) Diz que vai contar uma história, (...)» ... «Uma das professoras diz: - Vamos convidar esta professora para ir à nossa escola! Alguns alunos respondem: - Amanhã! A professora diz: - Amanhã não pode ser, porque eu sou professora aqui dos meninos maiores e amanhã estou com eles! Então na sexta-feira! - Esta é a Semana da Leitura! Diz outro aluno. A professora diz: - Vamos combinar que quando tiverem uma história vossa para mim, eu vou lá para me contarem, está bem? Os alunos respondem: - Nós já temos! - Ah sim! E qual é? Pergunta a professora.»</p>	<p>A actividade insere-se na promoção da leitura, a desenvolver no âmbito sobretudo da língua portuguesa e da acção da biblioteca.</p> <p>No momento, surge a ideia e estabelece-se logo ali uma base de trabalho articulado.</p> <p>Os alunos denotam conhecer bem o que se está a passar, a Semana da Leitura, que sendo uma iniciativa da biblioteca, percebe-se ter sido trabalhada também pelos professores com as turmas, o que revela articulação.</p>

<p>5. Acção da coordenadora no decurso da actividade</p>	<p>C «(...) perguntou se haviam gostado. Todos responderam que sim. Perguntou ainda se queriam fazer alguma pergunta às meninas. Fez-se silêncio. A coordenadora referiu que quando quisessem fazer histórias na respectiva escola, também o poderiam fazer e vir contar aos mais velhos! Todos concordaram dizendo um sim massivo.»</p> <p>...</p> <p>C «(...) agradeceu e as meninas saíram. A coordenadora perguntou se queriam mais histórias. Responderam todos em coro: Sim!»</p> <p>...</p> <p>C «(...) intervém:</p> <p>- Bom, podemos propor outra sessão, noutra dia...»</p>
---	--

ANÁLISE DA ACTIVIDADE 2 - COORDENADORA C

Actividade	Aula de Estudo Acompanhado – Articulação com a disciplina de História		
Data	21 de Maio de 2008	Ano de escolaridade	7º ano
	Nº de alunos	20	Início: 09h30m Fim: 10h45m

CATEGORIAS	DADOS DAS NOTAS DE OBSERVAÇÃO	INFERÊNCIAS
<p>1. Planificação Conjunta</p>	<p>«Entretanto chega a turma que está agendada (...)»</p> <p>...</p> <p>«Chegam entretanto dois professores de Estudo Acompanhado (<i>Lingua Portuguesa e Matemática</i>) e a respectiva professora de História que está nas suas horas de trabalho na biblioteca (faz parte da equipa da biblioteca).»</p>	<p>A aula estava agendada previamente.</p> <p>O trabalho, para além da professora de História da turma, da biblioteca, envolveu também o Estudo Acompanhado e respectivos professores.</p>
	<p>«Um grupo de alunos dirige-se ao balcão e solicita um livro</p>	<p>Os alunos estavam preparados para a</p>

<p>2. Desenvolvimento da actividade em conjunto</p>	<p>para o trabalho de grupo. Outros referem que precisam de computadores.»</p> <p>...</p> <p>«Os alunos estão munidos de informação, organizada numa “mica” sobre o trabalho a realizar. (...) são as orientações dadas pela respectiva professora. Os alunos sentam-se, organizando-se nas mesas, uns com computadores outros com livros. Muito ordeiramente trabalham, solicitando ajuda aos professores, com regularidade. Estes vão-se dividindo pelos grupos.»</p> <p>...</p> <p>« Num outro grupo um aluno lê um trecho e troca impressões com outro colega do grupo. Os professores e a coordenadora vão circulando pelos grupos.</p> <p>A professora de História sugere que é melhor gravarem nas respectivas pens, para os que estão a utilizar o computador. Entretanto a professora de Língua Portuguesa diz para gravarem na pasta de Area Projecto, pois têm lá os trabalhos.»</p> <p>...</p> <p>« Uma aluna pede uma caneta, a coordenadora fornece uma.»</p>	<p>actividade e os vários professores envolvidos estavam articulados.</p> <p>Tanto os professores como a coordenadora acompanham o trabalho dos alunos.</p>
<p>3. Avaliação conjunta da actividade</p>	<p>«A professora de História vai circulando pelos grupos, tirando dúvidas e orientando. O professor de Matemática resolve o problema de um dos grupos com o computador (...).»</p>	<p>Não há registo de qualquer indicio nas notas de observação, relativo a avaliação conjunta da actividade.</p> <p>Constata-se a abordagem de um tema da disciplina de História, cruzando com a área</p>

<p>4. Envolvimento de conteúdos relativos à (s) disciplina(s) em questão e no âmbito da acção da biblioteca</p>	<p>... <i>«Alguns alunos consultam livros vários e outros fazem consultas via internet. A professora de História solicita a um dos grupos, um livro para outro grupo consultar por momentos. A professora de Língua Portuguesa auxilia um grupo que pesquisa na internet. A professora de História está agora com outro grupo explicando com base no guião que foi previamente fornecido. (...)</i> <i>Alguns alunos procuram nas estantes, com auxílio da coordenadora e depois sentam-se nos sofás, da zona informal, com os livros, consultando-os.»</i> ... <i>« Antes de saírem, a professora de História dá mais algumas orientações, relembrando que o trabalho vai ser continuado em Estudo Acompanhado.»</i></p>	<p>da Estudo Acompanhado e a biblioteca, ao nível da disponibilização de recursos e de auxílio na pesquisa, ou no processamento da informação.</p>
<p>5. Acção da coordenadora no decurso da actividade</p>	<p>« (...) vejo a coordenadora junto ao balcão de atendimento, (...) Recebe-me (...) Refere que a funcionária não está hoje, dado haver uma greve, pelo que tem estado a assegurar o serviço da biblioteca.» ... <i>« A coordenadora que inicialmente estava no atendimento, gerindo as requisições da turma, a devolução de computadores de outras turmas e a saída de alguns livros para cópia de páginas, dá agora, também, alguns esclarecimentos a alunos que solicitam.»</i></p>	<p>A coordenadora não tem um papel de relevo na actividade, surge como alguém que cria as condições para que a aula aconteça.</p>

ANEXO 14

NOTAS DE CAMPO

ESCOLA B – Actividade 1- 28 DE FEVEREIRO DE 2008

Antes da actividade:

10 Cheguei à escola pelas 14h20, do dia 28 de Fevereiro, depois de algumas peripécias para encontrar o caminho certo. O ambiente era calmo. Dirigi-me à biblioteca, onde a funcionária me recebeu com simpatia e me informou que a coordenadora devia estar a chegar do almoço com o escritor. A sala da biblioteca estava transformada, com muitas cadeiras e com estantes arredadas para deixar espaço para o alunos se sentarem. Ao cimo estava uma mesa, onde se percebia que iria ficar o escritor. Alguns alunos já estavam na sala, poucos e respectivos professores. Estes ocupavam-se entre os lugares sentados e a mesa onde estavam livros do escritor para venda. Aproveitei para ver a exposição bibliográfica do autor e de trabalhos dos alunos do 2º ciclo, sobre o escritor e sua obra. Os trabalhos eram interessantes, demonstrando ter havido trabalho nas aulas à volta da obra deste autor e não só nas aulas de Língua Portuguesa, porque para além de haver uma apresentação em PowerPoint, dum turma sobre o escritor e vários trabalhos escritos do mesmo âmbito, havia desenhos, com base em capas de livros, maquetas de casas e representações tridimensionais de personagens de histórias dos livros lidos. Uma dessas representações das personagens, utilizando cortiça e outros materiais, tinha na legenda a informação de ter sido elaborada pelo aluno, com a ajuda dos avós paternos, o que permite ver como a actividade ultrapassou as paredes da escola e teve inter-relação com a família, envolvendo-a.

20 Foram chegando mais alunos e respectivos professores, que iam tomando os seus lugares. A biblioteca enchia... Entretanto chega a coordenadora, dizendo que o escritor está a chegar a qualquer momento. Confere as coisas, há um alarme de que talvez os lugares não cheguem para todos, mas ela refere que havia pessoalmente contado tudo e que tinha a certeza que sim. Chega o escritor com alguns professores e membros do Conselho Executivo e cumprimentam-me à entrada.

Após um pequeno período de organização iniciou-se a sessão.

Após a actividade:

30 Concluída a actividade, houve ainda um pequeno período de conversa com o escritor e troca de impressões sobre a actividade. O escritor refere que apesar de haver um pilar numa parte da sala isso não foi impeditivo de todos verem bem e ele também ver todos. A coordenadora refere que testou isso com colegas, sentando-se uns nos lugares, outros na mesa, para ver se tudo estava bem posicionado. A escola ofereceu um lanche e no final, após a saída do escritor, pude trocar algumas palavras com a coordenadora, sobre a forma como preparou a actividade, tendo-me dito que constatando que havia muitas requisições de professores e alunos das obras deste escritor, resolveu propor aos professores a vinda do autor à escola. Assim, fez a proposta ao coordenador do 1º ciclo, em conversa informal. Este professor levou a proposta a conselho de docentes, que a aprovaram e a coordenadora fez todo o trabalho logístico de contactos e organização da actividade, em parceria com a autarquia, tendo assim alargado esta actividade às outras escolas do concelho. Foram também envolvidos os professores e alunos do 2º ciclo.

ESCOLA B – Actividade 1- 28 DE FEVEREIRO DE 2008

10 A coordenadora referiu que as actividades de abertura da sessão por parte dos alunos do 1º ciclo foram preparadas pelas turmas da escola sede, devido à proximidade, sendo mais fácil gerir e articular. Os restantes alunos e professores do agrupamento trabalharam a obra do autor através de maletas de recursos que circulam regularmente no agrupamento.

Quando questionei sobre a forma de avaliação da actividade, como seria, a coordenadora referiu que a avaliação cada um fazia, a coordenadora fazia a avaliação da biblioteca e os professores faziam a sua avaliação.

20 Conversámos sobre a próxima actividade a observar e referi que gostaria de ver um trabalho com uma turma em concreto e a coordenadora sugeriu-me assistir a uma sessão realizada por uma turma do Curso de Educação e Formação de Acção Social. Contextualizou-me a actividade explicando que um dia na sala de professores, a professora responsável pelo curso, conversava dizendo que precisa de encontrar actividades práticas para os alunos realizarem. A coordenadora interveio sugerindo uma parceria com a Biblioteca, na dinamização de actividades. Assim começou esta articulação, as alunas preparam dentro dos seus conteúdos uma dinamização para outros alunos. Será uma actividade destas que observarei da próxima vez.

Estávamos na sala de professores e o ambiente era cordial e de amizade. Todos conversam...

Despedi-me da coordenadora e dos professores e atravessando uma escola em plena calma, saí. Eram 18h00.

ESCOLA A – Actividade 1– 4 DE MARÇO DE 2008

Antes da actividade:

9h45m – chego à escola A. A coordenadora está na sala de professores, junto ao bar de professores, bem como várias outras pessoas. Cumprimento, sou recebida muito calorosamente e em seguida apresentada aos professores e funcionários da secretaria presentes. A Semana da Leitura que agora decorre é o tema da conversa, bem como a participação de alguns dos presentes em sessões de leitura.

10 Entro na conversa, de repente começam a chegar mais professores. É o intervalo. Vários se dirigem à coordenadora, que é solicitada: uma questiona sobre a actividade seguinte, outra pergunta se a coordenadora estará na biblioteca, nas horas seguintes, pois necessita colaboração para arranjar um conjunto de adereços para a actividade de sexta-feira. Outra chama a atenção para as notícias do jornal que dão conta da nomeação dos elementos da Comissão Científica da Avaliação de Professores.

Um professor passa e pergunta à coordenadora se aquilo ficou bem. Esta confirma e diz que já duplicou para a escola do 1º ciclo. Uma funcionária chega e diz à coordenadora que é solicitada na biblioteca. Esta levanta-se e abraçando a funcionária, diz que ela amanhã irá ler um poema a uma turma. Faz-me sinal para sairmos. Logo à saída, no hall, mostra-me a exposição alusiva à Semana da Leitura. Está muito bem graficamente e em termos de conteúdo. É atractiva.

20 Subimos e logo ao cimo das escadas, é a biblioteca. No cimo das escadas está também um hall, para onde dá a porta de vidro da biblioteca. Aí se encontra mais uma exposição de trabalhos de alunos sobre leituras do Plano Nacional de Leitura. Trabalhos muito bons, nomeadamente pelos desenhos feitos pelos alunos, alusivos às obras e que realmente

ESCOLA A – Actividade 1– 4 DE MARÇO DE 2008

chamaram a minha atenção, pela sua qualidade. À direita fica o auditório. Entramos e aí já estava a turma que ia apresentar a actividade, com a respectiva professora a tratar dos últimos preparativos. Estava um projector ligado a um computador portátil, projectando um slide de abertura para a Semana da Leitura:

Biblioteca Escolar da (nome da escola)

Semana da Leitura 2007/2008

O Auditório está decorado com os mesmos motivos da temática da semana que se encontravam no hall do r/c, com frases alusivas à leitura.

30 Fui apresentada à professora de Ciências da Natureza e a outra professora que a auxiliava. Alguns alunos demonstravam algum nervosismo e trocavam impressões uns com os outros com papéis na mão.

Faltava chegarem duas turmas e aguardou-se um pouco até que chegaram... Após a sua chegada, a coordenadora deu início à sessão.

Após a actividade:

No final fomos até à biblioteca onde conversámos um pouco antes da sessão seguinte que a professora iria coordenar. Aí informou-me que a preparação desta actividade tinha decorrido com a professora [...], mas que até não tinha havido necessidade de muita articulação em particular, uma vez que a professora faz parte da equipa da biblioteca e tudo é mais fácil em termos de contactos.

Quanto às outras actividades de leitura de textos foram articuladas com o departamento de Língua Portuguesa que a professora integra, sendo já normal este tipo de colaboração. Os professores aderiram.

ESCOLA C – Actividade 1 - 5 DE MARÇO DE 2008

Antes da actividade:

Cheguei à escola, eram 12h30m sensivelmente. O dia estava primaveril, com um sol quente. A actividade estava prevista para as 13h30m. Depois de me identificar e passar o portão principal, cheguei à porta da escola, larga e toda envidraçada, entrando no hall, logo vi a coordenadora e mais uns dois membros da equipa, que junto aos painéis com a exposição de trabalhos sobre leituras de alunos do 1º ciclo, tinham uma Feira do Livro, com uma oferta considerável de títulos, quer para crianças e jovens, quer para adultos.

10 Após o cumprimento inicial, e a explicação do que ali acontecia, a coordenadora, disse que tinham começado com uns poucos livros, mas que ontem teve necessidade de ir à livraria buscar mais, pois a procura foi tanta, bem como as encomendas que não conseguiam dar resposta. Perguntou-me se ia almoçar. Eu disse que não iria já, talvez depois da actividade. Ela disse que iria almoçar nesta altura, que era o único horário possível, se eu quisesse podia acompanhá-la. Concordei e fomos almoçar à cantina, depois de vermos da viabilidade de àquela hora poder fazê-lo, sem prévia marcação. Foi viável e foi com surpresa que li a ementa para a qual a coordenadora me chamou à atenção. Na verdade, os pratos estavam listados, mas com brincadeiras associadas à leitura e autores, como por exemplo: Caldo de Cesário – era caldo Verde e outras que não consegui reter. Sentámo-nos e logo de seguida sentou-se ao pé de nós outro professor, mas que foi de poucas palavras. Nós fomos conversando sobre as actividades e a coordenadora disse que iria assistir a uma

20 sessão de conto para alunos do 1º ciclo, da escola contígua (a cerca de 300 metros). Uma colega iria contar uma história... entretanto há uma professora que vem com o tabuleiro e se senta junto a nós. A coordenadora apresenta-a como sendo professora de Música e como sendo a pessoa que ia contar a história a seguir.

Ela disse estar um pouco indecisa, entre a história do Patinho Feio e uma versão diferente da Carochinha. Referiu que o filho adora a do Patinho Feio. Partilhámos algumas experiências de contar histórias. Entretanto outra professora se sentara ao lado da coordenadora e foram conversando.

30 Terminado o almoço, eu e a coordenadora fomos tomar um café ao bar e ela entretanto disse-me que a professora que se sentara ao seu lado, era de Inglês e que ao saber das iniciativas da Semana da Leitura, tomou a iniciativa de ir falar com a coordenadora e propor que alunos seus contassem uma história elaborada por eles. A coordenadora explicou-me então que para além da professora que vai contar a história, três alunas desta professora, de 7º ano vão também contar a sua história, elaborada nas aulas de Formação Cívica.

Relativamente aos alunos do 1º ciclo, questionei a coordenadora sobre como foi preparada a actividade com os professores, ao que me respondeu que tal como para o agrupamento em geral a proposta foi feita em Conselho Pedagógico e o representante do 1º Ciclo levou o assunto a reunião de Conselho de Docentes. Por seu lado, a coordenadora contactou o representante do 1º ciclo, do Conselho Executivo, que também foi elemento de divulgação e articulação, bem como o professor que está no Plano da Língua Portuguesa. Explicou-se o que se iria fazer e mostrou-se disponibilidade para apresentarem sugestões. Como se está a lançar agora a primeira itinerância de recursos pelo agrupamento, através de baús de recursos, a coordenadora explicou que na semana passada foi entregá-los às escolas e aproveitou para falar com os professores sobre as actividades da Semana da Leitura.

10 No final do café, chega uma rapariga, que deduzi ser funcionária da escola e que começa a falar com a coordenadora sobre os livros que solicitara, procurando saber se havia conseguido trazê-los. A coordenadora disse que sim e que havia mais interessantes para passar por lá (pela Feira do Livro). Fomos andando para a Biblioteca, os alunos ainda não haviam chegado. Estava uma aluna alta junto ao balcão e mais três alunos perto dela a conversar. A coordenadora perguntou se pretendiam alguma coisa, a rapariga alta referiu que estava a tomar conta da biblioteca por um bocadinho, porque estavam todos na Feira do Livro e os outros disseram estar a fazer companhia. Continuámos a conversa e a coordenadora explicou que o lançamento da itinerância ficou pronto neste calendário e aproveitou-se a Semana da Leitura para o arranque do seu funcionamento. Esta actividade, realizada hoje para o 1º ciclo, na sede do agrupamento, não é inédita, mas este ano segundo a coordenadora, insere-se num plano mais abrangente de alargamento dos serviços de biblioteca ao agrupamento todo, embora tenha pena de não ter ainda recursos suficientes para proporcionar a itinerância a todo o agrupamento, em simultâneo.

20 Falou com sorriso nos lábios da experiência de levar os baús às escolas e jardins. No mesmo momento foi contado um conto, pela equipa da biblioteca e refere com alegria que houve casos de meninos que quiseram retribuir contando um conto também. Salienta que foi muito gratificante.

Entretanto chega a professora que almoçara ao lado da coordenadora com 3 alunas explicando à coordenadora que eram aquelas alunas que iriam apresentar a história. Estas foram para a zona preparada para o efeito, a meio da Biblioteca, onde estavam algumas cadeiras organizadas e duas mantas no chão.

A rapariga alta que assumiu o espaço da biblioteca, veio dizer que tinha que sair, pois tinha autocarro e como estavam para chegar uns meninos do 1º ciclo, ela não sabia se ao sair tinha que fechar a porta. A coordenadora disse que não, que iria ficar ali, pois estava à espera deles. À entrada da biblioteca, no corredor, havia uma mesa comprida com

ESCOLA C – Actividade 1 - 5 DE MARÇO DE 2008

trabalhos dos alunos, eu fui ver e a coordenadora foi até à entrada da escola, na zona da Feira ver se já haviam chegado o alunos do 1º ciclo.

A exposição estava interessante, havia trabalhos escritos sobre o livro “Um rapaz Invulgar”, vários. Havia maquetas de casas do livro “A Casa das Bengalas”, do castelo de “El Rei Tadinho”, da cidade de “Um rapaz Invulgar”. Havia um jogo de leitura, inspirado no Monopólio, mas sobre este último livro. Tinha cartas ao centro com perguntas sobre o livro, os pinos tinham a casa do menino, tirada da ilustração do livro, o jogo tinha uma caixa própria feita com cartolina e uma caixa para colocar as questões e os pinos e os dados. Havia um “El Rei Tadinho” feito em pasta de papel e outra personagem desta história feita em massa de pão. Havia bengalas...

Finalmente chegaram os professores e os alunos, que vieram a pé.

Entraram para a biblioteca e foram-se acomodando nas cadeiras e na manta. Um grupinho de três rapazes, foi de imediato para um dos corredores de estantes, um deles tirou um livro ilustrado sobre tubarões e sentaram-se à chinês a ver o livro. A professora chamou-os, mas mantiveram-se e entretanto tiraram mais um livro da mesma colecção. A professora veio novamente chamá-los e então arrumaram o livro, noutra prateleira e lá foram tomar o seu lugar.

Iniciou-se a sessão.

Após a actividade:

No final da actividade, a coordenadora pediu desculpa mas tinha que sair, uma vez que tinha uma reunião concelhia e já estava um pouco atrasada, disse que a seguir podiam ir visitar a Feira do Livro. No final as professoras referiram à coordenadora que vão explorar, com os alunos, as histórias contadas.

ESCOLA B – Actividade 2 – 23 DE ABRIL DE 2008

Antes da actividade:

Cheguei à escola e o ambiente era bastante calmo. Dirigi-me à biblioteca, onde estava a coordenadora com a funcionária. Receberam-me com muita simpatia e a coordenadora convidou-me para um café. Fomos até à sala de professores, bem próximo. Aí estavam três professoras a trabalhar numa mesa e a coordenadora apresentou-me. Uma destas professoras é responsável pela actividade - professora de Língua Portuguesa. Conversámos um pouco sobre a actividade. Essa professora explicou que se trata duma actividade que faz parte do currículo da Língua Portuguesa e de Nutrição. Questionei sobre a forma como articularam, a professora disse que estava na planificação de Língua Portuguesa e de Nutrição e que articularam com a coordenadora da biblioteca de forma informal. Quanto à avaliação, as professoras disseram que cada uma fazia a sua. A coordenadora, fazia das actividades da biblioteca e levava o seu relatório a Conselho Pedagógico e as professoras da turma, fazem a sua avaliação normal da actividade.

10

As alunas deste curso são “muito difíceis”, com “casos complicados” na sua vida pessoal e familiar, segundo as professoras.

Entretanto está na hora da professora ir andando para ver se está tudo pronto. Fomos todas para a biblioteca.

Após a actividade:

Terminada a aula, conversei um pouco com os professores e a coordenadora. A professora de História referiu que na aula anterior fez uma introdução ao trabalho, utilizando como suporte uma apresentação em PowerPoint. Disse ser a primeira vez que fazia este tipo de trabalho com esta turma. Os materiais utilizados são da biblioteca, alguns preparados pela professora e outros dos professores. A biblioteca teve dificuldade em encontrar os materiais necessários. A professora de História preparou os recursos necessários para a aula antecipadamente, através de contactos informais. Neste momento já é possível e estão encomendados livros, para necessidades futuras. No Conselho de Turma será referenciada a colaboração entre a História, o Estudo Acompanhado e a biblioteca. A avaliação da actividade será ao nível de História e de Estudo Acompanhado e a biblioteca também fará a sua avaliação. Os professores de Língua Portuguesa e Matemática revelaram que identificam nestes alunos dificuldades de interpretação, o que é sustentado também pelos resultados das provas aferidas.

10

A professora de História refere que ao planificar esta aula teve em consideração conhecimentos que apreendeu numa formação recente da área das bibliotecas escolares. Foi-me entregue um exemplar dos materiais fornecidos aos alunos.

O conjunto era constituído por:

- Um Guião para o trabalho, explicando o que se pretende e contextualizando. O Guião insere orientações muito concretas, inclusive de comportamento na biblioteca.

20

- Um Guião de Pesquisa de Informação, adaptado pela professora de História, com base em guiões existentes - tem 10 etapas. Considera o registo e monitorização regular do avanço do trabalho em cada grupo.

- Um desdobrável da biblioteca sobre “Como Elaborar um Trabalho”

- Uma folha A4, recurso também da biblioteca, com orientações sobre como fazer e apresentar uma bibliografia num trabalho.

OBSERVAÇÃO DA ACTIVIDADE 2 -COORDENADOR A - 12 DE JUNHO DE 2008

Após a actividade:

Em conversa posterior com as professoras, pudemos apurar que esta actividade foi realizada pela primeira vez no ano passado e este ano está a ser repetida. A planificação foi feita em articulação entre a professora de Ciências Naturais, a coordenadora da biblioteca e a área de Estudo Acompanhado.

A coordenadora explicou que no ano anterior, se fez um trabalho enorme de pesquisa, com a professora de Ciências da Natureza, para realizarem as perguntas e encontrarem os livros certos, para que a actividade se pudesse realizar desta forma. As professoras planificaram e executaram juntas. A avaliação também será em conjunto, feita pela classificação dos grupos e por um pequeno questionário que será passado aos alunos na aula de Estudo Acompanhado.